



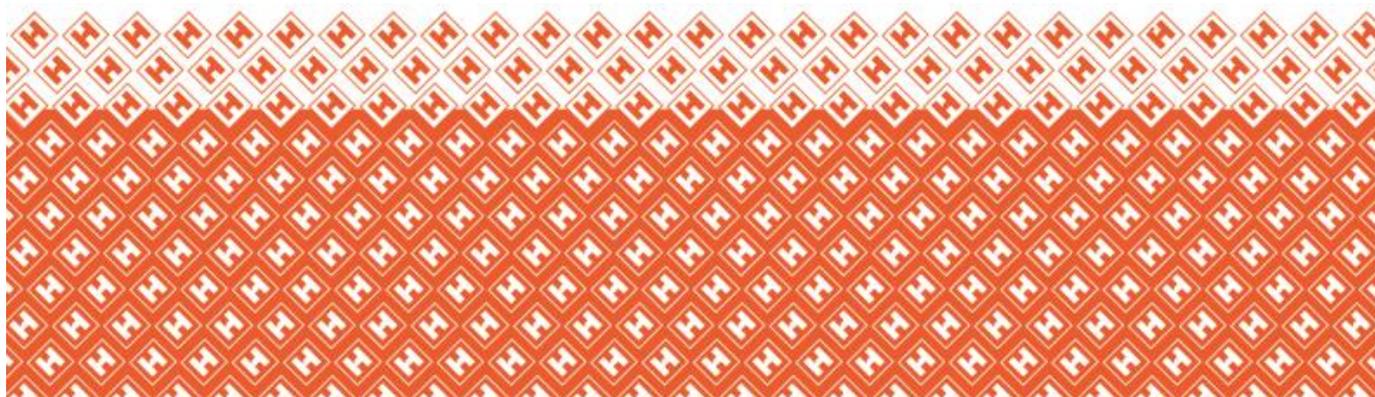
PROF HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE (UFS)

LÍDIA RAMOS DO NASCIMENTO

**PROMOVENDO O INTERESSE PELA APRENDIZAGEM HISTÓRICA DOS
ALUNOS DO ENSINO MÉDIO: A HISTÓRIA DO TEATRO SÃO JOÃO DA BAHIA
(1812-1923) COMO ELEMENTO MEDIADOR**

**São Cristóvão, SE
2023**



LÍDIA RAMOS DO NASCIMENTO

PROMOVENDO O INTERESSE PELA APRENDIZAGEM HISTÓRICA DOS ALUNOS
DO ENSINO MÉDIO: A HISTÓRIA DO TEATRO SÃO JOÃO DA BAHIA (1812-1923)
COMO ELEMENTO MEDIADOR

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória), da Universidade Federal de Sergipe (UFS) como requisito final para obter o título de Mestre em Ensino de História.

Orientadora: Profa. Dra. Janaina Cardoso de Mello
Linha de Pesquisa: Saberes históricos em diferentes espaços de memória.

São Cristóvão, SE
2023

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

N244p Nascimento, Lídia Ramos do.
Promovendo o interesse pela aprendizagem histórica dos alunos do ensino médio : a história do teatro São João da Bahia(1812-1923) como elemento mediador / Lídia Ramos do Nascimento; orientadora Janaína Cardoso de Mello. – São Cristóvão, SE, 2023.
132 f. : il.

Dissertação (mestrado profissional em Ensino de História) –
Universidade Federal de Sergipe, 2023.

1. História – Estudo e ensino - Bahia. 2. Aprendizagem ativa. 3. Teatro. 4. Memória. 5. Patrimônio cultural. I. Mello, Janaína Cardoso de, orient. II. Título.

CDU 930.2

LÍDIA RAMOS DO NASCIMENTO

PROMOVENDO O INTERESSE PELA APRENDIZAGEM HISTÓRICA DOS ALUNOS
DO ENSINO MÉDIO: A HISTÓRIA DO TEATRO SÃO JOÃO DA BAHIA (1812-1923)
COMO ELEMENTO MEDIADOR

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino
de História, pela Universidade Federal de Sergipe.

_____ em 24 de julho de 2023.

Banca Examinadora

Profa. Dra. Janaina Cardoso de Mello
ProfHistória/UFS - Orientadora

Profa. Dra. Áurea da Paz Pinheiro
ProfHistória/UFPI

Profa. Dra. Cleide de Lima Chaves
ProfHistória/UESB

Prof. Dr. Joaquim Tavares da Conceição
ProfHistória/UFS

DEDICATÓRIA

Dedico à minha mãe Almerinda Ramos do Nascimento, minha primeira professora, meu grande amor e razão do meu viver!

Ao meu pai amado José Ferreira do Nascimento
(*In memoriam*).

Aos meus queridos alunos, motivo deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

*Você não sabe o quanto eu caminhei
Pra chegar até aqui
Percorri milhas e milhas antes de dormir
Eu nem cochilei
Os mais belos montes escalei
Nas noites escuras de frio chorei ei ei ei
A vida ensina e o tempo traz o tom
Pra nascer uma canção
Com a fé o dia a dia encontro solução
Encontro a solução
Quando bate a saudade eu vou pro mar
Fecho os meus olhos e sinto você chegar
Você chegar*

(Estrada – Cidade Negra).

A letra dessa música traduz os meus sentimentos e experiências, de modo que não conseguiria chegar ao final dessa caminhada sem ajuda, apoio e incentivo da minha família, professores e amigos. Aprendi que nunca devemos desistir de nossos sonhos.

Agradeço a Deus, autor e consumidor de minha fé, sem ele nada posso, nada sou! Meu consolo e alento nos momentos de crise!

À minha amada mãe, Almerinda, mulher de fibra, guerreira e amorosa pela minha educação e por sempre me apoiar e incentivar.

Ao meu amado pai Ferreira (*in memoriam*), que sempre me chamava de professorinha com muito orgulho.

Às minhas amadas irmãs: Ernestina, Maria e Marta que nunca desistiram de mim e sempre me incentivaram a nunca desistir de meus sonhos.

Aos meus amados irmãos Renan, Severino e José.

Aos meus queridos sobrinhos: Suzana, Jamile, Thiago, Pâmela, João Victor, Marianna e Alice. E a Pedro, o meu sobrinho neto que está chegando!

Às minhas cunhadas Sílvia e Elisabeth (*in memoriam*).

Aos meus cunhados Jurandy e Bonfim. Só tenho gratidão por minha família Buscapé! Amo vocês!

À minha querida orientadora, Profa. Dra. Janaina Cardoso de Mello, por ter me acolhido e acreditado em mim, ao aceitar a minha orientação, por sua sensibilidade, por sua competência, dedicação, paciência e pelos ensinamentos e trocas de experiências, minha eterna gratidão!

Ao querido professor Dr. Itamar Freitas de Oliveira por sua orientação, dedicação, competência, paciência e compreensão em “minhas crises” e pelos ensinamentos passados, no início desse trabalho, meu muito obrigada!!

Aos professores Dr. Alfredo Eurico Rodrigues Matta, querido amigo e professor desde a minha graduação na Universidade Católica da Bahia, e Dr. Fábio Alves Santos pelas contribuições na minha banca de qualificação na feitura desse trabalho.

Aos professores membros da minha banca de defesa, Profa. Dra. Áurea da Paz Pinheiro, Prof.^a Dr^a Cleide de Lima Chaves e o Prof. Dr. Joaquim Tavares da Conceição, minha gratidão.

À Prof^a Museóloga e Doutoranda em Ciência da Informação, Priscila de Jesus pelo belo texto de apresentação do Manual de Educação Patrimonial, minha gratidão.

Aos professores do mestrado em Ensino de História – Prof. História da UFS – Universidade Federal de Sergipe: Itamar, Marizete, Lucas, Janaina, Andreza Maynard, Paulo Heimar, Fábio, Joaquim e Dilton Maynard pelas aulas maravilhosas, pelos ensinamentos passados. Muito obrigada, mestres queridos!

Aos colegas da turma do ProfHistória de 2020, agora amigos pelas experiências compartilhadas, pelos conhecimentos trocados, risadas e choros compartilhados, apesar da distância física, estávamos perto do coração um do outro. Amo vocês!! Meu agradecimento especial à Leila, Caroline, Lidiane, Jussara, Midiane, Simone, Ruy, Francisco, Fabiane e Lauro que sempre estavam prontos a me ajudar e me incentivar nessa caminhada!

À secretária do ProfHistória querida Fabiana, sempre pronta a nos ajudar e resolver nossos problemas, obrigada!

Aos meus amados alunos de ontem e de hoje, meus professores para a vida toda!

Aos meus colegas e Equipe Gestora do Colégio Estadual Rotary pelo incentivo: Juliana Novaes, Siomara, Jorge, Simone, minha coordenadora, e em especial aos colegas Erweuter Volkart, Jocelita Rocha e Maria Antônia Lima Gomes pelo apoio, incentivo e colaboração na realização desse trabalho. A Airton pela força e incentivo, nas trocas em nossas conversas sobre os nossos estudos e pesquisa no ProfHistória. Não poderia deixar de agradecer aos colegas e amigos de Humanas do Rotary: Carlos Santana amigo desde os tempos do pré-vestibular; Simone Ramalho, Manoel, Hernane, Luís Carlos, Cássio, Cinara, Antônio Wanderley, Vandilson, Nide, Cláudia Rojas e aos demais colegas.

Aos colegas e amigos do Colégio Estadual José Tobias Neto por contribuírem no meu crescimento profissional e pessoal, em especial à colega Verônica Pereira, Cláudia Virgínia Borges e Teresa Alvim (Teka) pelo incentivo, apoio e experiências compartilhadas.

Aos colegas da graduação de História da Universidade Católica de Salvador, da turma 1989.1, hoje amigos, onde o sonho começou, obrigada por todas as experiências vividas!

Agradecimento especial a Carlos Zacarias Senna Júnior, obrigada por você nunca ter desistido de mim! Valeu o incentivo! Amo vocês!

Agradecimento especial ao amigo Iuri Roberto Ramos (*in memoriam*), de onde você estiver, sei que está torcendo por mim! Te amo, amigo! Saudades eternas!

Ao amigo Francisco Denis Gomes (*in memoriam*) apesar de não nos conhecermos pessoalmente, você também contribuiu para a realização desse sonho, fazíamos parte do grupo de estudos no *whatsApp* para o ProfHistória, criado em 2017 e aos demais colegas desse grupo. Nele acalentávamos o sonho de ingressar no mestrado e trocávamos conhecimentos, experiências e boas risadas! Conseguimos ingressar nesse mestrado! Agora você deve estar fazendo graça aí no céu, querido amigo!

Aos meus amigos pela compreensão nas ausências, nesse período de estudos, pela paciência e incentivo, meu muito obrigada! Em especial à minha amiga irmã Marenice Costa, a Alaise Araújo e a Janísia Oliveira pelas suas orações, apoio, palavras de incentivo nos momentos de crise! Amo vocês!

Obrigada a todos que contribuíram direta e indiretamente para a realização desse sonho!!

A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem!

(Paulo Freire)

RESUMO

A pesquisa dissertativa, na área do Ensino de História, apresenta uma discussão sobre a promoção do interesse pela aprendizagem histórica dos alunos do Ensino Médio a partir da história do Teatro São João da Bahia (1812-1923), enquanto elemento mediador e objeto de investigação para um maior aprofundamento no estudo da história local, da memória e da identidade na vertente dos estudos sobre o patrimônio cultural em Salvador. Diante do quadro de desmotivação antes e durante a pandemia da Covid19 (2020-2021) me inquietava a seguinte questão: “Como aumentar o interesse dos alunos pela disciplina História no Ensino Médio?” Como objetivos específicos do trabalho, elenquei: 1. Diagnosticar o nível de conhecimento dos alunos do Colégio Estadual Rotary, sobre a história urbana de Salvador e seus teatros; 2. Identificar e selecionar episódios da história do Teatro São João, da Bahia, relacionados à história local; 3. Construir narrativas sobre o Teatro São João da Bahia que expliquem e motivem seu estudo a partir da concepção de patrimônio cultural; 4. Elaborar sequências didáticas com o emprego de fatos da história do Teatro São João da Bahia; 5. Aplicar o Workshop online sobre o Teatro São João, de modo a potencializar o sentimento de pertença dos alunos pelo local onde moram e, assim, ampliar o valor de aprendizagem histórica nas suas vidas; 6. Avaliar os resultados pedagógicos da aplicação (dificuldades e avanços); 7. Criar um Manual de Educação Patrimonial para a aplicação do Workshop sobre o Teatro São João. O norteamento teórico foi dado pela leitura de autores como Sílio Boccanera Jr, Saas e Liba, Rusen, Maria Auxiliadora Schmidt e Cainelli, Paul Ricoeur, Áurea Pinheiro, Sandra Pelegrini, Jacqueline Zarbato e Janaina Mello, dentre outros. A metodologia deste trabalho foi dividida em duas vertentes, tendo em vista a sua concepção teórica e prática. Foram realizados levantamento de dados bibliográficos em várias bases de dados, submetidos aos procedimentos analíticos conforme Bardin (2011). Adotou-se procedimentos metodológicos qualitativos a partir de questionários estruturados aplicados aos alunos do Ensino Médio e analisados em seus dados estatísticos. Na parte prática, houve planejamento dialógico, sequências didáticas com a seleção do material imagético, audiovisual e aplicação das atividades de Educação Patrimonial no formato de um Workshop *online*, via plataforma *Google Meet*, aos alunos do 2º ano do Ensino Médio, do Colégio Estadual Rotary, Salvador (BA). Como produtos, apresentou-se um Manual de Educação Patrimonial com um roteiro de replicação deste para os professores da Educação Básica que, assim, desejarem fazê-lo, um *site* e um Diário de Bordo das atividades realizadas.

Palavras-chave: Teatro São João da Bahia; Educação Patrimonial; Ensino de História; Memória; Interesse.

ABSTRACT

The dissertation research in History Teaching presents a discussion on the promotion of interest in the historical learning of high school students from the history of the São João da Bahia Theater (1812-1923), as a mediating element and object of investigation for a greater deepening in the study of local history, memory, and identity in the field of studies on cultural heritage in Salvador. Faced with the situation of demotivation before and during the Covid19 pandemic (2020-2021), I was concerned about the following question: "How to increase the interest of students in the discipline History in High School?" As specific objectives of the work, I listed: 1. To diagnose the level of knowledge of the students of the Rotary State College, about the urban history of Salvador and its theaters; 2. Identify and select episodes from the history of Teatro São João, Bahia, related to local history; 3. Construct narratives about the São João da Bahia Theater that explain and motivate its study from the conception of cultural heritage; 4. Elaborate didactic sequences with the use of facts from the history of the São João da Bahia Theater; 5. Apply the online Workshop on the São João Theater, in order to enhance the students' sense of belonging to the place where they live and thus expand the value of historical learning in their lives; 6. Evaluate the pedagogical results of the application (difficulties and advances); 7. Create a Heritage Education Manual for the application of the Workshop on the São João Theater. The theoretical guidance was given by reading authors such as Silio Boccanera, Saas and Liba, Rusen, Maria Auxiliadora Schmidt and Cainelli, Paul Ricoeur, Áurea Pinheiro, Sandra Pelegrini, Jacqueline Zarbato and Janaina Mello, among others. The methodology of this work was divided into two strands, in view of its theoretical and practical conception. Bibliographic data were collected in several databases, submitted to analytical procedures according to Bardin (2011). Qualitative-quantitative methodological procedures were adopted based on structured questionnaires applied to high school students and analyzed in their statistical data. In the practical part dialogical planning, the didactic sequences with the selection of the imagery material, audiovisual and apply the activities of Heritage Education in the format of an online Workshop, via Google Meet platform, to the students of the 2nd year of High School, of the Rotary State College, Salvador – BA. As products, a Manual of Heritage Education was presented with a script of replication of this for teachers of Basic Education who so wish to do so, a website and a Logbook of the activities carried out.

Keywords: São João da Bahia Theater; Heritage Education; History Teaching; Memory; Interest.

Lista de Figuras

Figura 1 – Diagrama das concepções de Interesse (autores e conceitos)	26
Figura 2 – Metodologia para Educação Patrimonial proposta no Guia do IPHAN.	33
Figura 3 - Grande Teatro da Bahia.	39
Figura 4 - Teatro São João e Largo do Teatro, 1865	40
Figura 5 - Imagem colorizada do Teatro São João	41
Figura 6 - lustração do Teatro São João (1832).....	41
Figura 7 - Plateia do Teatro São João no final do século XIX	41
Figura 8 - Reconstituição da planta do Teatro São João, 1812, BA, por M ^a . Antônia L. Gomes.	42
Figura 9 - Painel da Educação Patrimonial no despertar de identidades culturais individuais e coletivas na Educação Básica.	51
Figura 10 - Cartografia de Salvador com destaque para o Colégio Rotary Itapuã, Salvador (BA)	54
Figura 11 - Visão por satélite das imediações do Colégio Rotary Itapuã, Salvador (BA)	56
Figura 12- Rota do Colégio Rotary Itapuã até a Praça Castro Alves, Salvador (BA).....	56
Figura 13 - Cartografia dos teatros em Salvador, com destaque para Itapuã e adjacências	64
Figura 14 - Nuvem de Palavras sobre os interesses de estudo sobre a História de Salvador. ...	70
Figura 15 - Nuvem de palavras sobre os conhecimentos gerais em História evocados pelos alunos.....	74
Figura 16- Nuvem de palavras sobre o gosto pessoal e os juízos de valor vinculados aos olhares dos alunos sobre a disciplina de História	75
Figura 17- Foto Cartaz: Inscrição Curso História do Teatro na Bahia: A História do Teatro São João.....	77
Figura 18- Quadro relacional de razões para a inscrição no Workshop	84
Figura 19- <i>Google Classroom</i> – Sala de aula virtual do Curso: A história do Teatro na Bahia: a história do teatro São João.....	85
Figura 20- Grupo <i>WhatsApp</i> - Curso A história do teatro na Bahia: A história do teatro São João	85
Figura 21- Primeiro dia de aula do Curso a História do Teatro na Bahia – A História do teatro São João (1812-1923), no <i>Google Meet</i>	86
Figura 22- <i>Slide</i> do Curso a História do Teatro na Bahia – A História do teatro São João (1812- 1923).....	88
Figura 23- Interfaces do site História do Teatro na Bahia.....	90

Lista de Gráficos

Gráfico 1- Série	59
Gráfico 2 – Turno	60
Gráfico 3 – Turma	61
Gráfico 4- Idade.....	61
Gráfico 5 – Bairro onde os alunos moram.....	62
Gráfico 6– Naturalidade	63
Gráfico 7 – Locais onde os alunos e a família costumam frequentar	63
Gráfico 8 – Você acha importante estudar História?.....	65
Gráfico 9 – Já estudou histórias de Salvador ou da Bahia dentro da escola?.....	68
Gráfico 10 – Já leu ou ouviu sobre a História de Salvador ou da Bahia fora da escola?	69
Gráfico 11– Você gostaria de estudar histórias de Salvador ou da Bahia nas suas aulas de História?	70
Gráfico 12– Com que frequência você assiste peças de teatro?	71
Gráfico 13– Locais onde você assistiu peças de teatro	72
Gráfico 14 – Outros espaços que você assistiu peças de teatro.....	72
Gráfico 15 – Você conhece o Teatro São João?.....	73
Gráfico 16- Série	78
Gráfico 17- Turno.....	79
Gráfico 18- Turma.....	79
Gráfico 19 – Idade dos alunos inscritos no curso.....	80
Gráfico 20 – Bairro onde os alunos moram.....	80
Gráfico 21– Você gosta de História?.....	81
Gráfico 22 – Você já ouviu falar sobre o teatro São João?	83
Gráfico 23 – Onde você ouviu falar sobre o teatro São João?	83
Gráfico 24 - Nome.....	91
Gráfico 25- E-mail.....	91
Gráfico 26– Série.....	92
Gráfico 27- Turma	92
Gráfico 28 – Turno	93
Gráfico 29- Idade.....	93
Gráfico 30– Conhecimento dos alunos sobre a história da cidade de Salvador ou da Bahia... 94	
Gráfico 31 – A importância das aulas durante o curso para o conhecimento da história de Salvador ou da Bahia.....	94

Gráfico 32 – O interesse em conhecer mais sobre a história de Salvador ou da Bahia provocado pelos temas estudados durante o curso: A história do teatro na Bahia – A história do teatro São João (1812- 1923).....	97
Gráfico 33– Você gostaria de continuar estudando temas sobre a história de Salvador ou da Bahia, na disciplina História?.....	97
Gráfico 34 – Modalidade de ensino que os alunos gostariam de estudar temáticas de história local.	98
Gráfico 35– Você teve alguma dificuldade em acompanhar o curso?	100
Gráfico 36 – Dificuldades apresentadas pelos alunos durante o curso.....	100
Gráfico 37– Temas que você mais gostou de estudar no curso: A história do teatro na Bahia – A história do teatro São João (1812-1923).....	101
Gráfico 38– As expectativas dos alunos com o curso: A história do teatro na Bahia – A história do teatro São João (1812-1923) foram atendidas?	104
Gráfico 39– O curso contribuiu para o entendimento dos alunos da disciplina História	106

Lista de Quadros

Quadro 1: Correlação teoria e prática no Ensino de História e Patrimônio Cultural e História Local em Dissertações do ProfHistória.	30
Quadro 2 - Justificativas dos alunos quando responderam “sim” se estudar História era importante.....	66
Quadro 3- Sentimentos de gostar e não gostar de História nas justificativas dos alunos.....	81
Quadro 4- Justificativas dos alunos sobre a importância das aulas do curso	95

SUMÁRIO

ACENDENDO A RIBALTA (INTRODUÇÃO)	15
1. CRIAÇÃO CÊNICA: Interesse do Educando, História Local e Educação Patrimonial como ponto de partida	24
2 CONHECENDO A CENOGRAFIA: vestígios do Teatro São João para uma Educação Patrimonial de Afetos	37
3 ABERTURA DO PANO: Diagnóstico, <i>Workshop</i> e Produtos para o Ensino de História através do Teatro São João	53
3.1 Construção dos Adereços.....	53
3.1.1 Análise preliminar do questionário investigativo	59
3.2 Ação: experiências práticas do <i>Workshop</i>	76
3.2.1 Análise questões formulário de inscrição do curso:	78
3.2.2 Em cena - Aplicação do Curso: A história do teatro na Bahia: A história do Teatro São João (1812-1923).	84
3.2.3 Análise do questionário de avaliação do Curso: A História do teatro na Bahia – A história do teatro São João (1812-1923)	90
FECHANDO O PANO DE BOCA (Considerações Finais)	113
Referências	116
ANEXOS	123

ACENDENDO A RIBALTA (INTRODUÇÃO)

Esta pesquisa dissertativa, na área do Ensino de História, apresenta uma discussão sobre a promoção do interesse pela aprendizagem histórica dos alunos do Ensino Médio a partir da história do Teatro São João da Bahia (1812-1923), enquanto elemento mediador e objeto de investigação para um maior aprofundamento no estudo da história local, da memória e da identidade na vertente dos estudos sobre o patrimônio cultural em Salvador.

Trata-se de um trabalho desenvolvido em um Mestrado Profissional de Ensino, de forma que a análise teórica se une ao desenvolvimento de uma aplicação metodológica que valoriza o protagonismo estudantil como ponto central das reflexões históricas. Afinal, ao permear o patrimônio cultural das Artes Cênicas, o teatro oferece a perspectiva de incrementar a sensibilidade com uma educação humanizada que perpassa questões estéticas e comportamentais de sociabilidades fraternas.

Como afirmou Márcia Azevedo Coelho (2014), a polissemia do princípio de “inteligência humana” tem sido avaliada conforme sete parâmetros: lógico-matemática, linguística, espacial, musical, sinestésica, interpessoal e intrapessoal. Esse trabalho, preliminarmente, assumiu o propósito de conduzir o olhar sobre o desenvolvimento de um ensino-aprendizagem que teve como primazia o fomento das inteligências interpessoal e intrapessoal dos educandos. Isto posto que

A inteligência interpessoal é a capacidade de compreender outras pessoas: o que as motiva, como elas trabalham, como trabalhar cooperativamente com elas. [...] A inteligência intrapessoal, um sétimo tipo de inteligência, é a capacidade correlativa, voltada para dentro. É a capacidade de formar um modelo acurado e verídico de si mesmo e de utilizar esse modelo para operar efetivamente na vida (Gardner, 1995, p. 15 *apud* Coelho, 2014).

De antemão, vale frisar o questionamento: “O que me motivou a escolher essa temática?” Quando terminei a minha graduação, pretendia continuar os meus estudos e, impulsionada por uma pós-graduação (especialização) que estava cursando, procurava possíveis temas de pesquisa. Em princípio, pensei no Carnaval como tema, entretanto, nas minhas idas aos arquivos e bibliotecas, deparei-me com um livro *A História do Teatro na Bahia*, de um autor à época desconhecido para mim: Sílio Boccanera Jr. Desse modo, comecei a ler a obra e foi amor à primeira vista. A partir daquele registro textual, conheci um pouco dos antigos teatros existentes na Bahia no passado e, confesso, encantei-me por um em particular: o Teatro São João, situado onde hoje se encontra a praça do poeta Castro Alves. Inclusive, o poeta já

havia se apresentado nessa casa de espetáculo. Quanto ao teatro, este desapareceu em um incêndio que o destruiu totalmente no início do século XX.

Daí me veio um grande sentimento de nostalgia. Comecei a imaginar que essa praça no passado já foi palco de várias histórias, dada a importância que esse teatro teve na vida da cidade e na sociabilidade das pessoas. Além disso, até aquele momento, desconhecia que o autor mencionado, que me abriu as portas para o teatro que se tornaria meu objeto de pesquisa, na realidade, fora também autor de peças e crítico teatral, um intelectual da época que movimentou a cena cultural na dramaturgia soteropolitana.

Dito isto, percebi que houve vários prédios de grande importância na história da cidade de Salvador, como a antiga Catedral da Sé – a primeira Catedral do Brasil – que também foi destruída¹. Em síntese, esses patrimônios desaparecidos operam na ambiência conflituosa da memória e do esquecimento, sendo praticamente desconhecidos pelas novas gerações, apesar de estarem situados em locais turísticos, muito visitados.

Atualmente, com o fim das obras de requalificação das ruas do centro de Salvador, na Avenida Sete de Setembro, é possível verificar que nessas intervenções foram encontrados vários vestígios, tais como moedas e ossadas de povos originários tupy guarani, que já habitaram a cidade. Já na praça Castro Alves, onde estava localizado o Teatro São João, foram identificadas ruínas de uma fonte e parte do palco do antigo teatro, ou seja, uma rica cultura material que instiga o potencial desta pesquisa e estudo na perspectiva histórica.

Infelizmente, apesar de ser uma capital cheia de história e sob a chancela da patrimonialização de organismos municipais, estaduais, federais e internacionais, a história desses locais é pouco difundida entre aqueles que estão fora da academia e não percorrem os roteiros culturais com Guias de Turismo. Ademais, o ensino da História local, de Salvador e da Bahia, também permanece pouco explorado nos currículos dos ensinos Fundamental II e Médio, sendo observado que:

As políticas de *gentrification* têm uma característica em comum, que é concomitante ao processo de revitalização de áreas degradadas (por parte da iniciativa privada e/ou estatal), visando o desenvolvimento desses locais enquanto pontos turísticos e de consumo cultural, isto é, há um forte processo de segregação social e espacial. Seja quando separa o indivíduo do patrimônio histórico, não mais permitindo que haja identificação entre ambos, ou quando expulsa, para outras localidades, os moradores daquele local (Araújo, 2013, p. 306).

¹ Demolida em 1933, durante uma reurbanização do centro da cidade.

Esse paradoxo de estar em uma das cidades do Nordeste brasileiro mais celebradas e rememoradas para estrangeiros², todavia, esquecida ao fechar das cortinas, parece fazer com que um antigo discurso do dramaturgo William Shakespeare (1985, ato II, cena VI) tome forma e sentido ao relatar que

(...) o mundo todo é um palco. Todos os homens e mulheres são atores e nada mais. Cada qual cumpre suas entradas e saídas, e desempenham diversos papéis durante os sete anos de existência. [...] E enfim começa a cena derradeira, como arremate dessa estranha história, que finda no completo esquecimento, sem olhos, sem memória, sem mais nada.

Em sua análise, Shakespeare entende os “sete anos de existência” como ritos temporais de passagem, ou seja, *personas* (máscaras) de vida e experiências: 1. a criança, 2. o menino; 3. o amante; 4. o soldado; 5. o juiz; 6. o Pantaleão e 7. o fim. A criança berra na ignorância do que a cerca, o menino se mostra manhoso, o amante suspira uma melancolia apaixonada, o soldado – em sua fragilidade – persegue a glória em campos de guerra, o juiz regurgita entre a sabedoria e a banalidade da vida, o Pantaleão desmazelado e malvestido com as “calças do passado” ouve sua voz mudar para um falsete de criança (um retorno ao início), até que chega a morte e o silêncio, sem aplausos ou memórias.

Talvez vários espaços da cidade de Salvador estejam muito próximos dessa representação shakespeareana, em que sua juventude não havia como proteger seus tesouros tolhidos pela colonização e à medida que foi ganhando corpo e tempo, perdeu-se nas lutas em torno de poder e glória, na segregação entre ricos e pobres, nas invenções do cotidiano até que, ao final, o que sobrevive não é a história como testemunho da vida, mas o esquecimento como finitude da experiência.

Assim, acredito que o estudo e o conhecimento desses locais, hoje silenciados e desaparecidos – caso do Teatro São João da Bahia –, seja importante para uma compreensão mais ampliada da História da Bahia, para o estímulo à identificação dos alunos enquanto sujeitos históricos, pertencentes àquele espaço e para o conhecimento da memória, contribuindo ainda para a reflexão sobre a valorização e conservação preventiva do patrimônio cultural. Em outras palavras, tudo isto estava organizado em minha mente até as reuniões de orientação. Ali, pude perceber que a motivação para a pesquisa dizia mais sobre mim mesma do que sobre as demandas dos alunos. Resolvi, portanto, rememorar práticas e problemas enfrentados em sala de aula e recortar melhor o problema que queria enfrentar como processo e resultado na dissertação no ProfHistória da Universidade Federal de Sergipe.

² Tomando-se aqui a noção turística de “estrangeiro” como aquele que vem de fora e não fica tempo suficiente para conhecer o espaço em profundidade em suas contradições e mazelas, levando consigo somente as imagens públicas construídas para o consumo cultural.

Durante toda a minha trajetória como professora de História dos Ensinos Fundamental e Médio, sempre lidei com as dificuldades de manter o interesse dos alunos nas aulas, principalmente quando alguns alunos faziam comentários como: “Professora, para que serve estudar História, se os fatos já passaram? Quem vive de passado é museu!”. Angústia que compartilhava com meus colegas de disciplina reverberando em queixas que só aumentavam: “Esses alunos não têm interesse pela disciplina, não querem nada com a história do Brasil”.

Destarte, com tais justificativas acadêmicas e pessoais, e considerando a demanda dos alunos, propus como objetivo geral para esta dissertação: elaborar um instrumento pedagógico de intervenção e registro, fundamentado no patrimônio arquitetônico local do teatro e adequado aos anseios dos alunos, sendo capaz de potencializar o interesse discente na aprendizagem histórica no Ensino Médio. Afinal, como ressaltou Áurea Pinheiro (2010, p. 30): “os educadores forjam perspectivas e possibilidades para o trabalho docente. Buscam saídas para uma realidade marcada pelo desencanto, para uma estrutura educacional que não os emociona”.

Como objetivos específicos do trabalho, elenquei: 1. Diagnosticar o nível de conhecimento dos alunos do Colégio Estadual Rotary, sobre a história urbana de Salvador e seus teatros; 2. Identificar e selecionar episódios da história do Teatro São João, da Bahia, relacionados à história local; 3. Construir narrativas sobre o Teatro São João da Bahia que expliquem e motivem seu estudo a partir da concepção de patrimônio cultural; 4. Elaborar sequências didáticas com o emprego de fatos da história do Teatro São João da Bahia; 5. Aplicar o *Workshop online* sobre o Teatro São João, de modo a potencializar o sentimento de pertença dos alunos pelo local onde moram e, assim, ampliar o valor de aprendizagem histórica nas suas vidas; 6. Avaliar os resultados pedagógicos da aplicação (dificuldades e avanços); 7. Criar um Manual de Educação Patrimonial para a aplicação do *Workshop* sobre o Teatro São João.

Apesar de várias tentativas de ministrar aulas criativas e tentar inovar, sempre havia aqueles alunos que não conseguiam identificar a importância do ensino da disciplina, bem como não encontravam significado prático no aprendizado da História para suas vidas nos tempos presente e futuro. Havia um ruído de comunicação no processo de ensino-aprendizagem, dadas as distintas expectativas e experiências formativas de professores e estudantes. Percebi, ainda, que pouco se estudava sobre a história local, uma vez que o currículo estava mais preocupado em atender aos conteúdos direcionados ao Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), dentre outras avaliações. Diante do exposto, me veio a seguinte questão: “Como aumentar o interesse dos alunos pela disciplina História no Ensino Médio?”

Os dados do Censo Escolar realizado pelo Ministério da Educação e pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), no Brasil, em 2018,

informaram a matrícula de 7.930.384 alunos no Ensino Médio. A rede estadual de ensino tem captado a maior parte das matrículas (6.407.190), estando 7,9% dos educandos matriculados em escolas de turno integral. Identificou-se uma taxa de 28,2% de distorção entre idade-série e 58,5% de insucesso escolar, considerada a soma do abandono e reprovações nos três anos do Ensino Médio, em relação aos estudantes matriculados (SOUZA *et. al.*, 2019, p. 2).

Pesquisas recentes em artigos científicos e dissertações de Mestrado, como a de Rosângela Monteiro Aragão, “*O Ensino de História local como instrumento para a construção da identidade e do exercício da cidadania*” (2019), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), demonstram que o desinteresse dos alunos pelo componente curricular História se deve justamente por eles não encontrarem algo que os aproxime da história. Sentem-se deslocados no tempo. Em outras palavras, geralmente falam que o passado passou, que não se consegue fazer essa relação crítica entre o passado e o presente ou, ainda, muitas vezes o que se estuda está muito distante da realidade e anseios do aluno.

Tem-se ainda a preocupação de que a história local pesquisada e ensinada possa dialogar com os processos mais amplos, quer na questão do teatro como patrimônio cultural e possibilidade de ações de Educação Patrimonial, quer em sua própria feição estética, afetiva e contestadora no campo das Artes Cênicas que presencia e encena passagens históricas, promovendo valores e provocando as paixões humanas. Entende-se, por isso, que

Os estudos da história local devem tentar buscar no recorte micro os sinais e as relações da totalidade social, rastreando-se por outro lado, os indícios das particularidades –os homens e as mulheres de carne e osso. A história do Brasil se constitui, assim, por uma dimensão nacional, local e regional (Bittencourt, 2008, p. 203).

Desse modo, almeja-se uma reflexão sobre o teatro baiano como patrimônio cultural e espaço de Educação Patrimonial, entre memória e esquecimento, que possa dialogar com outras histórias e geografias de teatros e ações educativas sobre esses equipamentos culturais.

A metodologia deste trabalho se dividiu em duas vertentes, tendo em vista a sua concepção teórica e prática. As operações cognitivas referentes à literatura pertinente ao tema, conceitos e contexto se realizaram no percurso do levantamento de bibliografias em bibliotecas e bases de dados *online*, sustentando-se na metodologia de Laurence Bardin (2011) quanto à análise de conteúdo para quem

as diferentes fases da análise de conteúdo, tal como o inquérito sociológico ou a experimentação, organizam-se em torno de três polos cronológicos: 1) a pré-análise; 2) a exploração do material; 3) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação (Bardin, 2011, p.124).

Nesse sentido, primeiro foi realizada uma investigação no banco de dados de dissertações do ProfHistória Nacional, no período de 15 de setembro a 06 de outubro de 2020. Foram encontrados 26 trabalhos, que têm como foco o estudo do “patrimônio cultural” como estratégia de Ensino de História, no período de 2016 a 2020. Devemos salientar, ainda, que não encontramos nenhuma dissertação que tratasse especificamente de nosso objeto de pesquisa, ou seja, conforme a abordagem pretendida nessa dissertação sobre o Teatro São João da Bahia. No entanto, três dissertações apresentaram problemáticas similares ao desse estudo no que diz respeito ao desinteresse dos alunos pela disciplina de História. Quanto às demais dissertações, estas tratam da Educação Patrimonial, História Local e outros assuntos.

Além das dissertações, em um segundo momento, foram levantados artigos que tratassem do desinteresse dos alunos do ensino fundamental pelo componente curricular História. A coleta de dados compreendeu o período de 07 de outubro a 23 de dezembro de 2020. Para tanto, foram pesquisados cerca de 60 Dossiês de diversas revistas de História e Educação dos anos de 2006 até 2020.

Após a designação do *corpus*, em que o teórico Bardin sintetiza como “o conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos” (Bardin, 2011, p.126), foi realizada uma pré-análise que, dentre os artigos selecionados, encontrou dois artigos cuja temática se aproximava do tema proposto. Somente foi encontrado um artigo que fazia menção ao desinteresse dos alunos diretamente. Dos três artigos escolhidos, dois fazem parte do Dossiê da *Revista de Educação Histórica* (REDUH) e um da *Revista Catarinense de História* (ANPUH-SC). Esses artigos são dos anos de 2014, 2018 e 2019.

No que diz respeito à pesquisa empírica preliminar, adotou-se procedimentos metodológicos quali-quantitativos a partir de questionários estruturados aplicados aos alunos do Ensino Médio e analisados em seus dados estatísticos, não havendo a necessidade do registro na Plataforma Brasil conforme preconiza a Resolução nº 510/2016. Os questionários, encaminhados *online* via *Google Forms*, constituíram uma pesquisa sobre os conhecimentos dos alunos a respeito do teatro e da história da Bahia.

Após a verificação dos dados coletados com o formulário, foi possível desenvolver um planejamento dialógico, em que as sequências didáticas com a seleção do material imagético, audiovisual e aplicar as atividades de Educação Patrimonial no formato de um *Workshop online*, via plataforma *Google Meet*, aos alunos do 2º ano do Ensino Médio, do Colégio Estadual Rotary, Salvador (BA), no período de setembro a dezembro de 2021, com a carga horária de 30 horas. As atividades foram realizadas à distância em razão de estarmos entre 2020/21, no

período auge da pandemia da Covid-19 no Brasil, com as escolas baianas funcionando no ensino remoto emergencial.

Por isso que, para além da pesquisa, o cotidiano do chão da sala de aula, por mim experimentado, demanda o desenvolvimento de uma prática pedagógica ativa que estabeleça o diálogo da educação patrimonial com uma geração cada vez mais digital e descolada do passado. Nesse aspecto, desenvolvemos como produto, além das sequências didáticas sobre a história do Teatro São João e temas da história local e do *Workshop* à distância, um Manual de Educação Patrimonial com um roteiro de replicação deste para os professores da Educação Básica que assim desejarem fazê-lo, bem como um Diário de Bordo das atividades realizadas.

Em vários momentos da dissertação são alternadas as palavras “curso” e “*workshop*” para a prática pedagógica realizada, isto porque se parte do pressuposto que cursos tem uma durabilidade maior (no caso deste, 30h) e *workshops* uma temporalidade de ação menor (8h). Porém, o que os aproxima na fusão é o aspecto metodológico, já que enquanto nos cursos a proposta formativa é da apresentação do conteúdo mais teórico, no *workshop* o foco está na aquisição de habilidades práticas. Nesse caso, o curso e *Workshop* a História do teatro na Bahia: a História do Teatro São João (1812-1923) envolveu tanto didáticas informativas-reflexivas que resultaram em confecções textuais, quanto o desenvolvimento de habilidades e competências por experimentação/exploração/desenvolvimento tecnológicos.

Através do estudo da história local, elegendo como “documento/monumento”³, o Teatro São João, no desenvolvimento de uma metodologia de Educação Patrimonial capaz de unir questões como a valorização da identidade local, o sentimento de pertencimento dos educandos em seu percurso de vida cotidiano da cidade, compreendi que um instrumento educacional precisa apresentar uma linguagem compatível com os anseios dos alunos, favorecendo seu interesse e sua aprendizagem de forma integral.

O Ensino de História apresenta possibilidades de se trabalhar novos temas e abordagens que podem incentivar a maior participação dos educandos no processo de ensino-aprendizagem, aproximando-os de seu cotidiano, de sua realidade e fazendo-os perceber que a História está à nossa volta todo o tempo. Ao enfrentar os desafios do desinteresse escolar é possível entender, como professora, a necessidade de mudanças nas práticas de ensino e, o mais importante, de escutar os alunos ao longo dos meses letivos.

³ Seguindo a compreensão do historiador Jacques Le Goff (2000, p. 103) para quem os materiais da memória podem apresentar-se como monumentos (heranças do passado) e como documentos (escolhas do historiador). A reunião destes em documentos/monumentos projeta a construção da imagem passada que as sociedades desejam ver prosperar no futuro e nesse sentido, faz-se necessária sua indagação crítica, analisando seus locais de produção.

Assim, a dissertação foi dividida em sessões dialógicas com os objetivos geral e específicos propostos. Cada sessão numerada apresenta um título que integra os termos técnicos de Teatro, conforme consulta ao glossário da Escola de Teatro Juliana Leite (2019).

Na primeira sessão *Acendendo a Ribalta (Introdução)*, traz a apresentação inicial do tema, objeto e propostas de pesquisa. Busca desvelar a fileira de luzes ligadas em série ao nível do chão do palco, invisível para o público e colocada na boca de cena (ribalta), para que outros professores-pesquisadores sejam atraídos pelo conteúdo aqui disposto.

A segunda sessão *Criação Cênica: Interesse do Educando, História Local e Educação Patrimonial como ponto de partida* apresenta uma revisão de literatura, tendo como eixos de reflexão as motivações do interesse dos alunos sobre seu aprendizado, a perspectiva da Educação Patrimonial como prática catalizadora de engajamento dos estudantes e como os conceitos de patrimônio cultural e a história local se imiscuem, entre teoria e prática, no processo de despertar das identidades culturais individuais e coletivas. Eis uma composição de cenas do contexto escolar entrelaçado às pesquisas realizadas.

Na terceira sessão *Conhecendo a Cenografia: vestígios do Teatro São João para uma Educação Patrimonial de Afetos*, trabalho com a história do teatro São João e a História local, permeada pelas relações contrastantes entre memória e esquecimento. Trata-se do estudo e a prática da concepção e execução de cenários teóricos do tema.

Quanto à quarta sessão *Abertura do Pano: Diagnóstico, Workshop e Produtos para o Ensino de História através do Teatro São João*, falo sobre o processo coletivo de elaboração do produto pedagógico, sua aplicação e os resultados obtidos. Nesse momento em que se abre ou se levanta o pano de boca para deixar ver o movimento de encenação, ou seja, da concepção geral do espetáculo do trabalho coletivo entre docente e discentes.

Por fim, em *Fechando o Pano de Boca (Considerações Finais)*, retomo alguns pontos e explano os alcances e limites dessa pesquisa, à guisa de inspirar trabalhos futuros. Terminada a peça, que venham novos roteiros dramaturgicos, afinal, o *show* da vida sempre segue seu fluxo.

Salienta-se que esse trabalho teve uma mudança de orientação posterior ao Exame de Qualificação, o que implicou no redirecionamento de perspectivas teóricas e metodológicas. Todavia, nos anexos mantêm-se o nome da orientação anterior nos formulários, em razão dos trabalhos de coleta de dados junto aos alunos terem sido realizados em momento anterior à mudança.

Por sugestão da orientadora, a escrita do trabalho seguiu no discurso em primeira pessoa nas primeiras sessões e na primeira pessoa do plural na última sessão, isso se justifica por ser

um trabalho autoral, fruto de uma experiência pessoal-profissional nas inquietações, planejamentos e decisões escolares, mas de aplicação com construção coletiva na relação professores-alunos do Colégio Rotary Itapuã. Trata-se, portanto, de uma identidade “eu” (eu docente) que se transforma ao longo da caminhada em “nós” (nós corpo escolar).

1. CRIAÇÃO CÊNICA: Interesse do Educando, História Local e Educação Patrimonial como ponto de partida

Neste capítulo é apresentada uma breve revisão da literatura que trata tanto dos fatores motivadores do interesse dos alunos por determinados conteúdos ou áreas do saber, favorecendo a relação ensino-aprendizado. A partir de conceitos e autores, é possível compreender as opções que nortearam a prática pedagógica voltada para o Ensino de História do Teatro São João da Bahia. Além disso, como essa aplicação se vincula às questões do patrimônio cultural e da história local, concepções sobre estas áreas alimentam o arcabouço teórico que conduziu a pesquisa e a prática em foco.

No dicionário *Dicio Dicionário On line de Português* (2020), o termo “interesse” deriva do latim (*intērest, ērat, fūit, ēsse*), com o sentido de “estar entre”, “de estar presente”; relevância atribuída a algo; importância: uma opinião de interesse geral. Do ponto de vista pedagógico, o conceito de interesse adquire outros significados.

Odair Sass e Flávia Roberta Torezin Liba (2011, p. 36) no artigo “Interesse e educação: conceito de junção entre a psicologia e a pedagogia”, traçam um perfil e um histórico dos teóricos da Educação que abordam a questão do interesse. Para as autoras, o interesse não é algo natural ao aluno, tampouco o seu oposto deveria ser o “desinteresse”, que serviria equivocadamente como explicação definitiva para o fracasso escolar. Elas identificaram como produtores do arcabouço teórico, que acompanha as reflexões sobre o conceito de interesse, autores como Johan Friedrich Herbart, John Dewey, Edouard Claparède, Edward Lee Thorndike, Albert Gates e Ovide Decroly. Ademais, Sass e Liba (2011) afirmam, de acordo com as perspectivas apresentadas, que o conceito de interesse é visto como um elemento de ligação do sujeito com o objeto, ao mesmo tempo que é interpretado de diversas formas.

Na educação, desde o século XIX, e com maior intensidade no século XX, o tema “interesse” tem sido objeto de discussão de vários intelectuais e educadores, de forma a continuar até a atualidade sendo um conceito recorrente, no que se refere ao interesse dos alunos pelas atividades escolares (Sass; Liba, 2011, p.37).

Para o alemão Johann Friedrich Herbart, a ênfase dessa relação está no objeto, ou seja, o interesse é externo ao indivíduo, que é produzido numa relação passiva (Sass; Liba, 2011, p. 38). Já para John Dewey, essa relação é um ato social, cujo interesse só é verdadeiro quando o sujeito, no curso de uma ação, toma consciência de si pela relação com o meio, o que equivale a conferir um papel ativo do sujeito é a manifestação do interesse (Sass; Liba, 2011, p. 39).

Já a teoria de Claparède se baseia na biologia e na psicologia funcional. Desse modo, o interesse é determinado por uma necessidade, considerando o interesse, primordialmente, como um ato natural. Os desejos que movem o indivíduo na ação são tratados apenas na sua relação com a subjetividade. Dewey e Claparède concordam com a concepção ativa do interesse (Sass; Liba, 2011, p.40-41). Para Decroly, este conceito está relacionado às necessidades, que são vistas do ponto de vista biológico na relação com o meio ambiente, social e físico. Thorndike e Gates abordam o “interesse” como a facilidade do aluno se entusiasmar nas atividades do aprendizado (Sass; Liba, 2011, p.44).

Para Herbart, Dewey, Thorndike e Gates, o conceito de interesse não se dissocia da didática e do currículo. Para Claparède, a ênfase do interesse está na didática, visto que o professor deve compreender os anseios dos alunos, gerando necessidades para que surja o interesse pela matéria a ser dada. Enquanto Decroly, como Thorndike e Gates, aponta o uso do termo “interesse” como intrínseco à escolha das matérias a serem dadas, relacionando-o ao currículo (Sass; Liba, 2011, p.44).

Por outro lado, para Piaget, esse conceito está ligado à afetividade:

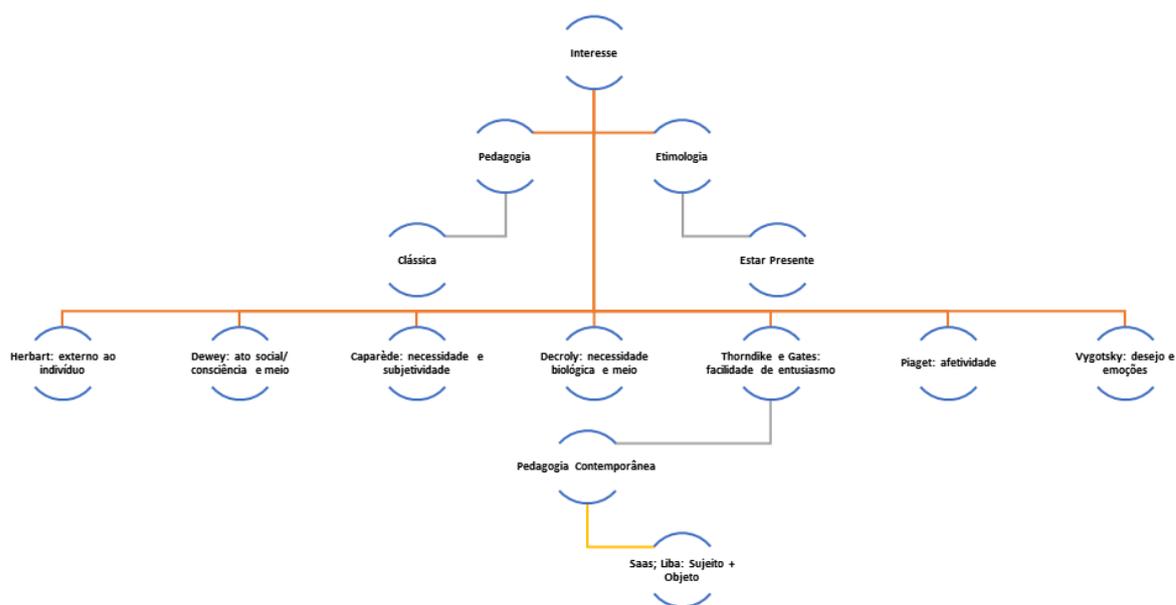
[...] afeto e cognição resultam de uma adaptação contínua e interdependente, em que os sentimentos exprimem os interesses e valores das ações ou das estruturas inteligentes. Assim, enquanto os esquemas afetivos levam à construção do caráter, os esquemas cognitivos conduzem à formação da inteligência (Piaget, 1975, *apud* Faria, 1993, p.8).

Vygotsky, em seu livro *Pensamento e Linguagem*, atribui ao interesse – juntamente com a motivação, os desejos e as emoções –, a formação do pensamento.

Chegamos assim ao último passo da nossa análise do pensamento verbal. O pensamento propriamente dito é gerado pela motivação, isto é, pelos nossos desejos e necessidades, os nossos interesses e emoções. Por detrás de todos os pensamentos há uma tendência volitiva-afetiva, que detém a resposta ao derradeiro porquê da análise do pensamento (Vygotsky, 2001, p.148).

Diante do exposto, entendo como “interesse” a qualidade de atrair, fascinar, prender a atenção, encantar e envolver o educando no processo de ensino-aprendizagem. Concordo com os autores mencionados, no que concerne ser o referido termo um elemento de vínculo entre o sujeito e o objeto.

Figura 1 – Diagrama das concepções de Interesse (autores e conceitos)



Fonte: Elaboração própria com dados de SAAS; Liba, 2011.

Outrossim, comungo com as ideias de Piaget quando o psicólogo e epistemólogo relaciona o interesse à afetividade. Assim, coloco tal pensamento como uma perspectiva de alinhamento ao estudo, de modo que possa aproximar o aluno de sua realidade com a utilização da História local, que oportuniza ao aluno o conhecimento da História de seu bairro, de sua cidade, utilizando como metodologia a Educação Patrimonial e, como recurso didático, o Patrimônio Cultural corporificado no Teatro São João.

O trabalho com a história local no ensino de História facilita, também, a construção de problematizações, a apreensão de várias histórias lidas com base em distintos sujeitos da história, bem como de histórias que foram silenciadas, isto é, que não foram institucionalizadas sob a forma de conhecimento histórico. Ademais, esse trabalho pode favorecer a recuperação de experiências individuais e coletivas do aluno, fazendo-o vê-las como constitutivas de uma realidade histórica mais ampla e produzindo um conhecimento que, ao ser analisado e retrabalhado, contribui para a construção de sua consciência histórica (Schmidt; Cainelli, 2010, p.140).

Utilizo ainda como suporte teórico na condução do desenvolvimento de uma Educação Histórica, o conceito de “consciência histórica” de Jörn Rusen entendido como a “soma das operações mentais com as quais os homens interpretam sua experiência da evolução temporal de seu mundo e de si mesmos, de forma tal que possam orientar, intencionalmente, sua vida prática no tempo” (Rusen, 2001, p. 57).

A maior parte dos trabalhos pesquisados sobre a relação “Teatro e Educação Patrimonial” ou “Teatro como recurso de História Local e Patrimônio Cultural” alocados em

bases de artigos, monografias, dissertações, teses e livros, retornaram com produções que aliam as dramatizações à preservação da cultura e do patrimônio imaterial, a exemplo das propostas sobre o Teatro do Oprimido, buscando entender como “a linguagem teatral se constituirá no veículo privilegiado do trabalho com o público-alvo (crianças) sobre o conhecimento histórico e o patrimônio histórico” (Silva; Gonçalves, 2016).

Outras produções se aproximam da pesquisa realizada por mim, a exemplo do trabalho de Simone de Melo Rodrigues (2020) intitulado *Arquitetura Art Déco, Cinema e Teatro: Resgate da história e fomento da cultura e lazer em Bicas-MG*, no qual há uma preocupação com a educação patrimonial dos moradores da cidade de Bicas-MG. Todavia, este se afasta com a proposição/projeto para a construção de um Cine-Teatro no centro da cidade nos padrões estilísticos da arquitetura *Art Déco*. Dito isto, sendo fruto de um trabalho de conclusão de graduação em Arquitetura e Urbanismo, a dimensão do Ensino de História e suas metodologias não são a tônica da pesquisa.

Há ainda o estudo sobre o Cine Teatro São Joaquim, uma construção do início do século XX reinaugurada em 2017, situada na Cidade de Goiás, como um marco referencial de apresentações artísticas e culturais, além de veicular filmes locais, regionais e comerciais. A pesquisa buscou ressignificar os espaços patrimoniais, a partir dos afetos e histórias de inúmeras pessoas que ali estiveram, das muitas memórias vivenciadas, dos filmes projetados, e das manifestações artísticas. Propôs um repensar usando a categoria de “Patrimônio Corpo”, focando nos sujeitos, experiências e emoções advindas do cine-teatro (Silva, 2023).

O artigo de Maria Vitória Alvares Rebouças (2012) trouxe uma proposta de Educação Patrimonial no Teatro Guarany, em Santos (SP), tendo como norte as premissas de integração e preservação do patrimônio cultural. As ações de revitalização da memória do teatro foram direcionadas às crianças através de visitas com atividades lúdicas (jogos, vídeos com um Mascote contando a história do teatro, desenhos e maquetes) e em eventos familiares organizados em parceria com a secretaria de educação.

De modo mais convergente com esse trabalho, há o texto de Cláudio Roberto de Souza (2019) sobre o Cine-Teatro Recreios Benjamin, localizado em Timbaúba, um município da Zona da Mata, Norte de Pernambuco, construído em 1916 e declarado patrimônio histórico no ano de 1983, que tratou um plano de trabalho de Educação Patrimonial voltado para estudantes do Ensino Médio. A ação de Educação Patrimonial pressupõe etapas de observação, registro, exploração e apropriação do cine-teatro como um objeto e os seus significados. Por isso,

As atividades deverão levar a conhecer a história do cine-teatro Recreios Benjamin e os contextos de seu uso ao longo do tempo, comparar os modos de sociabilidade das elites e do povo em períodos históricos diferentes. Bem

como, estimular as leituras a partir de diversas linguagens (teatro, vídeo, texto escrito, desenhos) sobre o papel do cine-teatro na história local e suas interações com a indústria cultural global (Souza, 2019, p. 12-13).

O trabalho pretende perceber os sentidos atribuídos e construídos em torno daquele patrimônio perpassado por questões de classe, etnia, política, isto é, pela multiplicidade da própria vida (Souza, 2019, p. 15). Também, em se tratando de uma pesquisa também desenvolvida no ProfHistória da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), esta agrega possibilidades interpretativas intercambiantes com a minha proposta para o Teatro São João na Bahia.

Contudo, a grande diferença da minha proposta para as referenciadas anteriormente é demarcada pela ausência física do Teatro São João, distintamente dos demais que conservam possibilidades de visitas técnicas e atividades de Educação Patrimonial em seus interiores. O Teatro São João, ao contrário, vive entre o esquecimento de seu apagamento predial pelo incêndio e a memória imagética (gravuras, postais, fotos, vídeos e museu virtual) escassa. Logo, operar no presente com a abstração e a imaginação no Ensino de História desse equipamento cultural do passado constitui um imenso desafio.

O filósofo Paul Ricoeur (2007, p. 436), ao tratar das relações entre memória e esquecimento, aborda a “persistência dos rastros” de acontecimentos que marcaram, impactaram e permaneceram em nosso espírito. Em outros termos, a durabilidade na ausência, na distância, mas, paradoxalmente, sem esquecer os obstáculos à sua rememoração, o que remonta ao processo de estudo do Teatro São João da Bahia, pois a pesquisa do monumento se faz no que sobrou de documento.

Os estudos de Platão, Kant, Hegel, Husserl e Bergson apontam, de distintos modos, para a noção de que o “reconhecimento”, arbitrário ou não, muitas vezes operando no “conhecimento de suportes figurados” como imagens em retratos “induzindo a identificação com a coisa representada em sua ausência” (Ricoeur, 2007, p. 437-438). Ao lidar com as fotografias, postais, gravuras e a própria elaboração 3D do museu virtual do teatro, são essas representações que assumem a corporeidade do que não está mais presente fisicamente.

A reelaboração do passado só é possível com a experiência da perda, assim, rememoração e esquecimento atuam como dois lados de uma mesma moeda (Ricoeur, 2007, p. 453). Nesse sentido, indagar aos alunos sobre o esquecimento das histórias e memórias locais, de suas visões de pertencimento, torna-se desafiador e movimentada as respostas protetivas recorrentes “isso não me diz respeito”, “não tem nada a ver com a minha realidade” ou “não vou usar nada disso na minha vida”. À ação do desconhecimento provocado pelo esquecimento,

ocorre a reação da negação da memória como valor positivo muitas vezes, uma vez que significa a “consciência da ignorância” (ato de não saber) e ao mesmo tempo impele ao “trabalho da memória” (buscar conhecer).

À impossibilidade de lembrar de tudo ou de narrar tudo do passado histórico faz emergir o esquecimento como necessidade intrínseca ao viver humano. Os processos seletivos que se seguem, de memórias e narrativas, podem compreender tanto usos quanto abusos e é nesse momento que “documentos/monumentos” são erigidos. Questiona-se os perigos do manejo da “história oficial” (autorizada, imposta, celebrada) que impõem uma “narrativa canônica” na constituição de identidades individuais e coletivas (Ricoeur, 2007, p. 455).

É importante, portanto, notar como o Teatro São João se tornou um “documento/monumento” não por obra do poder na figura de gestores locais, mas sim por meio de estudos, pesquisas, da ação intelectual de intelectuais como Boccanera Jr., auxiliando na preservação imagética e na imaginação narrativa para a elaboração do cenário de um museu virtual do teatro. De todo modo, é papel da história questionar esses locais/sujeitos de produção sobre as narrativas que são produzidas sobre o teatro (Le Goff, 2000, p.114-115).

A história do tempo presente é, nesse sentido, um âmbito propício a essa provação, na medida em que ela própria está numa outra fronteira, aquela onde esbarram uma na outra a palavra das testemunhas ainda vivas e a escrita em que já se recolhem os rastros documentários dos acontecimentos considerados (Ricoeur, 2007, p. 456).

Se o esquecimento é visto como destruidor, termina sendo também fundador. Se destrói “o que foi”, instaura o “tendo sido” – seja como suposição, hipótese ou versão –, lança os fundamentos da imaginação histórica a partir dos rastros, dos indícios do passado a serem interpretados à luz do presente, configurando a grande “dramaturgia do ser” (Ricoeur, 2007, p. 451).

Por isso, pensar estratégias de cativar o interesse dos alunos no aprendizado histórico, em uma leitura de mundo pautada em suas habilidades de Educação Histórica, requer entender qual mundo está sendo apresentado a ele como narrativa, como experiência, como realidade. Nesse aspecto, grande parte das informações chega até os estudantes, em sua fase adolescente, não pela escola, mas pelos amigos, grupos de convívio (inclusive família e religião), pelos canais de televisão, rádio e *internet* (principalmente Youtube, Tik Tok e *Whatsapp*).

José Clécio Silva de Souza (2020), ao pesquisar os materiais e métodos de ensino em História, corroborou com a problemática do desinteresse dos alunos em relação aos conteúdos vistos como sem utilidade em suas vidas. Segundo o autor:

O aluno estuda por estudar, para ser aprovado no fim do ano letivo, fica desestimulado, sem criatividade. Para desenvolver seus conhecimentos e capacidades que lhe darão maior liberdade de escolha e satisfação em sua vida, é necessário que o educador use a imaginação e evidencie a aplicabilidade do conteúdo de forma imediata e simples no ambiente em sala de aula, utilizando para isso materiais e métodos que despertem o interesse dos alunos em aprender.

Souza (2020) chama a atenção para o uso das imagens nas atividades de Ensino de História, uma vez que “compõem um discurso sobre o seu tempo; [...] dialogam com questões, temas, critica-os, apresenta-os, satiriza-os, denuncia-os”. Nesse sentido, o trabalho com as imagens do “teatro desaparecido” pela força do incêndio é essencial para que os alunos entrem em contato com dois tempos distintos do Teatro São João; o tempo passado, da cultura material (o prédio) e o tempo presente, da cultura intangível (as memórias).

Visualizar as contribuições dos demais professores-pesquisadores do ProfHistória em seus trabalhos sobre a Educação Básica e a discussão sobre formas e métodos de despertar o interesse dos educandos no ensino-aprendizagem de História também constituiu outro momento de pesquisa e amplitude de conhecimentos.

As produções de textos acadêmicos e de produtos pedagógicos na base de dados da rede nacional do ProfHistória apresentaram, em suas distintas geografias e instituições, propostas para um Ensino de História que buscam articular a atenção e o engajamento dos alunos ao envolvê-los nas histórias locais.

A partir de alguns suportes de memória, desenvolve-se a Educação Patrimonial como um fio condutor na promoção dos diálogos conceituais e práticos com o acesso às fontes diversas. Assim, corrobora-se a perspectiva apontada por Jörn Rusen da compreensão pelos alunos da “vida prática no tempo”, enquanto formação de “consciência histórica” que atravessa os trabalhos relacionados no quadro 1.

Quadro 1: Correlação teoria e prática no Ensino de História e Patrimônio Cultural e História Local em Dissertações do ProfHistória.

Autor	Ano	Conceitos	Prática Pedagógica
Helena Cristina Dias de Oliveira Barbosa	2016	Educação Patrimonial; Patrimônio Cultural; Memória; Museu; Ensino de História	Sequência Didática
Adriana de Souza Quadros	2016	Patrimônio pessoal; Patrimônio consagrado; Patrimônio escolar; patrimonialização; memória; Ensino de História	Caixa pedagógica com uma seleção de fontes vinculadas à escola como boletins, fotos de comemorações e reportagens

Rosângela Monteiro Aragão	2019	Identidade; memória; história local; Nova História Cultural; narrativas históricas; patrimônio histórico; Ensino de História	Oficina Pedagógica em que foram estudados os impactos da Segunda Guerra Mundial na cidade de Natal - RN
Juliana Esperança Ferrini	2019	Patrimônio cultural; memória; Ensino de História	Proposta de atividades para os professores e para os alunos da EMEIEF Cândido Portinari com base na etnografia escolar
Dayane Busato Romano	2019	Memória; História Local; Patrimônio Industrial; Ensino de História	Guia de aula de campo para a Estação Sericícola
Thiago Lisboa Ramos	2020	Educação Patrimonial, memória; patrimônio; Ensino de História; lugar de memória	Caixa de História com documentos, fichas e exercícios

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados de Barbosa, 2016; QUADROS, 2016; Aragão, 2019; Ferrini, 2019; Romano, 2019; Ramos, 2020.

Em minha experiência docente, nos currículos que norteiam meu trabalho na Educação Básica, no Ensino Fundamental e atualmente no Ensino Médio, quase não há espaço e conteúdo sobre a História local. Sempre há uma maior preocupação em dar conta dos conteúdos que “vão cair no Enem”, fazendo com que deixemos de lado os temas ligados à história de nossa cidade e de nosso estado. Confesso não possuir experiência com esse tipo de trabalho, visto que decorrem 31 anos de minha graduação, de maneira que, nos currículos da época da universidade, não tive a oportunidade de estudar sobre o Patrimônio Cultural e Educação Patrimonial de forma mais aprofundada.

Dito isto, acredito ser de fundamental importância conhecer *a priori* a legislação protetiva do patrimônio histórico, já que o patrimônio cultural brasileiro, de acordo com a legislação, é definido na Constituição Federal de 1988, no artigo 216 seção II – Da Cultura, como:

os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjuntos, portadores de referência a identidade, a ação, a memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:
 I – as formas de expressão;
 II – os modos de criar, fazer e viver,
 III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
 IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artísticas-culturais;
 V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (Brasil, 1988).

As leis brasileiras sobre o patrimônio cultural têm obtido maior divulgação junto à parte da sociedade brasileira com os trabalhos realizados na ambiência do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em parceria com a Organização das Nações Unidas

para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), através de oficinas de extensão junto às comunidades e publicações como livros e cartilhas, disponibilizadas *online*.

Criado em 1936, ainda como Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), tendo posteriormente sua nomenclatura alterada para Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (DPHAN) e somente em 1970 o DPHAN é transformado em Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Em 1975, é criado o Centro Nacional de Referência Cultural (CNRC), sob o comando de Aloísio Magalhães, com a proposta de alargamento do conceito de “patrimônio cultural”, até então apropriado na órbita da pedra e cal, ou seja, da cultura material. Já em 1981, ocorre o lançamento do “Projeto Interação”, com a proposta de apoio à criação e ao fortalecimento das condições necessárias para que o trabalho educacional se produzisse referenciado na dinâmica cultural, reafirmando a pluralidade e a diversidade cultural brasileira.

Em 1999, o *Guia Básico de Educação Patrimonial*, de autoria de Maria de Lourdes Parreiras Horta, Evelina Grunberg e Adriane Queiroz Monteiro foi publicado e difundido como primeira metodologia oficial do IPHAN, tendo em 2004 sido organizada a Gerência de Educação Patrimonial e Projetos (GEDUC), primeira instância da área central do IPHAN voltada para a Educação Patrimonial (IPHAN, 2014, p. 16).

Essa sistematização oficial em torno do patrimônio cultural em seu aspecto educacional foi importante para reforçar não somente a questão da “herança” na transmissão de geração para geração, que usualmente ocorre por ensino-aprendizado, possibilitando assim seu conhecimento e preservação; mas também por chamar a atenção para a necessidade de ser a escola um espaço para o desenvolvimento desse olhar, o imiscuindo em seus conteúdos curriculares e buscando a apropriação das áreas de entorno da escola, das moradias dos alunos, que possuem ou possuíram espaços que se perderam por não serem “reconhecidos oficialmente” (tombados) ou permanecem no esquecimento pelo fato da população desconhecer sua funcionalidade passada.

Como ressaltaram as historiadoras Jaqueline Zarbarto, Joana Carolina Schossler e Aline Vieira Carvalho (2019, p. 57), o falar sobre o patrimônio cultural termina promovendo um deslocamento do olhar para os monumentos históricos, as casas antigas, museus ou teatros. No entanto, é essencial expandir essa perspectiva, ajudando as pessoas a compreenderem que o patrimônio pode ser interpretado como uma forma de leitura do mundo, influenciada pelas experiências individuais e pelos sentimentos de pertencimento ou estranheza em relação a ele. É através desse processo de conscientização histórica que as experiências vividas e as diferentes

interpretações do mundo podem adquirir significado e serem utilizadas como fontes documentais em várias formas de expressão.

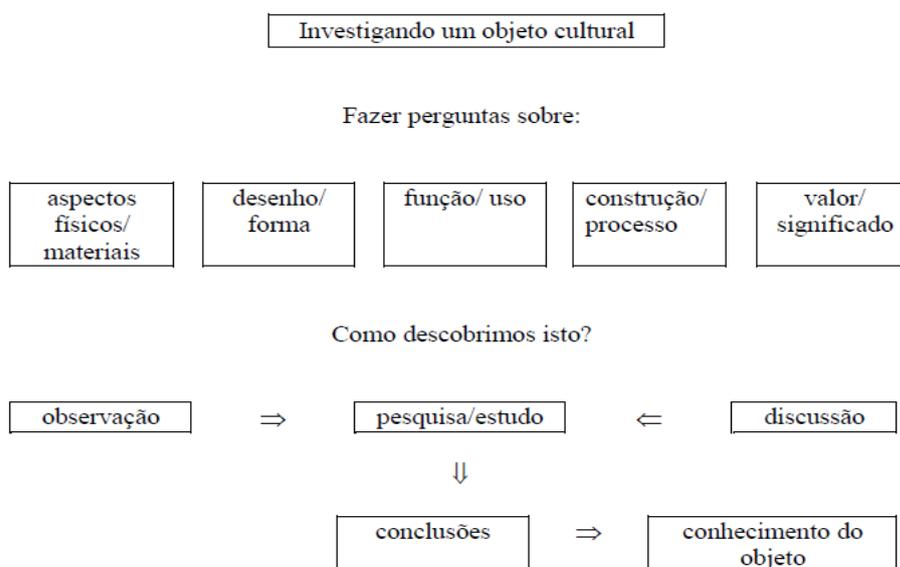
Ao aprendermos a valorizar o patrimônio cultural, seu estudo contribui para a construção e fortalecimento do sentimento de pertencimento e de identidade, assim como da apropriação do conhecimento da história e da memória dos sujeitos históricos relacionados a eles, estimulando-os a lutar pelos seus direitos e a exercitar a cidadania (Pelegri, 2006, p.127).

O Guia do Patrimônio Cultural de Maria de Lourdes Parreiras Horta, Evelina Grunberg e Adriane Queiroz Monteiro (1999, p. 4), trouxe como concepção de Educação Patrimonial:

um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho da Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural.

A metodologia proposta no Guia do IPHAN (1999) perpassa o desenvolvimento de uma série de perguntas e reflexões que comungam com observação, pesquisa, discussão e conclusões que geram o conhecimento do objeto (figura 2).

Figura 2 – Metodologia para Educação Patrimonial proposta no Guia do IPHAN.



Fonte: Horta; Grunberg; Monteiro, 1999, p. 8.

Além da observação, trata-se ainda do registro, da exploração e da apropriação do objeto/fenômeno/tema de estudo. Vale frisar que, por “apropriação”, o Guia se refere à parte

prática de extroversão (recriação, releitura, dramatização, interpretação em diferentes meios de expressão como pintura, escultura, drama, dança, música, poesia, texto, filme, vídeo) com um envolvimento afetivo, a internalização, na valorização do bem cultural (Horta; Grunberg; Monteiro, 1999, p. 9).

Em síntese, a questão da subjetividade, do afeto e da emoção permeiam a relação com o patrimônio cultural nas metodologias que, com ele, propõem-se a trabalhar. Daí o interesse surgiu nesse convívio, nessa relação de descoberta e “tomada de posse” sobre aquilo que não se tinha conhecimento de que “era seu”, ou seja, a ideia do patrimônio cultural como bem coletivo requer antes a “individualização” do sentimento de pertença sobre o bem cultural.

Todavia, existem distinções entre a Educação Patrimonial proposta por organismos de salvaguarda, como o IPHAN, ou por profissionais com formação multidisciplinar que atuam em museus, praças, ruínas, sítios arqueológicos, parques florestais etc. O princípio educativo está contido, mas não necessariamente os profissionais são professores de formação e ofício, assim como atuam no que se convencionou denominar como “Educação não-formal”. Desse modo,

(...) a **educação formal** é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados; a **informal** como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização - na família, bairro, clube, amigos, etc., carregada de valores e cultura própria, de pertencimento e sentimentos herdados; e a **educação não formal** é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas (Gohn, 2006, p. 28, grifo meu).

Por ter formação e ofício docente como professora da Educação Básica e trazer a Educação Patrimonial como metodologia de compreensão dos conteúdos históricos socioculturais da Bahia, com ênfase no Teatro São João, esse trabalho se enquadra na categoria da “educação formal”.

Nesse aspecto, a Educação para o patrimônio cultural tem como possibilidade a aproximação do olhar dos educandos de sua realidade, os lugares de seu convívio, de seu trânsito na cidade, instigando-os a redescobrirem o Teatro São João que, embora ausente da paisagem, possui memórias e histórias que ajudam a entender a sociedade da época em que existiu, de 1812 a 1923. Assim,

a educação patrimonial, entendida aqui como “o método de ensino voltado para o conhecimento dos significados atribuídos aos elementos constitutivos da memória e da identidade, para a valorização dos bens, dos saberes, dos fazeres culturais locais e dos lugares de memória de um povo” (Silva, 2018, p.32, aspas do autor).

O Teatro São João atravessou dois períodos da história do Brasil, do Império à República, ditando a vida social e política do período, bem como mudando costumes. Segundo Maria Helena Ochi Flexor (2000, s/p):

O Teatro São João, em boa parte do século XIX, desempenhou o papel que a Igreja tivera nos séculos anteriores. Foi local além das representações próprias dessa instituição, de encontros sociais, campanhas filantrópicas, de recepção de altas autoridades, de figuras do mundo cultural, político, econômico, nacionais e estrangeiras. Ali atuaram artistas plásticos que impressionaram ou indignaram os frequentadores.

O Teatro São João, apesar de ter sido um teatro de elite, contou com a participação de todas as classes sociais e etnias; ditou normas, criou e rompeu preconceitos (Neves, 2000, p. 68). Com isso, ao abordar a questão da frequência ao teatro, ligada aos períodos socioeconômicos, em 1818, Johann Baptist Von Spix afirmou que:

No teatro raramente se reúne uma assembleia proporcional à população do lugar; só nas ocasiões de festas se enchem as três ordens de camarotes do espaçoso edifício de senhoras e cavalheiros luxuosamente vestidos, e a plateia com uma multidão, variada de homens de todas as cores e classes (Spix, 1916, p.70 *apud* Neves, 2000).

Conhecer a história desse Teatro pode levar os alunos à compreensão da história local, da história da Bahia, além de despertar o sentimento de identidade e pertencimento pelo viés das Artes Cênicas, do teatro como elemento de dramatização do real, do lúdico, mas também do político, das contestações. Este estudo também é relevante pelo fato de ainda não termos nenhum trabalho que o coloque como desencadeador de interesse para o Ensino da História na Educação Básica.

A escola é o principal ambiente na formação de caráter cultural. Crescer sabendo e compreendendo a história da sua própria cidade, é fundamental para formação do senso crítico das pessoas. Isso ajuda para que as crianças tornem-se adultos mais conscientes para com o seu patrimônio cultural local, faz com que sejam pessoas mais participativas na sua comunidade e melhora a autoestima de uma sociedade, que provavelmente cuidará do patrimônio local, reconhecendo-o como algo que faz parte de si (Fava; Martins; Lara, 2017, p. 2857).

O historiador francês Jacques Le Goff afirmou que a memória estabelece um “vínculo entre as gerações humanas e o tempo histórico que as acompanha” (Le Goff, 1994 *apud* Pelegrini, 2006, p.116), formando um “elo afetivo” que possibilita aos cidadãos a percepção destes enquanto “sujeitos da história”, plenos de direitos e deveres, conscientes dos embates sociais que envolvem a paisagem, os lugares onde vivem, os espaços de produção e cultura. Por fim, reafirmo a importância desse estudo, da história local, do Teatro São João da Bahia, uma

vez que, de acordo com Schmidt e Cainelli (2014), podemos trazer à tona a voz das histórias silenciadas e esquecidas.

No caso desse projeto, a partir de sua aplicação, os educandos podem ser partícipes nas reinterpretações no presente do acervo documental gerado no passado, elaborando narrativas próprias, a partir de suas percepções, de suas realidades, de suas subjetividades, tornando-se leitores e autores da escrita histórica escolar.

2 CONHECENDO A CENOGRAFIA: vestígios do Teatro São João para uma Educação Patrimonial de Afetos

Para construir essa proposta de investigação e de intervenção, procedemos ao exame da literatura sobre o Teatro São João da Bahia, considerando que os estudos condizentes ao seu emprego como mobilizador de interesse pelo Ensino de História são incipientes. Assim, nossos objetivos consistiram em fazer um levantamento bibliográfico do referido objeto de pesquisa, situando-o em seu espaço construído a partir da iconografia que foi produzida sobre sua arquitetura e é entendida, neste trabalho, como um testemunho histórico através de gravuras, fotografias, postais do período de sua existência física, mas também um exercício imaginativo com aporte de textos, relatos de pesquisa e um museu virtual. Busca-se construir, portanto, um painel sobre o papel essencial da Educação Patrimonial no processo de despertar das identidades culturais individuais e coletivas na Educação Básica.

Nesse sentido, as referências às relações de sociabilidade no período Imperial que marcaram o convívio da população soteropolitana com o teatro, bem como as disputas entre memória e esquecimento e o papel da história e das ressignificações da patrimonialização para o trabalho da Educação Patrimonial enquanto proposta, são importantes para compor a pintura do pano de boca que abre essa sessão.

A presença do teatro na Bahia, em seus primeiros indícios, remonta ao século XVIII, nos registros do historiador baiano Affonso Ruy que aponta a interdição do “Teatro da Câmara” em 1734. O estabelecimento, localizado no prédio do Senado e da Câmara, foi classificado como a primeira iniciativa do gênero na Bahia. Mas, Ruy também fez menção a outros dois teatros em distintas temporalidades, o “Teatro da Praia” (1760) e o “Teatro da Guadalupe” (na transição do século XVIII para o século XIX) (Robatto; Rodrigues; Sampaio, 2003, p. 2).

Entretanto, a pesquisa de Roseanny Palmeira (2017, p. 43) ainda relaciona a “Casa da Ópera”, de 1798, que também abrigou as funcionalidades de um teatro. Aliás, Palmeira data a construção do “Teatro da Câmara” do ano de 1729.

A sede administrativa da colônia de 1549 a 1763 e um porto importante impulsionaram o crescimento urbano e socioeconômico de Salvador nos períodos posteriores, alimentado ainda pela cultura da cana-de-açúcar. Elementos que talvez justifiquem o fato de o Teatro São João ser a primeira edificação desse tipo a ser construída em uma capital da região Nordeste no século XIX.

Os demais teatros foram inaugurados posteriormente, a saber: do Teatro São Luís (Arthur Azevedo) de 1817 no Maranhão, do Teatro Concórdia de 1830 no Ceará, o Coliseu

Paraibano de 1831 na Paraíba, os Teatros de Palha (1841, 1853 e 1855) no Rio Grande do Norte, do Teatro Maceioense de 1846 em Alagoas, do Teatro Apolo de 1846 em Pernambuco, do Teatro Santa Teresa de 1858 no Piauí, dentre outros posteriores (Palmeira, 2017, p. 55).

O Real Teatro São João, cujo nome é uma homenagem ao Príncipe Regente da Família de Bragança de Portugal, teve a sua construção iniciada pelo então Governador-Régio da Bahia, o Conde da Ponte, D. João Saldanha da Gama e Melo Guedes Brito. Todavia, o mandatário morreu em 1809, antes da inauguração do teatro, tendo como substituto, D. Marcos de Noronha e Brito, o 8º Conde dos Arcos e 53º Governador-Régio da Bahia (1810-1818).

Segundo Boccanera Jr. (1914, p.1), o 8º Conde dos Arcos foi benemérito e instituidor da Imprensa, fundador da Bibliotheca Pública, da Associação Commercial e de muitas outras instituições na Bahia, sendo o seu governo considerado benéfico pelos altos e memoráveis serviços prestados.

O edifício do teatro foi inaugurado, ainda inconcluso, em 13 de maio de 1812, no aniversário do rei D. João VI. Affonso Ruy (1959, p. 33) afirma que em 1808, quando o príncipe regente chega a Bahia, já encontrara lançados, no terrapleno da praça da Quitanda, onde existia o hornaveque das Portas de São Bento, os alicerces de um teatro, trabalhados por presos africanos envolvidos nos levantes de negros da nação uçá.

Sobre essa rebelião, Kátia Mattoso (1992, p. 451) afirma que os escravos da nação haussá, habitantes do Recôncavo, planejaram se unir aos da cidade para matar seus senhores, envenenar as fontes e, apoderando-se dos navios ancorados no porto, voltar para a África. Manoel Querino chama a atenção para o fato de que os africanos trabalhavam na escavação presos e acorrentados, em virtude do motim da nação haussá (Neves, 2000, p. 31). Sílio Boccanera Jr. (2008, p. 58) aponta Documentos no Arquivo Público da Bahia e no Instituto Geográfico da época da construção do teatro confirmando essas informações.

Figura 3 - Grande Teatro da Bahia.



Fonte: Biblioteca Maria Beatriz Nascimento (OR_2055), Arquivo Nacional.

A figura 3 apresenta a arquitetura do Teatro São João contida na obra *Brazil pitoresco: história, descrições, viagens, instituições, colonização, 1859-1861*, de Charles Ribeyrolles, integrante do acervo da Biblioteca Maria Beatriz Nascimento do Arquivo Nacional no Rio de Janeiro.

A arquitetura do prédio adotou o estilo Luís XVI, mas o projeto se perdeu no incêndio da biblioteca pública, no Bombardeio de Salvador, em 1912. Há informações de elogios à sua acústica e das madeiras de lei utilizadas eram jacarandá e cedro. Existiam várias pinturas ornamentais de grandes tamanhos e esculturas. As paredes eram muito espessas, uma das possíveis razões de sua longevidade.

O estilo de Luís XVI, também chamado Louis Seize, é um estilo de arquitetura, mobiliário, decoração e arte que se desenvolveu na França durante o reinado de 19 anos de Luís XVI (1774–1793), pouco antes da Revolução Francesa. Viu a fase final do estilo barroco, assim como o nascimento do neoclassicismo francês. O estilo foi uma reação contra o ornamento elaborado do período barroco anterior. Foi inspirado em parte pelas descobertas das antigas pinturas romanas, escultura e arquitetura em Herculano e Pompéia. Suas características incluíam a coluna reta, a simplicidade do post-and-lintel, a arquivada do templo grego. Também expressou os valores inspirados por Rousseau de retornar à natureza e à visão da natureza como um modelo idealizado e selvagem, mas ainda ordenado e inerentemente digno de ser seguido pelas artes (Hisour, 2023).

A escolha desse estilo arquitetônico na construção do teatro baiano acompanhou a tendência adotada nas construções dos teatros franceses setecentistas como o teatro de

Bordeaux (1780), finalizado pelo arquiteto Victor Louis (1731-1811); o Teatro Odeon, em Paris (1779-1782) construído por Marie-Joseph Peyre (1730-1785) e Charles de Wailly (1729-1798) (Hisour, 2023). Salienta-se que a *Belle Époque*, período de influência do clima intelectual e artístico francês em várias cidades brasileiras, compreendeu o final do século XIX até a eclosão da I Guerra Mundial em 1914. Em outras palavras, Salvador aderiu bem antes às tendências europeias no campo das edificações para teatros, erigindo uma imagem de ilustração e civilidade.

A figura 4 traz uma visão mais ampliada do teatro e do largo, sendo possível identificar o litoral com suas embarcações, nos fundos da edificação a continuidade da cidade com seus prédios próximos, além do terreiro com árvore e uma espécie de mirante. No centro, sobe a Rua Direita do Palácio, atual Rua Chile. À direita, o prédio do jornal *Mercúrio*, anteriormente uma hospedaria. No local, foi construído, no século 20, o prédio do jornal *A Tarde*. No centro da praça, vê-se o Chafariz de Cristóvão Colombo.

A estátua do navegador é a que está no Largo da Mariquita, Rio Vermelho. O chafariz secular está abandonado em um largo da Garibaldi, com uma estátua do Lord Cochrane. O monumento a Castro Alves foi instalado no lugar do chafariz, em 1923, na praça que, hoje, leva seu nome. A imagem de Camillo Vedani integra a Coleção Gilberto Ferrez, no Acervo Instituto Moreira Salles, fazendo parte também da Enciclopédia Itaú Cultural de Artes Visuais.

Figura 4 - Teatro São João e Largo do Teatro, 1865



Fonte: Camillo Vedani (Coleção Gilberto Ferrez), Acervo Instituto Moreira Salles.

A presença da edificação aparece ainda em cartões postais do início do século XX, com sua colorização rosácea (figura 5), revelando sua estética pujante na paisagem urbana de

Salvador. Erigido na cidade alta de Salvador, configurou-se como espaço de trânsito da população para suas diversas atividades cotidianas. O teatro era cena e cenário da vida soteropolitana.

Figura 5 - Imagem colorizada do Teatro São João



Fonte: Postal de Mello & Filhos, 1911

A iconografia do teatro, embora escassa, permite observá-lo por distintos ângulos (figura 6) e até mesmo em seu interior, durante uma de suas atrações culturais no final do século XIX. Constitui-se como um “monumento” de recordação do passado, de ação sobre a memória, mesmo que dissolvido no tempo frente ao descaso e à destruição (Choay, 2008, p.17-18).

Figura 6 - lustração do Teatro São João (1832)



Figura 7 - Plateia do Teatro São João no final do século XIX

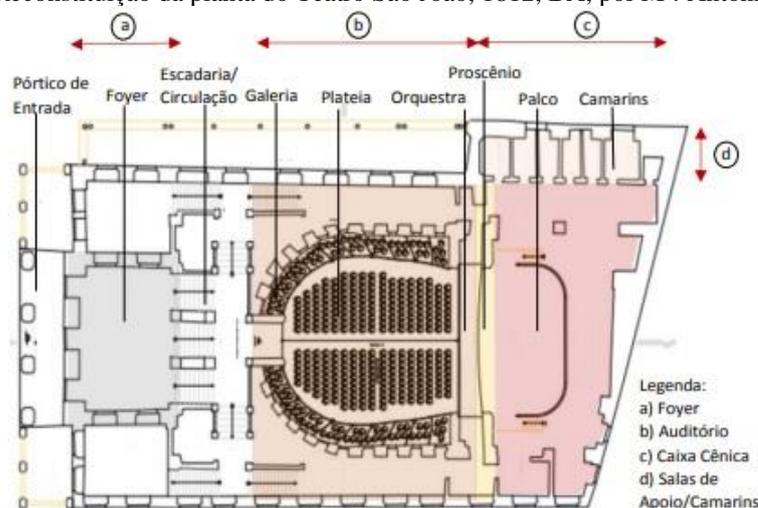


Fonte: Ilustração de A. Earle; Fotografia de Lindemann.

A estrutura interna (figura 7) “apresentava um *foyer*, quatro ordens de camarotes, com um espaço nobre reservado ao governador na segunda ordem, ao centro. Tinha uma plateia em ferradura, fosso para a orquestra, um palco largo e pequenos camarins” (Palmeira, 2017, p. 45). Ainda sobre sua estética, o primeiro pano de boca⁴ do Teatro São João foi obra do pintor baiano Manuel José de Sousa Coutinho (1776-1830) em 1812, representando a figura colossal da América Portuguesa (Corrêa, 2017, p. 18).

É através do olhar para o lugar onde se vive que olhamos para o outro e para nós mesmos, constituindo uma relação de autoidentificação, de encontro, de pertencimento. O olhar nos faz descobrir o ambiente construído da cidade que nos abriga, o jardim, a praça, os prédios, o monumento e esse olhar é, por muitas vezes, registrado em fotografias, poesias, prosas, desenhos, valorando os patrimônios precedentes à nossa existência. São olhares amorosos, de afeto, que as gerações posteriores reencontram e recebem a missão de cuidar e difundir (Marco; Reis, 2021, p. 12).

Figura 8 - Reconstituição da planta do Teatro São João, 1812, BA, por M^a. Antônia L. Gomes.



Fonte: Gomes, 2017 *apud* Palmeira, 2017, p. 44.

Quando os monumentos deixam de existir se tornam esquecimento no olhar do presente pela ausência física e substituição por outra edificação que passa a ocupar seu lugar, porém, mantêm-se como memória nos relatos e os elementos iconográficos que sobre eles foram e ainda são produzidos em um exercício de imaginação estética a partir da descrição textual. Assim, as gravuras, fotografias, postais de momentos anteriores convergem para a reconstituição da planta do Teatro São João por Maria Antônia L. Gomes (figura 8).

⁴ Uma tela que ocupa toda a entrada da sala, que cobre toda a boca de cena, situando-se na frente da cortina antes de começar o espetáculo.

Na Plataforma Sucupira foi possível acessar uma tese de doutorado intitulada *Museu Virtual para o antigo Teatro São João da Bahia através de uma abordagem socioconstrutivista*, da pesquisadora Maria Antônia Lima Gomes, apresentada na Universidade Estadual da Bahia (UNEB), em 2017. Esta tese trata da história da Bahia e do Teatro São João, tendo como proposta o museu virtual do Teatro São João e como resultado desse trabalho, a elaboração de um museu virtual que pode ser acessado no *link* a seguir: <http://www.teatrosaojoaodabahia.net.br/downloads.html>.

O projeto compreendeu uma modelagem 3D, por imersão virtual, em um aplicativo para instalação e execução no computador. A parte técnica foi desenvolvida pela SoteroTech, uma empresa brasileira de tecnologia digital, localizada na região metropolitana de Salvador, na Bahia. Sua funcionalidade ocorre por setas de movimentação e rotação, com música ambiente e *banners* explicativos. Pode-se dizer que é um embrião do Metaverso, sem necessidade de óculos de realidade aumentada. O *design* lembra um cenário de desenho animado e é possível andar pela praça, observar o bonde e os transeuntes da época, ver o chafariz na praça e adentrar ao teatro, onde no salão principal ocorre uma apresentação e, além da plateia, pode-se observar sua divisão por camarotes. Funciona como um recurso interessante e atrativo para a geração Z (nascidos entre 1990 e 2010, chamados nativos digitais) para o ensino do tema.

Essa reconstituição digital e a planta baixa elaborada por Maria Antônia L. Gomes são possíveis devido aos rastros, às narrativas, aos registros de fotografias e às gravuras do passado que resistiram até serem retomados no presente.

Dentre as descrições do interior do teatro que nos chegaram, reverbera o nome de Manuel Coutinho que, para além da criação do pano de boca, também foi responsável pela decoração da sala de espetáculos, e pelas primeiras pinturas dos cenários da peça inaugural, *A escocesa* (Corrêa, 2017, p. 28).

A capacidade de recepção de público do Teatro São João era atestada pela sala de espetáculos, composta por 340 cadeiras na plateia, 60 camarotes repartidos em ordens e uma galeria que acomodava 400 espectadores. Os valores de venda dos bilhetes para as apresentações se assemelhavam aos preços dos teatros da Corte, assim, as forçuras (frisas) custavam 6 mil réis, o camarote de primeira ordem, 8 mil, de segunda ordem, 4 mil, as torrinhas, 2 mil, as cadeiras de plateia, 1\$500 réis, a plateia geral, 1 mil, e as varandas, 500 réis (ANÚNCIOS. Correio Mercantil, Salvador, 13 out. 1848, p. 3).

O Teatro São João foi o quarto teatro público da Bahia e, em 1814, passou para o regime de arrendamento, de forma que seu primeiro contratante foi o ator Félix Folia (Ruy, 1959, p.34). Ele foi muito utilizado para bailes de carnaval, em que os arrendatários muitas vezes

procuravam ostentar o máximo de luxo, fazendo as decorações para os festejos de carnaval, com todo o material importado da Europa (Neves, 2000. p.207).

Data de 1860, o início dos bailes realizados no Teatro São João de Salvador da Bahia, abria suas portas aos mascarados nas noites de sábado, embalando os participantes com músicas inspiradas em trechos da ópera italiana *La Traviata*, de Verdi, e em seguida eram tocadas valsas, polcas e quadrilhas (Leite; Menezes; Gorini, 2022, p. 257).

Nas celebrações do Dois de Julho, durante o Segundo Reinado (1840-1889), quando os patriotas baianos buscavam afirmar a libertação da Bahia como um dos eventos fundadores do Brasil, ao passo que eram feitas homenagens à família imperial, aos heróis da independência e uma banda de música tocava durante a noite, autoridades e cidadãos abastados assistiam o *Te-deum*, na Catedral e, à noite, encontravam-se no baile do Teatro São João para assistirem peças patrióticas, músicas e, às vezes, recitais de poesias. Enquanto o povo ocupava as praças do palácio e do Terreiro, ao ar livre, onde um palco iluminado era cedido aos poetas amadores para o entretenimento popular (Cordeiro, 2003, p. 35).

No decorrer de sua história, o Teatro São João foi palco de grandes apresentações artísticas e, nele, foram descobertos grandes talentos que se tornaram famosos no cenário nacional, como: Ismênia dos Santos e Xisto Bahia (Ruy, 1959, p.48). Serviu como local de recital das poesias abolicionistas de Castro Alves e da primeira representação do drama *Gonzaga*, na noite de 07 de setembro de 1867, um espetáculo de gala que obteve muito sucesso, cujos papéis principais couberam à atriz Eugênia Câmara e ao poeta amador baiano Lapa Pinto (Ruy, 1959, p.57).

Também no Teatro São João, o compositor Carlos Gomes fez a primeira apresentação de sua ópera *Salvator Rosa*, em 25 de maio de 1880. Affonso Ruy (1959, p. 34) afirma que:

No século XIX a influência exercida pelo Real Teatro São João foi, sem nenhuma dúvida decisiva na vida cultural da cidade, tornando-se, aos poucos, centro mundano e social, quanto por subvenções e auxílios, tomou o Governo Provincial a iniciativa de, anualmente, promover a vinda das companhias que se exibiam na corte.

O teatro era o local de sociabilidades, de encontro das pessoas e o principal centro de diversão da cidade. Nos seus arredores, existiam cafés e bancas de jogo, que funcionavam desde as primeiras horas da madrugada (*A verdadeira Marmota*, 15 de jan. 1853 *apud* Neves, 2000).

O historiador Marco Morel (2005, p.18) ao tratar das sociabilidades durante o período Imperial, salientou a interação de múltiplos atores sociais nos espaços públicos, em cuja esfera literária e cultural que não é isolada do restante da sociedade e resulta da expressão letrada ou

oral de agentes históricos diversificados, sendo os espaços físicos ou locais, o *locus* onde se configuram as cenas e os cenários de suas expressões.

Como afirma Franco (1994, p.13), “Os ricos e os remediados se distraíam entre abril e outubro de cada ano com as companhias teatrais, de variedades, as líricas que os paquetes traziam ao porto de Salvador para apresentarem-se no Teatro São João ou no Polytheama Baiano”.

Ao estudar o Rio de Janeiro durante o período Imperial, Marco Morel (2005, p. 233) ressaltou o papel do teatro como um espaço de manifestação política, pois, enquanto “lugar de sociabilidade”, de encontros múltiplos, a sala de espetáculos tornou-se um canal de expressão de diferentes vontades coletivas. Conforme afirmou “o público, pela força de suas vozes, gestos e palavras de ordem, tornava-se ator político, sujeito histórico”. A história do Teatro São João em Salvador possui muitas aproximações com essa realidade.

O Teatro São João exerceu grande influência na vida social da cidade, como também na mudança de costumes da época. As mulheres passaram a ir ao teatro com o rosto descoberto e com a apresentação de Carlos Gomes no teatro, por estar muito cheio e sem lugares disponíveis nos camarotes, elas passaram a frequentar a plateia (Ruy, 1959, p.37).

O Teatro São João era considerado um teatro de elite e a estratificação social era notada na distribuição do público em suas dependências. Os ricos frequentavam os camarotes, enquanto os negros e pobres frequentavam as “torrinhas, puleiros ou varandas a preço de vintém” (Neves, 2000, p.69).

Apesar de ter sido palco de diversas campanhas abolicionistas, da apresentação de alguns atores negros, da circulação de suas dependências e corredores, de muitos negros, o Presidente da Província, João Maurício Wanderley, em 1854, no artigo 30, do regulamento do Teatro São João, proibiu a entrada de negros no Teatro São João (Neves, 2000, p.68-69). Frisasse que lembrar a abolição da escravização só aconteceria no final do século XIX e, portanto, os atores e público negro que frequentaram o teatro pertenciam aos grupos de “libertos” ou “alforriados”.

Por ser considerado de elite, e para atender aos interesses desse grupo, os espetáculos contratados eram, em sua maioria, de origem estrangeira, apresentando altos preços nos ingressos. Esses fatores contribuíram para que o público deixasse de frequentá-lo, indo à procura de outros teatros que valorizassem e dessem mais espaço à “arte nacional”, sobretudo aos artistas “baianos”.

Para a Bahia se o Teatro São João se tornou um centro de cultura cosmopolita, exibindo, pela oficialização das temporadas, bem subvencionadas elencos estrangeiros de renome, o Teatro São Pedro de Alcântara e o Teatro Ferrão,

localizados, respectivamente, na Rua de Baixo de São Bento hoje Carlos Gomes e na Rua Maciel de Baixo (hoje Gregório de Matos), funcionando o ano inteiro, transformaram-se numa trincheira da arte nacional, com a apresentação de conjuntos brasileiros, sobretudo de artistas baianos (Ruy, 1959, p.45).

O Teatro São João viveu uma denominada “fase de decadência”, iniciada no período Regencial, conforme apontaram alguns autores, dentre eles Affonso Ruy (1959) e Sílio Boccanera Júnior (1914). Os preconceitos socioeconômicos e étnicos se revelam nas “Cartas de delegados da Província” ao afirmarem que a presença da “*Cancioneta brejeira*”⁵, das danças requebres, gestos indecentes, e do lundu⁶, degradavam o teatro.

Em cartas enviadas ao delegado da Província, questionava-se os motivos do gosto do povo em assistir aos espetáculos com apresentações com o lundu, que lotava o teatro, ao passo que as óperas e os espetáculos vindos de fora, da Corte e do estrangeiro, peças da mais alta sofisticação, não faziam tanto sucesso quanto o lundu. Essa dança era considerada indecente e causava grande polêmica. A partir daí o teatro passou a ser considerado caso de polícia, com a sua constante vigilância, quanto á fala dos artistas e da dubiedade das frases por eles proferidas.

Em outubro de 1836, o chefe de polícia da Bahia, Francisco Gonçalves Martins, mais tarde Visconde de São Lourenço, proibiu a apresentação do lundu nos espetáculos do Teatro São João, cantando e dançando exagero realismo, e, por isso mesmo considerado atentatório a moral. De tal providência resultou a deserção do público do teatro em sinal de protesto, sendo a companhia teatral que ali trabalhava obrigada a dissolver-se. O lundu ou landu, com a evolução no tempo, transformar-se-ia no brasileiro maxixe (Ruy, 1954, p.17).

É curioso notar que, no Teatro São João, criou-se um tipo de censura, com o nome de Conservatório Dramático, fundado em 15 de agosto de 1857, por iniciativa de Souza Mendes, João Pedro da Silva Vale e Agrário Álvares da Silva. Assim, ao argumentar a finalidade cultural, estes homens se reuniam todas as semanas no Teatro, em seu salão nobre, com o objetivo de selecionar o que seria apresentado. No regulamento do teatro, havia uma cláusula que dizia que nenhum artista deveria se apresentar em cena, sem ter passado pelo exame da língua vernácula e de declamação, ambos executados pelo Conservatório (Ruy, 1959, p.72).

O número de agremiados não podia exceder 50, tendo como requisito básico para a “admissão os que tivessem dado provas de inteligência cultivada e de gosto pela arte dramática”, era vedada a participação de libertos e artistas contratados (Ruy, 1959, p.70-71).

Quando se instalou a República, os subsídios à cultura foram cortados e o teatro foi muito impactado. O Teatro São João dependia do Estado, já que era um teatro público, ficando

⁵ Estilo de arte satírico, debochado, malicioso ou brincalhão, que envolve traquinagem.

⁶ Dança brasileira originária dos escravos angolanos.

um bom período abandonado e à mercê de alguns arrendamentos que não deram certo, e sofrendo o descaso do Governo que não tinha interesse em fomentar as artes. Além disso, surgiram novas oportunidades de diversão na cidade com a chegada do “cinematógrafo”. Assim, durante muito tempo o Teatro São João ainda funcionou como cinema, sendo essa trajetória relatada na imprensa local: “(...) depois foi o São João passando a decadência até descer ao cinema. Teatro por sessão e aos bailes carnavalescos” (*O Imparcial*, Quinta-feira, 07 de junho de 1923, p. 1).

O Teatro São João, depois de muito tempo fechado, com a proposta de demolição e construção de outro teatro pelo município, desapareceu em meio a um misterioso incêndio, na noite de 06 de junho de 1923, enquanto nos periódicos da época se redigiam os pesares, pois “[...] Dentre todos os teatros construídos nos tempos coloniais, o “S. João” da Bahia era o único que subsistia, era o único monumento que nos restava, ainda de pé, de todas nossas grandezas artísticas de cem anos! (D.N. Quarta-feira, 6 de junho de 1923).

Construído ainda no período colonial, testemunha dos conflitos e celebrações pela Independência da Nação, o Teatro São João era um símbolo do período monárquico, do Império com todas as suas clivagens socioeconômicas e culturais. À República, no século XX, não interessa o dispêndio de orçamento com este “documento/monumento” que, para além da arquitetura, ostentava as disputas na arena política soteropolitana. Disputas estas que incluíam negros, pobres, ou seja, classes em movimento de resistência. O descaso da gestão, o incêndio “não explicado”, a substituição por outra edificação distinta da anterior, tudo isso converge para outra disputa no campo da memória e do esquecimento.

O trabalho de enquadramento da memória se alimenta do material fornecido pela história. Esse material pode sem dúvida ser interpretado e combinado a um sem-número de referências associadas; guiado pela preocupação não apenas de manter as fronteiras sociais, mas também de modificá-las, esse trabalho reinterpreta incessantemente o passado em função dos combates do presente e do futuro (Pollak, 1989, p. 8).

Para Michel Pollak (1989) o “enquadramento da memória” é uma operação intencional que responde aos interesses daqueles que a manejam, quer no sentido de “fazer lembrar”, quer no ato contrário de “fazer esquecer”. Sob esse aspecto, diferentes narrativas históricas, versões do passado que incluem ou excluem determinados atores sociais, conferem protagonismo ou antagonismo a outros, demarcam posições ou as apagam, silenciam no ocultamento de seus significados, compõem os materiais com os quais a Educação Patrimonial terá de lidar.

Sandra Pelegrini (2007, p. 89) lembra que os grupos compartilham sensibilidades, memórias, tradições e histórias, que se por um lado afirmam coesões, também demonstram as

tensões da multiplicidade de pensamentos e posicionamentos existentes em seu interior, chamando a atenção para sua construção, visto que quando o conceito de patrimônio é

apreendido como expressão mais profunda da “alma dos povos” e como “legado vivo” que recebemos do passado, vivemos no presente e transmitimos às gerações futuras, admitimos que o patrimônio é historicamente construído e conjuga o sentido de pertencimento dos indivíduos a um ou mais grupos.

Nesse aspecto, o que nos remonta novamente às reflexões de Paul Ricoeur (2007) sobre os processos seletivos na composição de memórias, esquecimentos e narrativas sobre o passado a partir do presente. Os interesses, os consensos e as disputas simbólicas e existenciais. Todavia, o ato da “patrimonialização” opera com essas categorias e sentidos.

Conforme Chuva (2012, p. 73) “patrimonializar é selecionar um bem cultural (objetos e práticas) por meio da atribuição de valor de referência cultural para um grupo de identidade” e isso o submete a um ordenamento jurídico-legal, a uma institucionalização, cuja condição de “existência singular” lhe confere um *status* na aquisição de recursos financeiros e divulgação.

Aurea Pinheiro (2015, p. 57) vê nas ações em torno do patrimônio cultural uma relação mais complexa em razão da “atribuição de sentidos”, pois, não se trata somente de um reconhecimento institucional de cima para baixo, mas da própria apropriação que uma comunidade diversa faz do bem cultural que dela emana. Envolve, ainda, subjetividades necessárias e humanizantes, afinal:

atribuir sentidos é compreender a identidade humana, perceber que somos indivíduos históricos e culturalmente elaborados, aceitar que somos um fragmento do mundo no qual vivemos, do planeta que habitamos, um complexo entre comunidade e sociedade, suas interações; somos múltiplos com uma complexidade indecifrável, imersos em uma infinidade de múltiplos de culturas, de identidades; é preciso que percebamos a nossa individualidade na complexidade das relações humanas, em uma sociedade diversa e singular.

Em meio aos entraves financeiros, mudanças de gestores e concepções sobre seleção de bens culturais e políticas de preservação, disputas políticas por visibilidade, especulação imobiliária, avanços industriais predatórios e exclusões sociais, a médio e longo prazo, as tensões entre memória e esquecimento se fortalecem.

Quando a própria gestão da cidade não se preocupa com a manutenção do bem, ao contrário, opera na sua destruição e apagamento, faz uma escolha pelo esquecimento, por sua “des-patrimonialização” simbólica. Operação esta que foi reescrita como história por Boccanera Jr. e outros estudiosos e que, agora, neste trabalho, apresenta a possibilidade da recomposição de um novo cenário envolvendo “história, memória e ação pedagógica”, de modo

a devolver ao Teatro São João a representação de “patrimônio cultural” soteropolitano. Dessa maneira:

O patrimônio histórico-cultural caracteriza-se por suas múltiplas dimensões pedagógicas: educar pelo patrimônio, com o patrimônio, nas práticas educativas, na gestão formativa do uso público do patrimônio, nas concepções interdisciplinares e multidisciplinares, entre outras (Mello; Zarbato, 2022, p. 213).

Trabalhar com um espaço físico que não existe mais no presente requer lançar mão do recurso de textos e imagens que foram produzidas sobre aquele objeto histórico. Nesse sentido, em um primeiro momento, há o percurso do objeto arquitetônico, seu projeto idealizado e erigido pelas mãos de seus construtores, e que erguido se torna documento primário da cidade, informando sobre os espaços, valores e técnicas da sociedade que o criou. No segundo momento, ao ser fotografado, volta a ser uma imagem idealizada, congelado à passagem do tempo, às intempéries da destruição física, eternizado na paisagem como um documento agora secundário (Marco; Reis, 2021, p. 22-23).

Bruna Bacetti Sousa (2021, p. 18), ao pesquisar a relação patrimônio e memória na cidade de São Paulo, enfatizou o papel das experiências teatrais em sua responsabilidade na construção e reconstrução de identidades, de conferir sentidos e ressignificações, de revalorizar eventos e lugares de memória através de processos sociais e culturais.

Esta compreensão remonta à polêmica do terceiro pano de boca do Teatro São João, idealizado pelo artista alemão Emil Bauch, que “retratava o acontecimento de 29 de março de 1549: o desembarque do português Tomé de Sousa na Bahia, vestindo um suntuoso pelote de tafetá e empunhando um estandarte de Portugal. Na pintura, índios tupinambás e caboclos reverenciavam a bandeira portuguesa”. A representação artística provocou um embate com os sentimentos relacionados aos conflitos na Bahia pela Independência do Brasil, sendo rasgada com um punhal por João José Alves, tio de Antônio de Castro Alves (Corrêa, 2017, p. 29).

O relato do episódio informa que, no dia 13 de setembro de 1854, quando uma noite de gala foi realizada no teatro em sua reinauguração, depois de ter passado por uma reforma, o pano foi destruído enquanto se ouviam gritos e protestos do povo que invadiu a plateia. Os periódicos de imprensa do período, a exemplo de *O Guaycurú* e *O Paiz*, informaram em suas páginas que João Alves gritou para o presidente da província “- Sr. Wanderley [...], mande vir abaixo este pano infame, que queremos espedaçá-lo! Abaixo o pano infame! Fora o Presidente traidor!” Em suma, o teatro não apenas como espaço cultural, mas como arena de conflitos sociopolíticos, demonstrando como os panos de boca desses recintos no oitocentos eram interpretados pela população como propagadores de certos valores políticos. Assim, mesmo

com altos índices de analfabetismo, essas mensagens visuais alcançavam um público mais amplo do que aqueles compostos por leitores de livros e jornais da época (Corrêa, 2017, p. 29).

Tal relato permite discutir a noção de “dissenso na cultura”, pois ao ser permeado por diferentes grupos, para além da elite socioeconômica, política e cultural, há choque de interesses, visões de mundo e, sob esse aspecto, o campo patrimonial também se torna um campo político, palco de conflitos, dissensos e processos de negociação, tensionando a realidade (Sousa, 2021, p. 19).

Ao escolher a abordagem histórica, o olhar sobre o objeto patrimonial e sua relação com a população, em sua multiplicidade socioeconômica e étnica, que dele usufruía e/ou contestava, caminha-se pelas veredas das “culturas políticas” e de uma história local mais integradora, pela possibilidade de autorreferência, de se reconhecer ou identificar a presença de seus antepassados naquele espaço. Desse modo, uma outra narrativa surge que não é mais a que cristaliza o teatro como um “lugar de memória” das elites, mas como um território de memórias múltiplas em dissensos e negociações. Com isso, para professores e alunos:

o ensino de história local apresenta-se como um ponto de partida para a aprendizagem histórica, pela possibilidade de trabalhar com a realidade mais próxima das relações sociais que se estabelecem entre educador / educando / sociedade e o meio em que vivem e atuam (Barros, 2013, p. 3).

Ao tomar a história como fruto de uma operação cognitiva racional, e a memória como resultado da experiência, vivida no percurso da cidade, desenvolve-se uma construção do passado pautada pelas necessidades do presente e elaborada a partir das experiências posteriores como afirmou Marieta de Moraes Ferreira (2002, p.321).

Contudo, nesse percurso, pode ocorrer a construção das identidades individuais e coletivas, processos de autorreferenciação, de autoidentidade, de autorreconhecimento que envolvem o ato de “emocionar-se” com uma história, uma memória, com um aroma, um sabor, uma paisagem, uma fotografia.

Como afirmou Áurea Pinheiro (2010, p. 41), a Educação Patrimonial requer uma profunda compreensão, um compromisso verdadeiro em olhá-la como

um instrumento importante na construção de ações e práticas de reconhecimento, valorização, preservação e conservação do patrimônio cultural de uma determinada região, por possibilitar a interpretação dos bens culturais, tornando-os um instrumento de promoção e vivência da cidadania.

Nesse sentido, com o aporte teórico estudado, na tentativa de esboçar um painel que reflita a compreensão desse trabalho sobre o papel desempenhado pela Educação Patrimonial no despertar de identidades culturais individuais e coletivas na Educação Básica, foi elaborada a figura 9 com componentes inspirados na reflexão da historiadora Áurea Pinheiro (2010).

Figura 9 - Painel da Educação Patrimonial no despertar de identidades culturais individuais e coletivas na Educação Básica.



Fonte: Elaboração própria, 2023 (inspirado em Pinheiro, 2010).

Ao iniciar com a “adaptação às novas cartografias”, chama-se a atenção para as mudanças de contexto espacial, histórico (sociais, econômicos, políticos, culturais) e tecnológico, exigindo novas leituras de mundo por parte de professores e alunos. Esse movimento requer uma sala de aula em que os docentes sejam capazes de promover “articulação, mobilização e ação” na compreensão e na salvaguarda dos “patrimônios culturais” locais, problematizados pelo ensino de história. Para tal feito, são necessárias as operações cognitivas de “investigação, argumentação e organização do pensamento” mediadas pela escuta do outro, pela atenção ao redor e pelas “tecnologias digitais” em um contexto humanizado. Esse percurso encontra as “memórias coletivas”, que precisam ser perscrutadas por um diagnóstico da “História Local” visando um compromisso com a “cidadania” na melhoria da vida da comunidade. A partir desses encaminhamentos, a descoberta e a promoção da “autoestima e de soluções inovadoras na preservação do patrimônio cultural” adentram ao tempo da educação

afetiva, quando são apreendidas habilidades e competências nas áreas da “informação, criatividade, conservação, cooperação, partilha, inclusão, sensibilidade e solidariedade” de modo conectado e responsável.

O “tempo da educação afetiva” pode parecer paradoxal em uma sociedade-mundo cada vez mais acelerada e sem tempo, mas é por isso mesmo que de acordo com os ideários de Edgar Morin, citado por Pinheiro (2010, p. 35), deve abraçar “a educação do desejo, centrada na contextualização e integração dos saberes, que se deve preocupar em criar estratégias que permitam enfrentar o inesperado, o imprevisto”.

Dessa forma, defendo que o conhecimento do patrimônio cultural pode ser muito mais do que somente cognição, ir além dos processos de institucionalização de gestores, intelectuais ou organismos protetivos, pois, diz respeito ao “auto-encontro”, “se ver no objeto”, “se ver no saber/fazer” e descobrir-se pertencente pelo viés da subjetividade, do coração, do afeto. Nesse movimento de idas e vindas,

a identidade é um sistema de representações que permite a construção do “eu”, que propicia que o indivíduo se torne semelhante a si mesmo e diferente dos outros, sendo que esse sistema possui representações do passado, de condutas atuais e projetos para o futuro. Dessa identidade pessoal, passamos para a identidade cultural, que seria a partilha da mesma essência para os diferentes indivíduos (Silva; Silva, 2009, p.202).

Com efeito, o Teatro São João me emocionou, mesmo em sua invisibilidade no presente. Diante disso, como professora, desejo que meus alunos possam alcançar essa experiência, cada um ao seu modo, no seu tempo e com sua própria apreensão da noção de patrimônio cultural contida nesse objeto de pesquisa.

3 ABERTURA DO PANO: Diagnóstico, *Workshop* e Produtos para o Ensino de História através do Teatro São João

3.1 Construção dos Adereços

Nesse capítulo são apresentados os pressupostos metodológicos que nortearam a elaboração dos produtos pedagógicos, a saber: o Manual de Educação Patrimonial. *Workshop* a História do teatro na Bahia: a História do Teatro São João (1812-1923), com 147 páginas e o Diário de Bordo do *Workshop* a História do teatro na Bahia: a História do Teatro São João (1812-1923), com 60 páginas. Ambos, frutos do processo de diagnóstico realizado junto às turmas do Ensino Médio do Colégio Rotary Itapuã, da elaboração do material para o curso, da aplicação do *Workshop online* que resultou ainda na produção coletiva de um site com a História do Teatro São João e da avaliação do percurso escolar trilhado e da relação interesse/aprendizado verificada junto aos alunos.

O projeto desenvolvido, e aqui apresentado, imiscui-se em uma parceria entre meu ofício como professora no Colégio Rotary Itapuã, em Salvador (BA), e minha formação no Mestrado em Ensino de História pelo ProfHistória/UFS. Logo, há um entrelaçamento da minha atuação docente com meu amadurecimento enquanto pesquisadora, configurando a figura de “professor(a)-pesquisador(a)” que Rita Buzzi Rausch (2012, p. 708) aponta como “[...] aquele que pesquisa seus problemas do cotidiano docente visando ao desenvolvimento de uma prática pedagógica que promova o sucesso na aprendizagem dos alunos”.

Vivemos num momento singular na história do tempo presente, no qual testemunhamos a pandemia do vírus SARS-CoV-2, causador da doença letal Covid-19, uma doença contagiosa que dizimou, no Brasil, mais de meio milhão de pessoas. Sem um tratamento em seu início, para evitá-la, necessitamos manter distanciamento social, usar máscaras, usar álcool gel, enfim, tomar uma série de medidas preventivas até que a vacina fosse criada e distribuída para toda a população brasileira. Vale ressaltar que, mesmo com a vacina, os cuidados precisaram ser mantidos, visto que o vírus apresenta muitas mutações e variantes.

Por esse motivo, as escolas do Brasil e do estado da Bahia, encontraram-se em ensino remoto emergencial durante grande parte do ano de 2020/21, mantendo as escolas fechadas, professores e alunos em casa. Na Bahia, por exemplo, foram utilizadas as aulas via plataforma digital *Google for Education* – Enova, e suas ferramentas *Google Meet* e o *Google Classroom*, e o aplicativo *WhatsApp*. Infelizmente, nem todos os alunos foram alcançados de forma eficaz

devido às dificuldades de acesso às tecnologias digitais, quer em decorrência da falta equipamentos, quer pela ausência do acesso à conexão.

A alternativa para quem não teve acesso as tecnologias digitais foi pegar atividades impressas no Colégio, fazê-las em sua casa e depois entregar na unidade escolar para a devida correção dos professores.

O Colégio Rotary Itapuã é uma instituição educacional que integra a rede escolar do governo do estado da Bahia, sendo subordinado à Secretaria da Educação do Estado da Bahia. Situa-se na Ladeira do Abaeté s/n (figura 10), no bairro de Itapuã, em Salvador.



Fonte: Google Maps, 2023.

Como em várias grandes capitais do Brasil, cuja ocupação demográfica entre os séculos XX e XXI resultaram em processos de segregação espacial e periferização, a urbanização em Salvador, conforme informaram Rosa *et. al* (2022, p. 3):

é caracterizada pelas autoconstruções e pela ocupação das zonas informais, que com o rápido crescimento populacional e a escassez de planejamento urbano, deram origem a problemáticas frequentes como a pobreza, desemprego e sobrecarga na infraestrutura instalada.

A distribuição territorial do bairro é determinada com base no poder socioeconômico da população, resultando em disparidades significativas entre as áreas próximas à orla marítima, que são dominadas por ambientes planejados e infraestrutura, ocupados pela população mais rica, e a região oeste de Itapuã (figura 11), onde predominam as ocupações informais impulsionadas pela população de baixa renda, com acesso limitado a serviços urbanos e condições de vida precárias (Rosa *et. al*, 2022, p. 3).

A história do Colégio Rotary Itapuã data de 1951 quando o Rotary Club da Bahia e a Casa da Amizade (configurada pelo movimento de mulheres rotarianas) ergueram o Colégio Estadual Rotary. No mesmo local, em 2001, surgiu a Escola Estadual Rotary. A escola possuía 22 salas de aulas e o colégio, 14 (GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA, 2021).

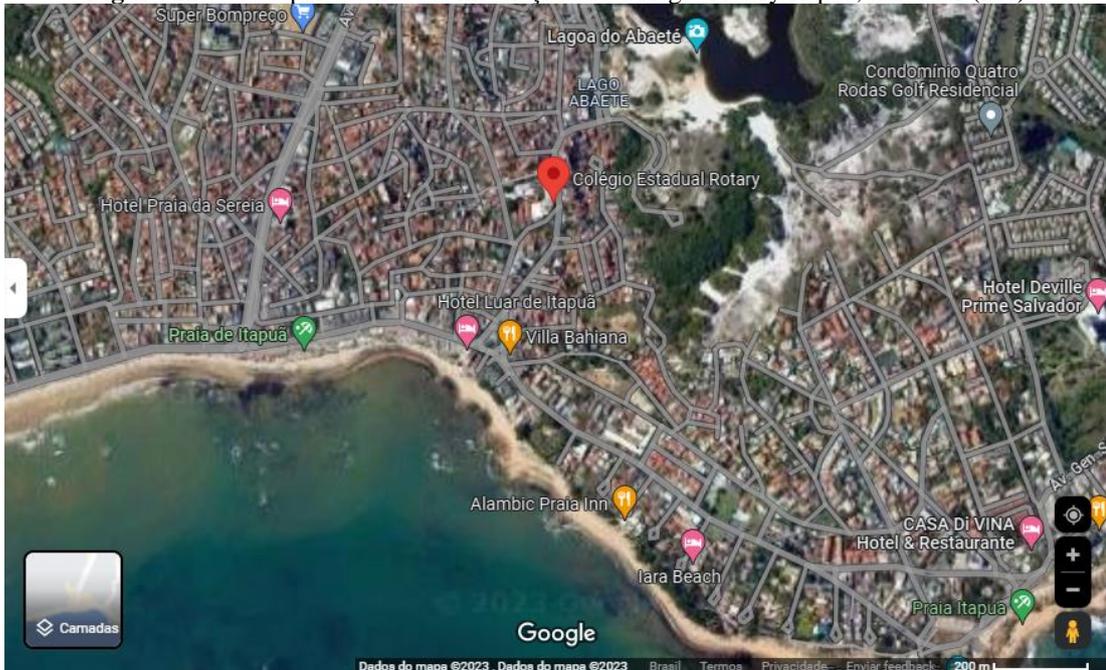
A separação entre Colégio e Escola Rotary foi mantida até 2021, quando houve a integração das áreas e todos os níveis de ensino do Fundamental I até o 3º ano do Ensino Médio, com turma de Fluxo, turmas do Curso Técnico de Administração e à noite oferta a modalidade de Ensino de Jovens e Adultos (EJA).

Atualmente, o Colégio atende a 2.687 alunos, em 78 turmas (34 turmas matutino, 29 turmas vespertino e 15 turmas noturno), com 102 professores. Possui como equipamentos educacionais 2 laboratórios de ciência, 3 laboratórios de projeção, sala de informática, biblioteca e sala de leitura, 2 quadras – sendo uma coberta, sala de jogos, 2 cozinhas e 2 refeitórios, horta, consultório odontológico e outras dependências para secretaria, coordenação pedagógica, direção e professores. Sendo uma das maiores escolas da capital baiana.

Salienta-se também que o Colégio possui uma Sala de Atendimento a Estudantes Especiais (AEE), atuando junto aos alunos com todos os tipos de deficiência, uma vez que a realidade dos estudantes inclui um número considerável de alunos com Síndrome de Down, Transtorno do Espectro Autista (TAE), outras deficiências de desenvolvimento cognitivo, dificuldade de aprendizagem, incluso a identificação de alunos superdotados. Esse atendimento é feito no Ensino Fundamental e no Ensino Médio por professores especialistas na área, que atendem os alunos no contraturno de suas aulas.

Diante disso, feitas as avaliações que buscam detectar o quadro dos alunos, há o início dos trabalhos de acompanhamento e/ou encaminhamento para Psicólogos ou Psiquiatras. Há ainda uma parceria com o curso de Psicologia da universidade no atendimento aos alunos.

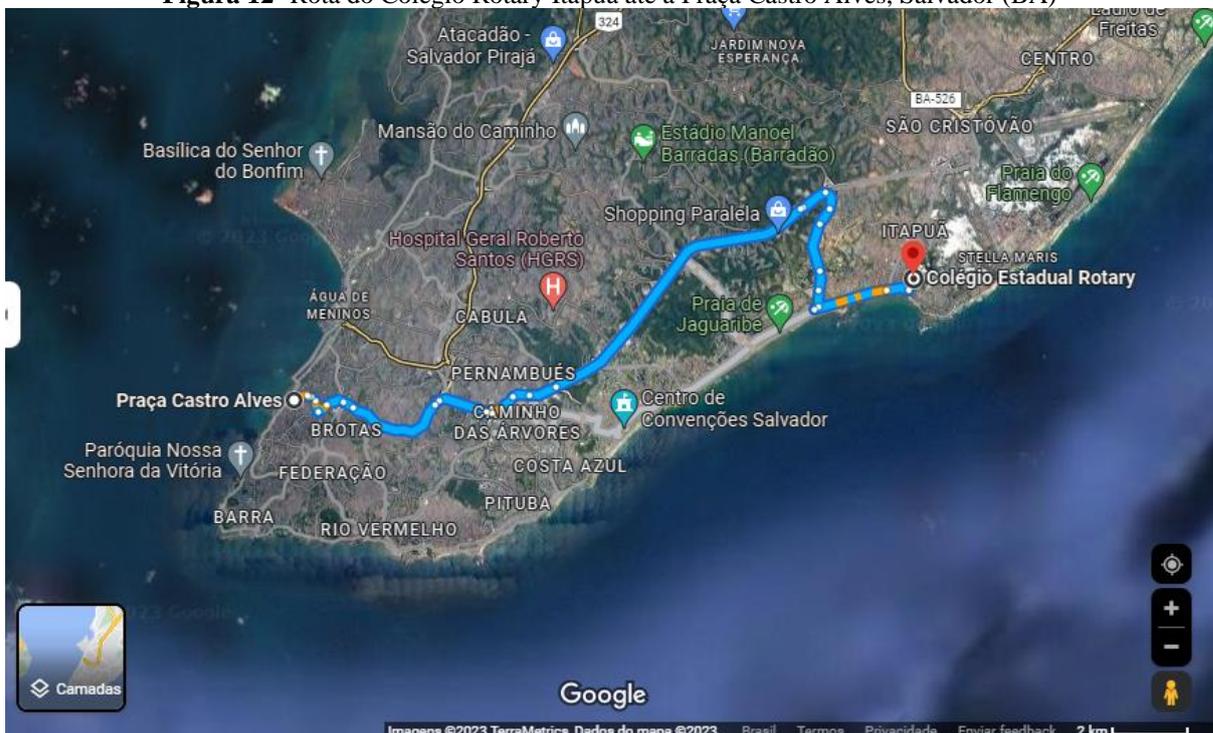
Figura 11 - Visão por satélite das imediações do Colégio Rotary Itapuã, Salvador (BA)



Fonte: Google Maps, 2023.

A distância entre o Colégio Rotary Itapuã (orla) e a Praça Castro Alves onde localizava-se o Teatro São João (centro histórico), compreende aproximadamente 23 km (figura 12), distância cuja locomoção de carro perfaz 33 minutos, de ônibus 1h28 minutos, de bicicleta 1h15 minutos e a pé 4h03 minutos. Dados importantes para compreender, a partir dos bairros de moradia dos alunos, seus trânsitos limitados pela cidade e espaços que lhes são desconhecidos.

Figura 12- Rota do Colégio Rotary Itapuã até a Praça Castro Alves, Salvador (BA)



Fonte: Google Maps, 2023.

Diante do quadro pandêmico, que se iniciou em março de 2020, não tivemos aulas durante esse ano. Para tentar sanar esse problema, a Secretaria de Educação do Estado da Bahia estabeleceu que, no ano de 2021, faríamos os dois anos letivos de 2020 e 2021, num primeiro momento de forma remota e, depois, de forma híbrida. A passagem de uma modalidade de ensino para outra estaria condicionada à diminuição do número de casos da doença da covid-19 no estado. Retornamos ao ensino híbrido no dia 22 de julho de 2021. Entretanto, esta volta se deu de forma parcial, cujas turmas foram divididas em dois grupos. As turmas compareciam ao Colégio em dias alternados e continuaram com as atividades remotas, via *Google Classroom* e *Whatsapp*.

No meu Colégio houve uma tentativa de junção das turmas em outubro de 2021, porém, não obtivemos êxito, pois, houve casos de alunos e professores infectados pela covid-19, fazendo com que permanecêssemos com as turmas divididas no ensino híbrido até o final do ano.

Os alunos fizeram duas séries, o chamado “*continuum pedagógico*”, composto por seis unidades letivas, possuindo cada uma delas sete semanas de aulas, inclusive aos sábados, para completar a carga horária. Em acordo com a Instrução Normativa nº 03/2021, os alunos participaram das Atividades Curriculares Complementares (ACC) que foram avaliadas não por notas, mas com a contabilização de carga horária obtida na frequência, participação em cursos, atividades, projetos oferecidos pelas escolas e até mesmo algumas feitas fora do espaço escolar.

Art. 2º As Atividades Curriculares Complementares são atividades letivas que visam à fortalecer, reconhecer e valorizar conhecimentos, aprendizagens, atitudes e valores promotores da formação integral dos estudantes, bem como subsidiar o desenvolvimento das habilidades e competências das áreas de conhecimento e os componentes curriculares e as competências gerais previstas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e no Documento Curricular Referencial da Bahia (DCRB), bem como os demais documentos curriculares normatizadores das Educações Nacional e da Bahia.

Parágrafo único - As Atividades Curriculares Complementares completam a carga horária estipulada na matriz curricular para o ano letivo 2020/2021 e a sua principal diferença na organização curricular para estudantes e professores está no uso de metodologias e abordagens pedagógicas diferenciadas (INSTRUÇÃO NORMATIVA n º03/2021, Diário Oficial da Bahia, 09 de junho de 2021).

Diante da realidade escolar exposta acima, demos a continuidade as atividades estabelecidas no cronograma do projeto de pesquisa do Mestrado em Ensino de História (ProfHistória/UFS), com o tema “Promovendo o interesse pela aprendizagem histórica dos alunos do ensino médio: A História do Teatro São João da Bahia (1812-1923) como elemento mediador”.

Como dito anteriormente, a metodologia se orientou de distintas formas, tendo em vista o caráter teórico e aplicado dessa proposta. Iniciados os trabalhos de levantamento documental, leituras teóricas e metodológicas pertinentes ao tema, em um momento posterior, iniciou-se a fase de coleta de dados e planejamento para a aplicação didática pelo viés da Educação Patrimonial.

Como primeira ação metodológica relacionada à parte prática, elaboramos um questionário investigativo com o objetivo de realizar um diagnóstico do grau de conhecimento dos alunos do Colégio Estadual Rotary, em Itapuã, sobre a história local de Salvador.

Após a aplicação e a análise do questionário investigativo, iniciamos o planejamento para a execução da próxima fase do projeto de pesquisa, que foi a elaboração de sequências didáticas para serem aplicadas com os alunos, com o objetivo de fazer a apresentação da história do Teatro São João aos discentes.

A nossa proposta inicial para a construção do produto consistiu na feitura de uma cartilha digital e impressa, composta por sequências didáticas para professores sobre os temas da história local, relacionando com a História do Teatro São João da Bahia.

Em nossas orientações resolvemos alterar a proposta do produto, optamos por elaborar um *Workshop* sobre a “História do Teatro na Bahia: A história do Teatro São João” e para esse curso foram produzidas sequências didáticas que tratavam de temas da história local, relacionadas à história do teatro São João. O curso destinava-se aos alunos do Ensino Médio, com a faixa etária entre 16 e 20 anos, e devido as condições do momento, com a pandemia, e os cuidados para não colocar os alunos em risco, em aglomerações, decidimos realizar o curso de forma remota.

Durante o *Workshop*, a História do Teatro São João foi apresentada aos alunos. Integrou, ainda, uma etapa/módulo do projeto desenvolvido na área de Ciências Humanas e Sociais e suas Tecnologias no Colégio Estadual Rotary, parte da ACC. O referido curso aconteceu do dia 08 de setembro a 30 de novembro de 2021, com a carga horária de 30 horas.

O projeto criado e desenvolvido pelos professores da área de Humanas do Colégio Estadual Rotary abordou a História e Geografia locais, tendo como assunto: “Temas de História da Bahia: Um Percorso Multiescalar da Bahia ao Colégio Rotary em Itapuã”. Adotou, também, uma configuração interdisciplinar, dividida em duas etapas/módulos: 1. História do teatro na Bahia – a História do Teatro São João e 2. História do bairro de Itapuã, sua formação e, em paralelo com a história do bairro, foi estudada a história do Colégio Estadual Rotary, que comemorou em 2021, 70 anos de existência. Com este projeto, os alunos conheceram um pouco

mais da memória, das mudanças e permanências históricas, geográficas e culturais de seu bairro, Itapuã e de sua cidade Salvador.

A partir da aplicação do questionário investigativo aos alunos do 2º Ano do Ensino Médio, turno vespertino do Colégio Estadual Rotary, foi possível desenvolver uma análise preliminar. Ressalta-se que o questionário foi elaborado previamente e, após a sua aplicação e análise, foi elaborado o plano de curso e as sequências didáticas referentes ao *Workshop* sobre a história do teatro.

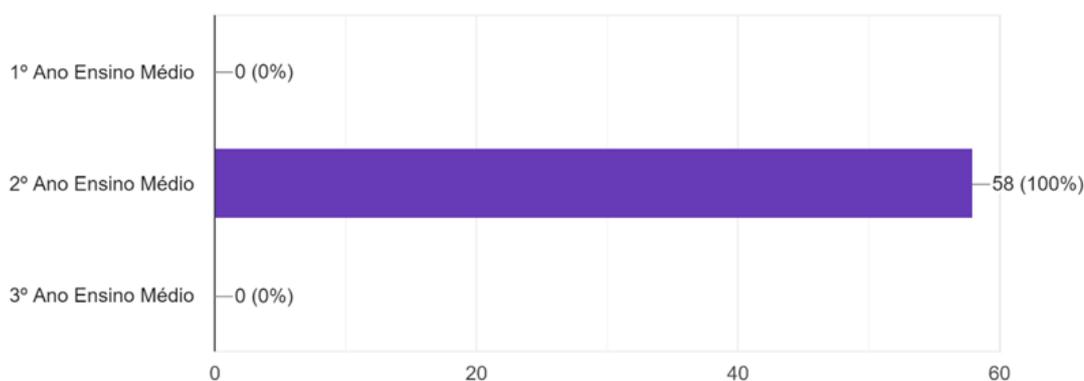
3.1.1 Análise preliminar do questionário investigativo

Fizemos a aplicação do questionário entre os dias 02 e 06 de junho de 2021, de forma remota, via plataforma digital *Google Meet* nas aulas da disciplina História, sendo o *link* desse questionário também disponibilizado nos grupos de *whatsApp* das turmas. As turmas investigadas, nesse primeiro momento, foram as turmas de 2º ano do Ensino Médio do turno vespertino: A, B, C, D, E e F. Devido ao contexto explicitado antes, não conseguimos alcançar todos os alunos, só os que tinham acesso aos equipamentos com conectividade à *internet*.

O questionário foi dividido em duas partes: na 1ª parte, constavam questões relacionadas a identificação do aluno: nome, idade, série, turma, turno, naturalidade, bairro de residência e locais onde os estudantes e sua família costumam frequentar; na 2ª parte, foram feitas perguntas sobre a relação “Ensino de História e História local”. As respostas obtidas com a aplicação do questionário investigativo permitiram traçar um breve perfil dos estudantes do 2º ano do ensino médio, do Colégio Estadual Rotary do turno vespertino, localizado no bairro de Itapuã, em Salvador, no estado da Bahia. Das cinco turmas, 58 alunos responderam ao questionário no *google* formulários

Gráfico 1- Série

4. Série:
58 respostas

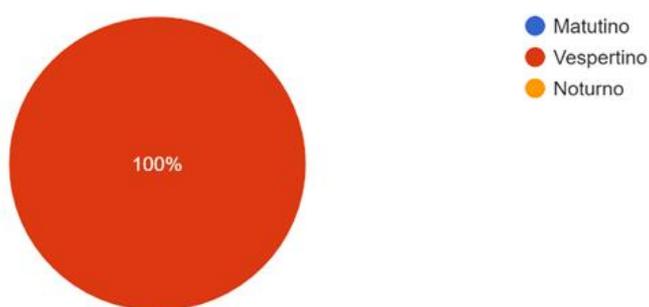


Fonte: Elaboração própria, 2021

Os questionários conseguiram ser aplicados aos alunos do 2º Ano do Ensino Médio, com conexão à *internet*, obtendo um retorno de 100% nas respostas, ou seja, a reação dos alunos à ação do questionário emana não somente do fato de ser uma atividade escolar, mas também por aguçar a curiosidade de descobrir o que lhes chegara naquele momento.

Gráfico 2 – Turno

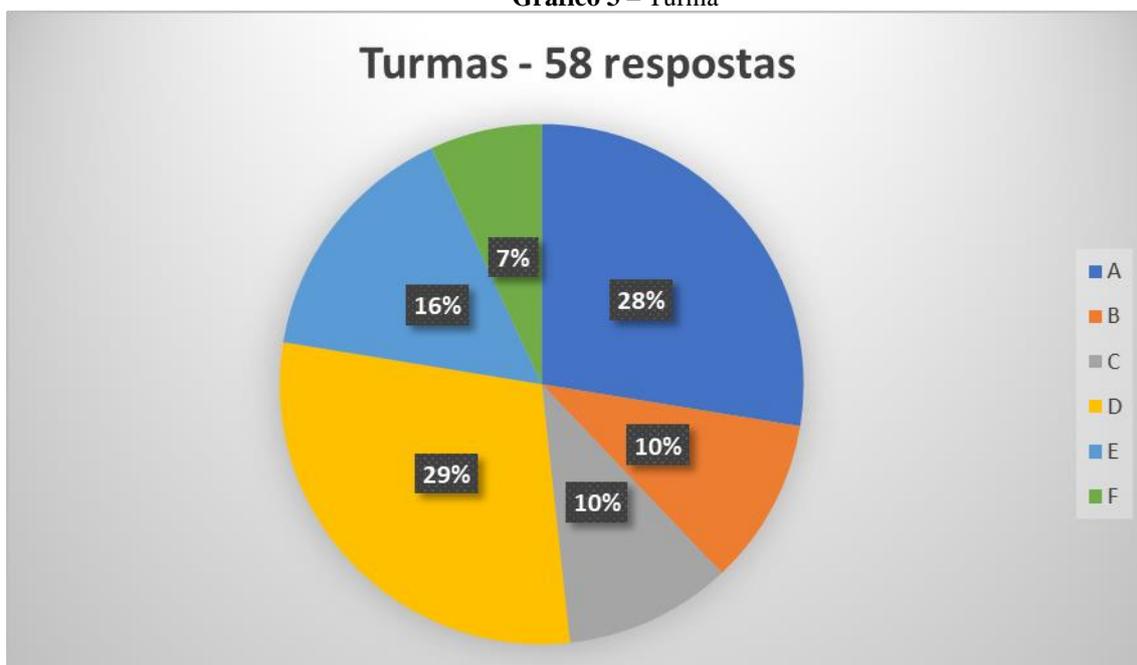
6. Turno:
58 respostas



Fonte: Elaboração própria, 2021.

A totalidade de alunos do turno vespertino na resposta aos formulários aplicados compreendeu a amostragem do universo de alunos em outras disposições de horário escolar.

Gráfico 3 – Turma



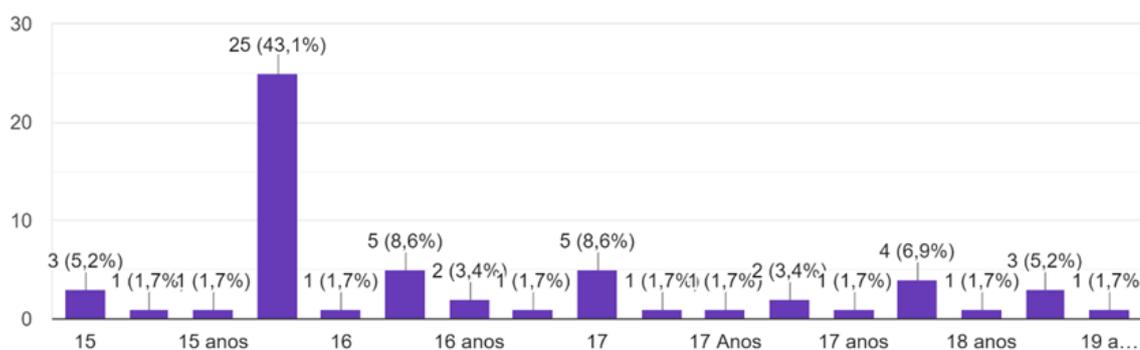
Fonte: Elaboração própria, 2021.

Dentre as turmas selecionadas no 2º Ano do Ensino Médio vespertino, responderam ao questionário enviado: A – 16 alunos, B – 6 alunos, C – 6 alunos, D – 17 alunos, E – 9 alunos e F – 4 alunos. A adesão às respostas entre as turmas foi respectivamente: D (29%), A (28%), E (16%), B e C (10%) e F (7%). Antes da pandemia, as turmas possuíam quantitativos entre 40 e 44 alunos, mas o isolamento social advindo da crise sanitária foi responsável por uma grande evasão. Todavia, os que persistiram se integraram às atividades propostas.

Gráfico 4- Idade

2. Idade

58 respostas



Fonte: Elaboração própria, 2021

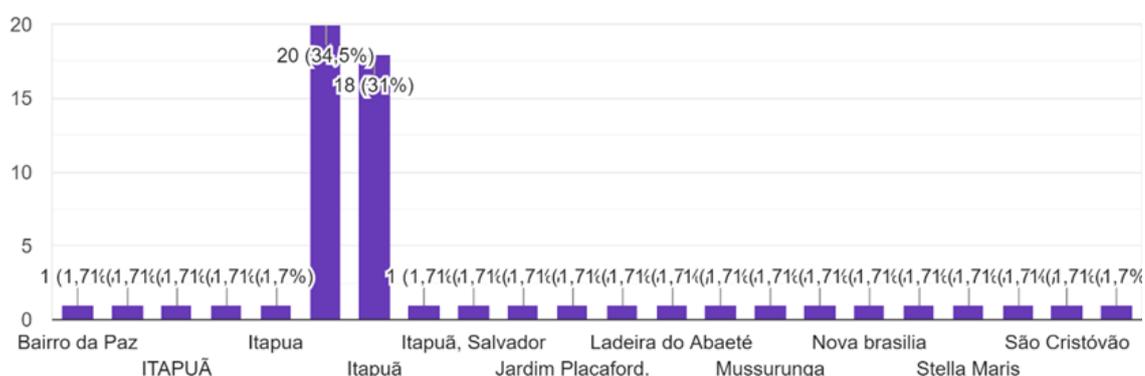
Os dados dos alunos que responderam ao questionário revelam adolescentes com idades entre 15 e 19 anos, sendo que 25 alunos, cerca de 43,1% do total, possuem a idade de 15 anos.

No cômputo geral, mais da metade dos respondentes (51,7%) tem 15 anos, seguidos por 24% de alunos com 17 anos, 15,4% com 16 anos, 6,9% com 18 anos e somente 1,7% com 19 anos. Essa maioria de jovens de 15 anos vai determinar uma tendência comportamental, inerente ao seu desenvolvimento hormonal e intelectual, com maior propensão à dispersão em sala de aula e carência de motivações inovadoras para sua adesão às tarefas propostas (Lenoir, 2012).

Gráfico 5 – Bairro onde os alunos moram

7. Bairro onde você mora

58 respostas

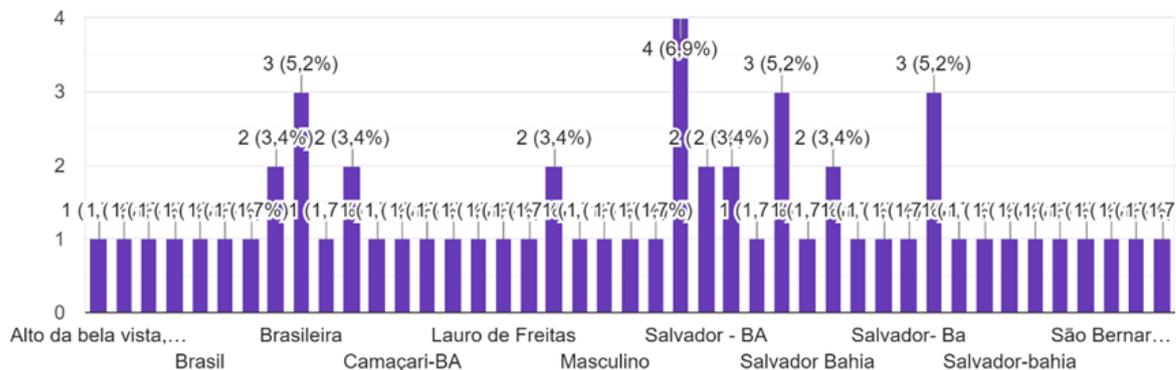


Fonte: Elaboração própria, 2021

Os dados apresentam como composição da ocupação geográfica as moradias dos alunos localizadas predominantemente nos bairros de Itapuã, Ladeira do Abaeté e de bairros próximos como os bairros da Paz, Mussurunga, Jardim Placaford, São Cristóvão, Nova Brasília e Stella Mares. Nos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no censo de 2010, Salvador fez o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de 0,759, estando acima da média nacional de Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) (0,744). Porém, alguns locais de moradia dos alunos, a exemplo do bairro da Paz (0,664), Itapuã (0,664) e Nova Brasília (0,579) apresentam o IDH inferior aos índices nacional e municipal (Jesus; Rocha, 2018). Ao considerar que esses índices mensuram vida longa e saudável (longevidade), acesso ao conhecimento (educação) e padrão de vida (renda), a percepção de precariedade socioeconômica acompanha a experiência dos alunos.

Gráfico 6– Naturalidade**3. Naturalidade:**

58 respostas

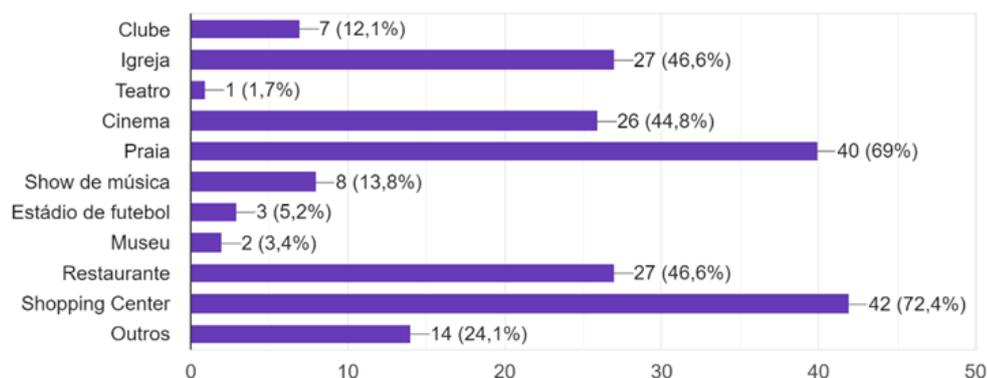


Fonte: Elaboração própria, 2021

Quanto à naturalidade, as informações coletadas revelam que alguns estudantes não souberam responder a questão, outros no momento da aplicação do formulário disseram desconhecer o que seria “naturalidade”, que foi prontamente esclarecido pela professora. Percebemos, ainda, que a grande maioria é natural de Salvador, no estado da Bahia, enquanto outros provêm da região metropolitana de Salvador, dos municípios de Lauro de Freitas e Camaçari.

Gráfico 7 – Locais onde os alunos e a família costumam frequentar**8. Marque com um X em locais que você e sua família costumam frequentar:**

58 respostas



Fonte: Elaboração própria, 2021

A localização dos museus obedece a um ordenamento espacial ainda pior, sem opções nas imediações do Colégio e bairros próximos de residência dos alunos. No máximo, praças com monumentos ou equipamentos culturais fechados. A maioria se concentra na parte turística de Salvador.

Na 2ª parte da pesquisa – Sobre a relação “Ensino de História e Ensino local”, perguntamos o que os alunos mais gostam de aprender em História. Sendo assim, eles elencaram temas relacionados ao conteúdo substantivo: povos antigos, pirâmides do Egito, Faraó, Rio Nilo, Guerras, 1ª e 2ª guerras mundiais, cultura de outros lugares, mitologias antigas e civilizações, sobre os povos africanos, os povos do mundo, pré-história, história, civilizações, revoluções, história grega, dentre outros.

Responderam também que gostariam de estudar os períodos da história moderna, outros gostariam de estudar tudo, gostam de história, de como a história influencia o presente, sobre o passado, o gosto por saber como tal coisa aconteceu e o porquê de estar ali e o aprofundamento da história. Alguns alunos também disseram não gostar da disciplina, dentre outras respostas recolhidas.

Questionamos aos alunos o que eles menos gostam de aprender em História. Muitos afirmaram não gostar de estudar conflitos do passado, política, datas que às vezes confundem, assuntos que não têm nada a ver, os países, Dom Pedro, guerras, Revolução Francesa, assuntos que não são interessantes, pois não tem algo a ver com a atualidade. Outros responderam não saber, pois gostam bastante de história e não tinham o que reclamar. Já outros gostam de estudar tudo especificamente, dentre outras.

Gráfico 8 – Você acha importante estudar História?

3. Você acha importante estudar História?
58 respostas



Fonte: Elaboração própria, 2021

Ademais, perguntamos se os alunos achavam importante estudar História e, a grande maioria, cerca de 98,3 %, respondeu que sim, de modo que podemos inferir que os alunos

possuem uma boa relação com a disciplina, seja no que diz respeito ao desempenho (notas), interesse nos assuntos, ou apreço pelos professores da cadeira.

Quadro 2 - Justificativas dos alunos quando responderam “sim” se estudar História era importante

Categoria	Respostas
Conhecimento Geral	<ul style="list-style-type: none"> * Para ficar por dentro de tudo que ocorreu no passado * Para melhorar o conhecimento da origem da humanidade. * Você ganha muito conhecimento e aprende a origem de várias coisas. * Se não fosse pela matéria história agente não iria ter muito entendimento. * Para nós entendemos os costumes e povos antigos. * Saber de tudo o que aconteceu no nosso passado não só no Brasil como no mundo inteiro. * Sim, pois a gente aprende mais como era os tempos de antigamente * Para aprender sobre histórias marcantes das culturas diferentes * História é o início de tudo. * Por que quando estudamos história aprendemos sobre coisas que aconteceram no passado e como mudou em relação a hoje em dia * Pelo fato de aprender sobre a vida das pessoas antes de mim e como era as coisas naquele tempo * A história é o maior meio de informações sobre o desenvolvimento do nosso país, e é através da história que eu consigo saber o que aconteceu nas vidas passadas. * Porque é bom saber sobre tudo que aconteceu no passado * Pois aprendemos o que já aconteceu, adquire conhecimento e nos dar uma visão do mundo pelo que já estudamos. * O mundo não seria nada sem História * Conhecer mais das coisas que aconteceu a anos atrás. * Sim. porque o estudo da História importante para possibilitar o conhecimento do passado dos diferentes grupos sociais. * Porque temos que conhecer nossa história. * Pois traz mais conhecimento sobre certas coisas.
Conhecimento Específico	<ul style="list-style-type: none"> * Por quê precisamos conhecer o que aconteceu no nosso antepassado, é muito importante sabermos o que aconteceu no nosso país e no mundo nos séculos passados. * É o maior meio de informações sobre o desenvolvimento do nosso país e revolução. * História é o maior meio de informações sobre o desenvolvimento do nosso país.

<p>Gosto Pessoal/ Juízo de Valor</p>	<ul style="list-style-type: none"> * É bom aprender coisas novas, e o passado é muito importante também. * Ajuda a entender coisas que vivemos atualmente, o que foi construído lá atrás que define a gente hoje em dia * Por que é bom saber como nós chegamos até os dias de hoje é saber o que aconteceu nos tempos antigos * Acho importante porque aprende mais sobre a história a cultura a fé sobre outros lugares das pessoas de antigamente * Aprendemos e damos valor as coisas, descobrimos como tudo aconteceu entre outras situações. * Porque é um meio de saber o que aconteceu e como chegamos a onde estamos. * Sem história, não saberíamos como funciona algumas coisas * Porque eu gostei da disciplina de história * Acho que é importante porque assim a gente entende coisas que aconteceram. * Pois a história nos ajuda como cidadãos a não cometer os mesmos erros dos nossos antepassados * Porque aprendemos sobre o mundo, descobrimos culturas diferentes, e isso nos ajuda a compreender o que podemos ser e fazer. * Precisamos entender o passado para tentar explicar o presente. Se não existisse a história nada teria sentido. * Sem história a gente não saberia nada. É olhando para o passado que podemos fazer um futuro melhor. * A história ensina muitas coisas antigas, sem contar que é legal. * Exemplos para uma construção nova da civilização * Sim, porque somente dessa forma conseguimos não cometer os mesmos erros do passado. * Para mim, saber História é algo importante, pois quanto mais conhecimento sobre o passado você tiver melhor vai ser seu presente, porque dessa forma, todos somos capazes de não cometer os mesmos erros das pessoas do passado. * Creio que devemos saber do nosso passado para não cometermos os mesmos erros no presente e futuro. * É importante aprendermos sobre o passado, para não repetirmos os erros cometidos * Porque ela nos dá uma direção para o futuro * Sim, porque a matéria história tem a capacidade de fazer com que os alunos raciocinem de forma compreensiva o que fizeram nos antepassados e isso nos ajuda a compreender o que podemos ser e fazer. * Sim porque a gente não pode cometer os mesmos erros de antes * Eu acho muito importante estudarmos o passado para podermos entender o nosso presente. * Não * Sim, porque é importante entender a história da sociedade para melhorarmos em alguns aspectos. * Para boa formação de aprendizado é necessário
<p>Antepassados/ Ancestralidade</p>	<ul style="list-style-type: none"> * Para aprendermos com os erros dos nossos antepassados. * Ajuda as pessoas a saberem sobre nossos antepassados e a histórias antigas * É bom saber sobre os antepassados * Entender nossos antepassados * Sim, porque assim podemos saber o que aconteceu com nossos antepassados. * Sim, para aprender sobre o antepassado e como as coisas surgiram. * Sim, pois nós da conhecimentos ancestrais.

Protocolares	<p>* Porque a História é uma área do conhecimento humano bem ampla e, em geral, contemplada por detalhes e fatos importantes que revelam a ação do homem através do tempo.</p> <p>* A história é uma ciência que estuda a vida do homem através do tempo, ela investiga o que os homens fizeram, pensaram e sentiram enquanto seres vivos, por isso, o conhecimento histórico ajuda na compreensão do homem enquanto ser que constrói seu tempo.</p>
---------------------	--

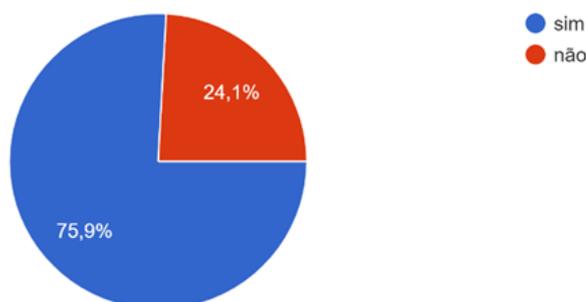
Fonte: Elaboração própria, 2021

As respostas constantes, no quadro 2, revelam uma grande apreensão da História como “mestra da vida”, isto é, aquela que ensina a aprender com os erros para não os repetir. Esse “perfil disciplinador/corretor” da História como campo de saber, por vezes, reduz o interesse do aluno por divisá-la como uma área “moralista”. Por outro lado, o grande número de respostas generalistas também indica um distanciamento da disciplina no plano afetivo, que, por outro lado, aparece em alguns momentos no uso de palavras e expressões como “gosto”, “legal”, “importante” ou “bom”. As referências aos antepassados e ancestralidade também são indicações interessantes para se pensar o trabalho com o patrimônio cultural.

Gráfico 9 – Já estudou histórias de Salvador ou da Bahia dentro da escola?

4. Já estudou histórias de Salvador ou da Bahia dentro da escola?

58 respostas



Fonte: Elaboração própria, 2021.

Perguntamos se os alunos já conheciam a história de Salvador e cerca de 75,9% responderam que sim.

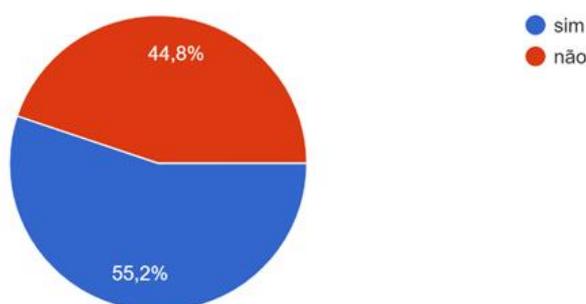
Para quem respondeu sim, foi perguntado em que série e idade estudou. A grande maioria respondeu nas séries do ensino fundamental I e II, do 3º ao 9º ano; já alguns não souberam responder, outros disseram que não lembravam e outros ainda afirmaram que nunca estudaram esse tema.

Dentre os assuntos estudados, os alunos relataram: alguns disseram nunca ter estudado, não lembravam, outros confundiram os assuntos da história local com os da história geral e do

Brasil como: Nazismo, Primeira e Segunda Guerra Mundial, Guerra Fria e Atentados de 11 de setembro e História do Brasil, História do Brasil, Histórias do Egito, Guerra fria, Feudalismo, mesopotâmia, os povos africanos, o reino egípcio, os povos Nilo, guerras europeias, religiões raça e cultura e outros sobre a história da fundação de Salvador, desembarque de Cabral em Porto Seguro, a história de Salvador e seus pontos turísticos, população, sobre como a Bahia e Salvador foram fundadas e quem as fundou, história de Itapuã, Elevador Lacerda, a forma como a colonização influenciou a fundação da primeira capital do Brasil, a conjuração baiana, o 2 de julho.

Gráfico 10 – Já leu ou ouviu sobre a História de Salvador ou da Bahia fora da escola?

5. Já leu ou ouviu ou assistiu histórias de Salvador ou da Bahia fora da escola?
58 respostas



Fonte: Elaboração própria, 2021.

Na pergunta “Você já leu, ouviu ou assistiu sobre a história de Salvador, ou da Bahia?” Cerca de 55,2 % disseram que sim.

No tocante à pergunta “Onde leu, ouviu ou assistiu sobre a História de Salvador, ou da Bahia?”, os estudantes responderam: não lembrar, na *internet*, por meio de pais e avós, na escola, em passeios turísticos, no *Youtube*, na sala, na televisão, em conversas com a tia, livros, nunca ouviram, na capoeira, minha tia e avó falam muito de Itapuã, documentários, amigos, mídias sociais, em apresentações em sala de aula.

Quanto à próxima pergunta, “Quais assuntos leu, assistiu ou ouviu?”, uma grande parte disse que não lembra, e uma outra parcela comentou: igrejas e construções de Salvador, sobre povos que viveram em determinado local, falando de cultura artes e outras coisas, histórias de Salvador, descobrimento do Brasil, sobre história de Salvador, sobre o farol, colonização, A chegada dos portugueses no território baiano, o ano em que a capital do estado de Salvador foi fundada, Ela fala sobre Itapuã, sobre eventos que tem aqui em Itapuã (baleia rosa, lavagem de Itapuã, etc.), Sobre as comidas típicas, o candomblé, manifestações populares, A história de

A História de Salvador, tudo, pontos turísticos, cidade, capital, origem, cultura, povos, tempo, passado, transformações, fundação, estudar, pessoas, formação, industrialização, sociais, estão entre os vários termos que se ressaltaram. Poucos não demonstraram interesse. A maioria, aproximadamente 85%, designou os assuntos dos quais gostaria de aprofundar seus conhecimentos, relembrar ou descobrir.

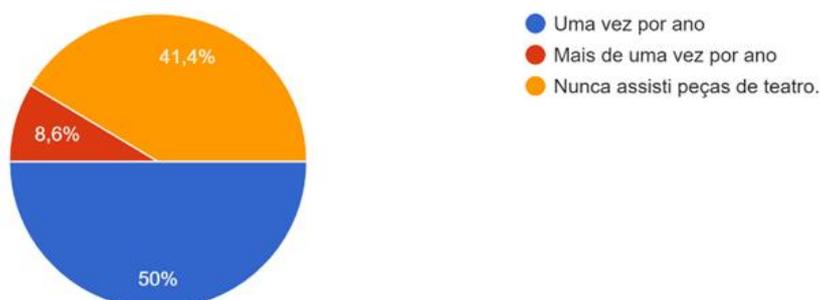
Perguntamos, também, “Por que gostariam de estudar esses assuntos?”. Alguns não souberam responder: “não sei dizer, curiosidade, porque gosta e se interessa por história, para saber mais, “pra ficarmos mais por dentro da independência da nossa Bahia, porque eu acho interessante, saber sobre minhas origens, pra obter mais conhecimento de onde eu moro, eu moro em Salvador e gostaria de saber mais e mais, para requerer muito mais informações para o nosso entendimento, porque gosto de saber sobre como tudo formou o que era hoje, acho bom conhecer e saber como tudo surgiu e aconteceu para estarmos aqui hoje, para poder ter um conhecimento melhor, aprender mais sobre onde eu moro, gostaria de saber mais sobre, porque eu gosto de história, entender sobre o passado de Salvador, pois é sempre importante relembrarmos a história do lugar de onde somos”.

Ou ainda: “porque acho necessário para o meu aprendizado e tenho interesse, porque para mim são assuntos importantes de se conhecer, o conhecimento é uma dádiva, pra saber mais de onde viemos é como foram feitos e descobertos, porque é importante saber sobre a nossa cidade, por que gosto de ouvir as histórias dos lugares, porque acho interessante, pois é sobre minha cidade, acho eles interessantes e importantes”.

Gráfico 12– Com que frequência você assiste peças de teatro?

7. Com qual frequência você assiste peças de teatro?

58 respostas



Fonte: Elaboração própria, 2021

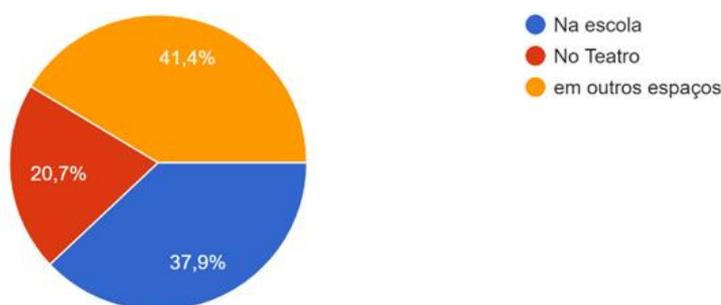
Na pergunta “Com que frequência você assiste peça de teatro?”, cerca de 50% dos alunos disseram que já foram uma vez por ano e 41,4 % nunca foram ao teatro, sobrando 8,6%

que frequentam o teatro mais de uma vez ao ano. Em linhas gerais, embora tenha ocorrido um certo equilíbrio quantitativo entre os que conheciam as Artes Cênicas e os que nunca mantiveram esse contato cultural, 58,6% (inclusive os que acompanhavam com maior regularidade) possuíam relação de frequência aos palcos teatrais.

Gráfico 13– Locais onde você assistiu peças de teatro

Se marcar que já assistiu peças de teatro. por favor, informe: Onde assistiu?

58 respostas



Fonte: Elaboração própria, 2021

No que tange ao local que assistiu as peças, a grande maioria assistiu em outros lugares, sendo 41,4%; no teatro, 20,7%; na escola 37,9%. Em suma, o contato da maioria se deu através das peças teatrais e não da arquitetura teatral, o que já foi explicado em relação à ocupação cartográfica do teatro em Salvador.

Gráfico 14 – Outros espaços que você assistiu peças de teatro.

Se você respondeu em outros espaços, cite quais foram esses espaços.

58 respostas



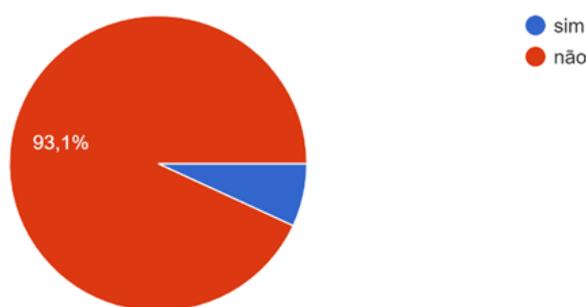
Fonte: Elaboração própria, 2021

Quanto aos outros espaços que os alunos assistiram peças, além do teatro, estes informaram: nas ruas, no *Youtube*, nos teatros Castro Alves e Lauro de Freitas, na escola, nunca assisti etc. Assim, mesmo os canais de internet foram acessados para esse contato com o teatro, o que demonstra algum interesse para além das fronteiras físicas.

Gráfico 15 – Você conhece o Teatro São João?

8. Você conhece o Teatro São João da Bahia?

58 respostas



Fonte: Elaboração própria, 2021

Quanto ao conhecimento sobre o Teatro São João, a maioria respondeu que não conhece, isto é, cerca de 93,1%.

Para os que responderam que sim, que o conhecem, perguntou-se o que eles sabem sobre o teatro São João, e muitos responderam não saber nada, não lembrara, já ouvir falar, sabe que fica no Campo Grande. Provavelmente, alguns pode confundir com outro teatro existente na cidade, o Castro Alves, de maneira que ouvimos respostas deste tipo também: não aprendi nada sobre o teatro São João; É uma casa de espetáculos aqui em salvador, e por mais de cem anos é o principal teatro da nossa cidade; Ficava localizado na Praça Castro Alves; ou seja, uma confusão de sentidos e significados, seja sobre a materialidade do teatro, sua localização ou seu papel histórico na sociedade soteropolitana.

Na pergunta quanto ao aprendizado sobre o teatro São João, os alunos responderam: não aprendi, em lugar nenhum, na *internet*, na escola, em livros, não conheço, nunca fui a esse teatro, na escola, até o momento não aprendi nada, pois nunca ouvir falar sobre o teatro são João.

Desse modo, é possível concluir que os alunos estudaram um pouco sobre a história local no ensino fundamental I e II, bem como demonstram interesse em conhecer mais sobre a cidade de Salvador em temas ligados à sua formação, seus pontos turísticos, de forma a achar

3.2 Ação: experiências práticas do *Workshop*

Após a análise das respostas do primeiro questionário investigativo, fizemos o esboço das sequências didáticas que seriam apresentadas no *Workshop* “A História do Teatro na Bahia: A História do Teatro São João”.

Iniciamos as inscrições no Colégio no período de 30 de agosto a 06 de setembro de 2021, sendo realizadas via plataforma *google* formulários. O curso foi aberto a todos os alunos do Ensino Médio, dos turnos matutino e vespertino.

De início, o curso seria de 20 horas, depois foi ampliado para 30 horas, sendo o novo período de realização do curso de 08 de setembro a 30 de novembro de 2021. Com isso, este foi realizado via plataforma digital *Google Meet* e *Google Classroom*, em que foi aberta uma sala de aula virtual específica para ele. As aulas aconteceram às quartas-feiras de 9 às 10 horas da manhã, de forma remota.

Utilizamos, também, como ferramenta digital a rede social o *WhatsApp*, no qual criamos um grupo para o curso. Era um canal para sanar dúvidas, colocar avisos sobre o curso, uma comunicação de forma mais rápida e acessível para se comunicar com os alunos. Inicialmente, 55 alunos estavam inscritos.

Entretanto, depois, ocorreram desistências devido ao horário do curso, uma vez que coincidiam com horários de aulas para os alunos do turno matutino, e era também um impeditivo para outros alunos que trabalhavam ou faziam estágios nesse horário. Outros alunos alegaram não ter acesso a equipamentos com conectividade à *internet* e, por esse motivo, não puderam participar do curso.

Vale ressaltar que o curso referido não foi obrigatório. No momento da inscrição deste, devemos aludir, outro questionário de diagnóstico foi aplicado aos alunos, uma vez que nem todos os que haviam respondido ao primeiro questionário se inscreveram nesse curso.

Figura 17- Foto Cartaz: Inscrição Curso História do Teatro na Bahia: A História do Teatro São João.



**CURSO HISTÓRIA DO TEATRO
NA BAHIA- A HISTÓRIA DO
TEATRO SÃO JOÃO.**

**Venha conhecer um pouco da história do teatro na
Bahia, do teatro São João e alguns episódios da
história da cidade de Salvador.**

**O nosso encontro será toda quarta-feira, das 9:00 h às 10:00 H
via plataforma Google meet e Google classroom.
Início dia 08 de setembro de 2021.
Colégio Estadual Rotary.
Atividade Curricular Complementar de Ciências Humanas.
Profª Lídia Nascimento. Carga Horária: 20 horas.**

**Faça a sua inscrição!
Período da inscrição: De 30/08 até 06/09/21.
Link de inscrição:
<https://forms.gle/7QGIF48x2abQouWz8>**

Fonte: Acervo pessoal, 2021.

Houve ampla divulgação para os alunos participarem do curso, sendo informado nas aulas de História, de maneira que cartazes foram colocados nos murais do Colégio (figura 17), sendo também veiculado nos grupos dos alunos do *WhatsApp* o *banner* de divulgação do Curso.

As inscrições foram feitas via *Google forms* com o *link* da inscrição disponibilizado nos grupos de *WhatsApp* das turmas dos alunos do Colégio Rotary.

No formulário de inscrição do curso, fizemos algumas perguntas para um diagnóstico dos alunos, visando identificar o quanto eles sabiam sobre o conteúdo a ser estudado, como também sobre as questões da história local e urbana de Salvador. O objetivo era traçar o perfil dos alunos participantes.

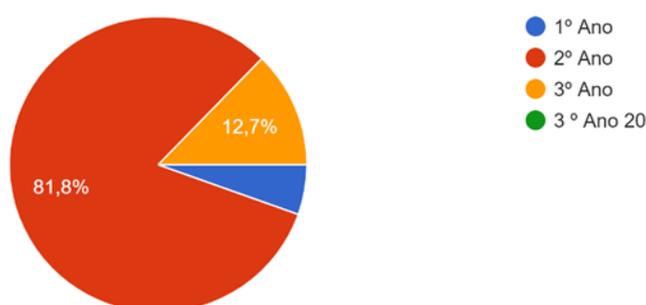
3.2.1 Análise questões formulário de inscrição do curso:

O formulário de inscrição serviu para fazermos um perfil dos alunos que estavam participando do curso, o que eles conheciam sobre o tema, o que lhes motivou a se inscrever e as suas expectativas.

Tivemos um total de 55 alunos inscritos, sendo 53 alunos do turno vespertino e 2 alunos do turno matutino.

Gráfico 16- Série

Série
55 respostas

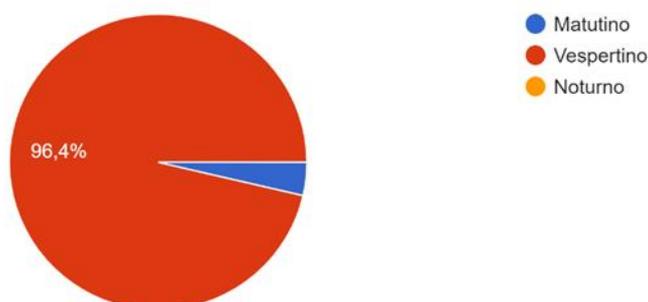


Fonte: Elaboração própria, 2021.

Quanto à série dos alunos, cerca de 81,8% de inscritos foi do 2º Ano do Ensino médio, 12,7% do 3º ano e 12,7% do 1ºano.

Gráfico 17- Turno

Turno
55 respostas



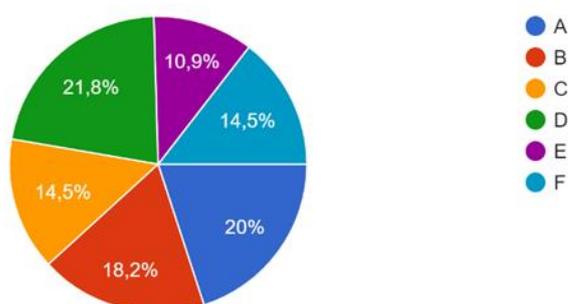
Fonte: Elaboração própria, 2021.

Em relação ao turno de inscritos, houve o predomínio do turno vespertino, ou seja, cerca de 96,4% de alunos inscritos e 0,6% do turno matutino.

As turmas ficaram distribuídas da seguinte forma:

Gráfico 18- Turma

Turma
55 respostas



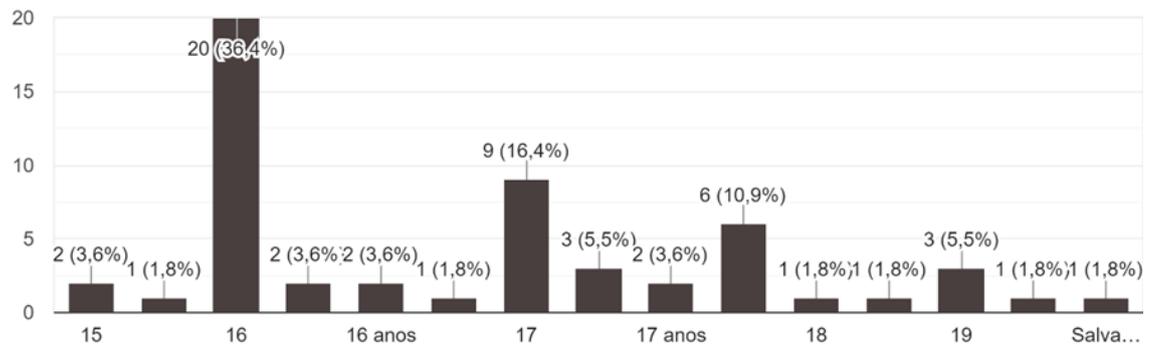
Fonte: Elaboração própria, 2021.

Em linhas gerais, o curso contava a maioria dos alunos inscritos do 2º Ano DV, cerca de 21,8%; seguidos pelo 2ºAV com 20 %; 2º BV com 18,2%; 2º FV com 14,5% e o 2º EV com 10,9%.

Gráfico 19 – Idade dos alunos inscritos no curso.

Qual sua idade?

55 respostas



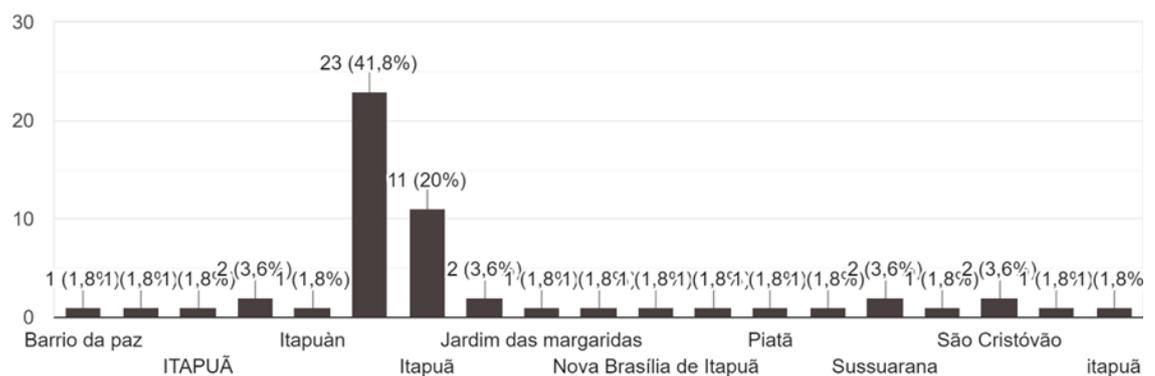
Fonte: Elaboração própria, 2021.

A maior parte dos alunos, nesse caso, tinha 16 anos (36,4%), seguidos por alunos com 17 anos (16,4%) e 9,1% de alunos com 19 anos, e somente 5,4% de alunos com 15 anos.

Gráfico 20 – Bairro onde os alunos moram.

Em que bairro você mora?

55 respostas



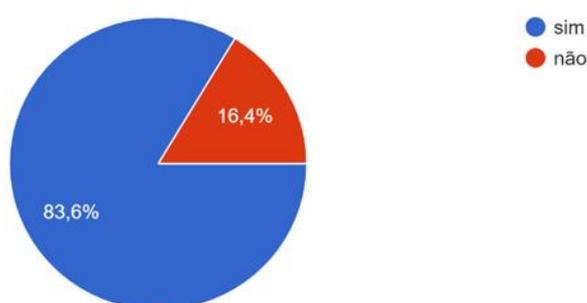
Fonte: Elaboração própria, 2021.

No tocante aos bairros onde os alunos moram, a maior parte reside no Bairro de Itapuã, aproximadamente 41,8%. Já os outros bairros em que estes residem são próximos a Itapuã,

como Bairro da Paz, Jardim das Margaridas, Nova Brasília de Itapuã, Piatã, Sussuarana e São Cristóvão.

Gráfico 21– Você gosta de História?

Você gosta de História?
55 respostas



Fonte: Elaboração própria, 2021.

A pergunta você gosta de História teve cerca de 83,6% de alunos que gostam da disciplina História e cerca de 16,4% que não gostam de História. A outra pergunta pede para que os alunos digam por que gostam ou não de História. Dos alunos que justificaram porque gostam de História, muitos a classificam como interessante, colocam também como forma de conhecimento, e que conhecimento gera poder. Alguns, inclusive, conseguem relacionar o conhecimento do passado para entender o presente, de forma que outros só relacionam o passado com o futuro. Além dessas, as outras justificativas foram:

Quadro 3- Sentimentos de gostar e não gostar de História nas justificativas dos alunos

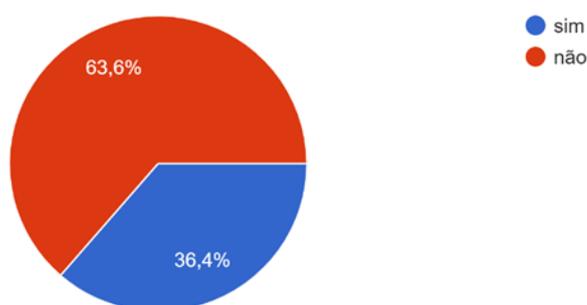
Atitudes em relação à História	Justificativas
	<p>É importante sabermos para ter conhecimento; Porque é interessante obter informações sobre o passado, assim fica mais fácil em saber como lidar com o presente e o futuro; Gosto de conhecer o passado para tentar compreender o presente e o que melhorar para um futuro mais promissor; Pq vc conhece outro tempo; Porque ela investiga o que os homens fizeram, pensaram e sentiram enquanto seres social e o conhecimento histórico ajuda na compreensão do homem enquanto ser que constrói seu tempo; Por que a história é conhecimento, e conhecimento é poder; É bom conhecer o passado; Porque é o meio de informação sobre o desenvolvimento do nosso país;</p>

Alunos que gostam	<p>Sem passado não tem presente e nem futuro; Porque me ajuda a fazer uma reflexão do que aconteceu no passado com os fatos atuais; Acho muito interessante; Legal saber as histórias passadas; Temos muito a aprender com o passado; é interessante; Gosto de saber mais sobre o passado e momentos históricos importantes; E interessante; Porque precisamos analisar o passado para entender o presente; Porque é bom saber sobre o passado do nosso povo; Acho interessante; Gosto dos mistérios antigos; É interessante; Porque a história é o registro de tudo o que já se passou, e para compreendermos o futuro, precisamos conhecer o passado, então a história é muito importante para tudo; Só gosto; Aprendo coisas novas, de antigamente pensando no futuro; É interessante o saber o q aconteceu no país ou mundo; Gosto de estudar sobre a antiguidade; Porque acho interessante; Por que fala sobre várias histórias; Gosto de saber das coisas que aconteceram no passado; Para descobrirmos a origem dos nossos antepassados e das coisas; Pq é interessante; Por que é bom saber nossas origens; porque aprende mais sobre a história de outros lugares, do nosso país inclusive; Por que é uma matéria onde nós aprendemos muitas coisas sobre o nosso passado; História é a matéria que nos estuda a vida do homem ao longo do tempo, nos traz informações importantes acerca da nossa origem e cultura. Faz as pessoas estudarem o passado para entender o futuro. Gosto de saber das histórias e das origens Gosto de saber da história do Brasil Me identifico bastante. Acúmulo de conhecimento Para saber um pouco da história da sociedade em que vivemos Gosto de saber o que houve no passado que nos trouxe até esse momento em que estamos.</p>
Alunos que não gostam	<p>eu gosto de saber das coisas e o pq, mas acho muito chato; Porque tem dificuldade pra aprender! Não é uma das minhas matérias favoritas. Porque n me interessa Nunca entendo Não gosto muito Porque tenho dificuldade de aprender história Acho um pouco chato, pq a gente sabe de coisa que já aconteceu e não sei como isso vai interferir na nossa vida no futuro, pq são coisas novas que estará acontecendo. Não muito, pelo fato de preferir mais assuntos de ciências da natureza e exatas. Porém depende do jeito que será explicado</p>

A justificativa que mais apareceu relacionada ao sentimento de “não gostar de História” está ligada à falta de entendimento da disciplina. Um dos alunos coloca que depende da forma como a disciplina é explicada, bem como alguns discentes não sabem fazer a relação entre passado e presente.

Gráfico 22 – Você já ouviu falar sobre o teatro São João?

Você já ouviu falar ou estudou sobre o teatro São João?
55 respostas



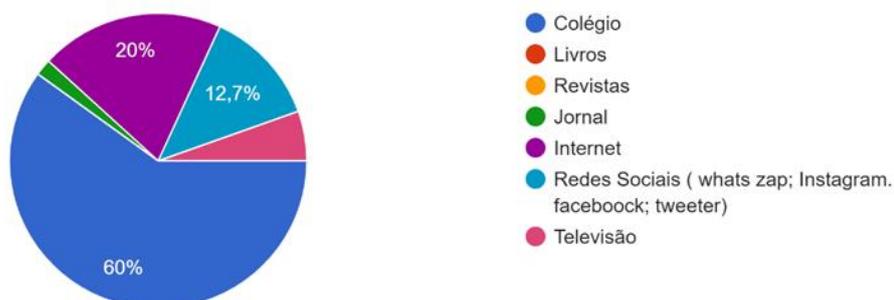
Fonte: Elaboração própria, 2021

Na pergunta você já ouviu falar ou estudou sobre o teatro São João?, conta com a maioria dos alunos afirmarem que não ouviram falar do Teatro São João ou mesmo estudaram sobre ele. Cerca de 63,6% e 36,4% já ouviram falar sobre o teatro ou estudaram sobre ele.

Na pergunta onde você ouviu falar ou estudou sobre o teatro São João?, em torno de 60% tomaram conhecimento sobre o teatro no Colégio, 20% por intermédio da internet pela e 12,7% pelas redes sociais (*whatsApp, Instagram e Twitter*).

Gráfico 23 – Onde você ouviu falar sobre o teatro São João?

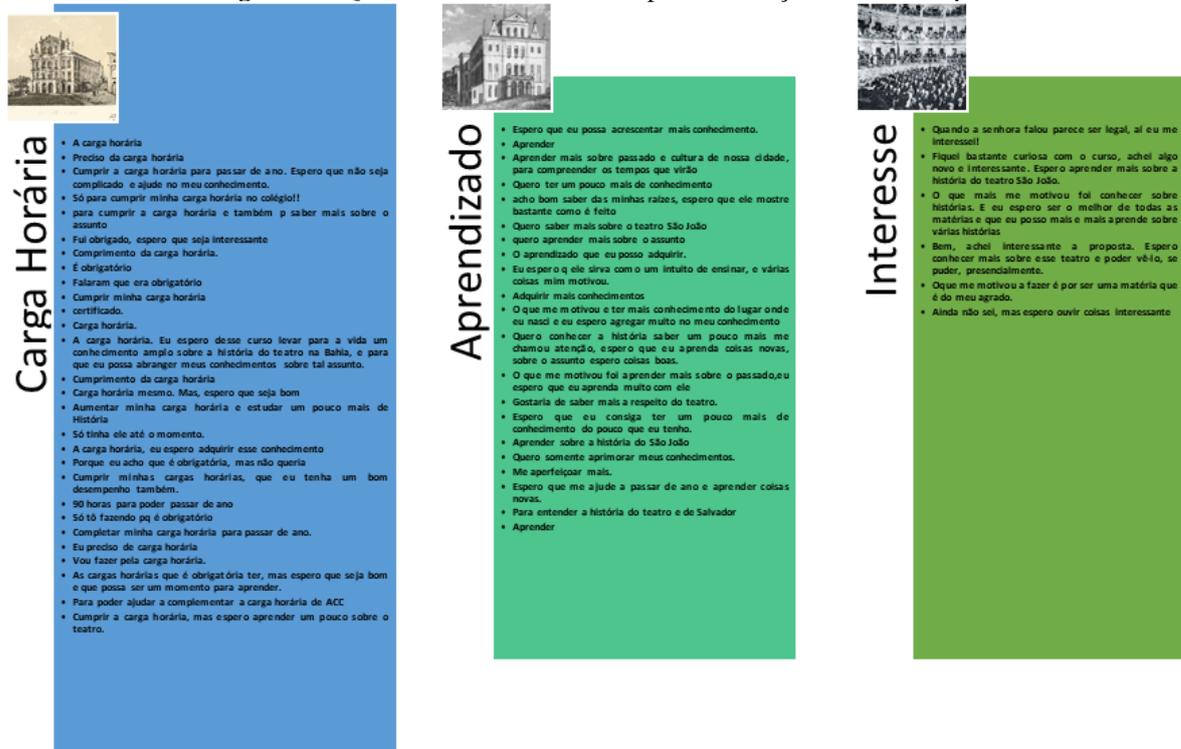
Onde você ouviu falar sobre o teatro São João?
55 respostas



Fonte: Elaboração própria, 2021

Já na pergunta “O que lhe motivou a se inscrever nesse curso e o que você espera dele?”
Obtivemos as seguintes respostas:

Figura 18- Quadro relacional de razões para a inscrição no Workshop



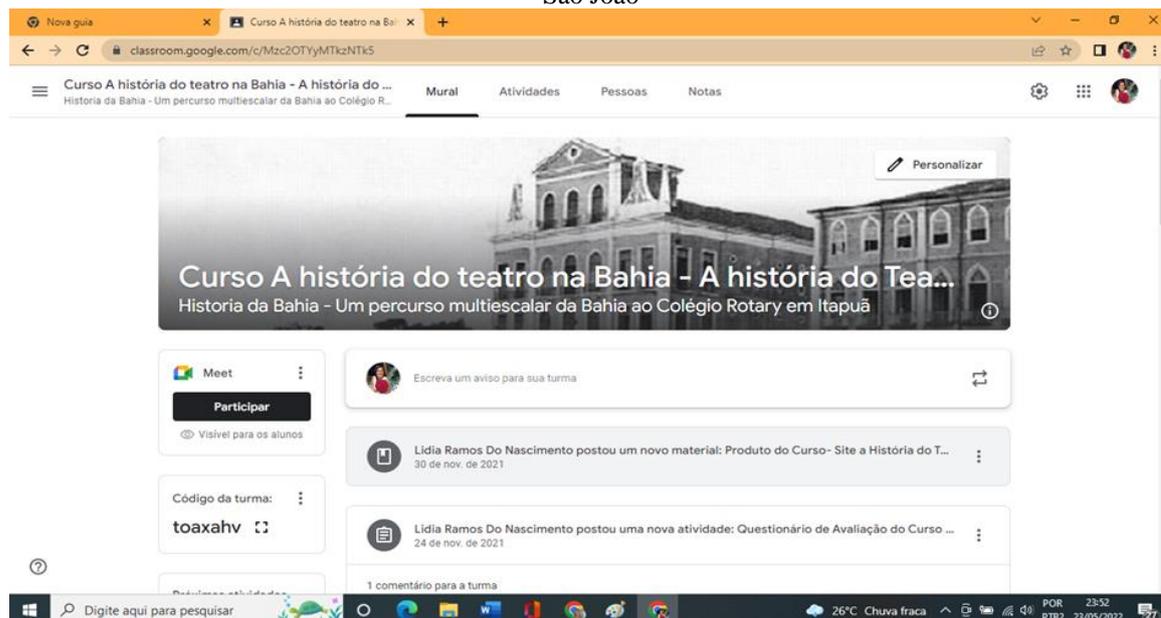
Fonte: Elaboração própria, 2021.

A grande maioria foi motivada a fazer a inscrição no curso pelo cumprimento da carga horária pedida na ACC, outros entenderam errado e se inscreveram pensando ser o curso obrigatório, e alguns foram motivados a aprender, a aumentar os conhecimentos. Outros alunos, ainda, inscreveram-se por curiosidade e interesse (figura 18) após conhecerem a Ficha de Inscrição do Curso a História do Teatro na Bahia – A história do teatro São João (1812-1923).

3.2.2 Em cena - Aplicação do Curso: A história do teatro na Bahia: A história do Teatro São João (1812-1923).

Após as inscrições do Curso, abrimos uma sala de aula no *Google Classroom* (figura 19) pela conta institucional do Enova, da Secretaria de Educação do Estado da Bahia (SEC-BA), em que foram enviados os convites via *e-mail* para os inscritos no curso participarem dessa sala de aula. Abrimos também um grupo na Rede Social do *WhatsApp* com os alunos inscritos.

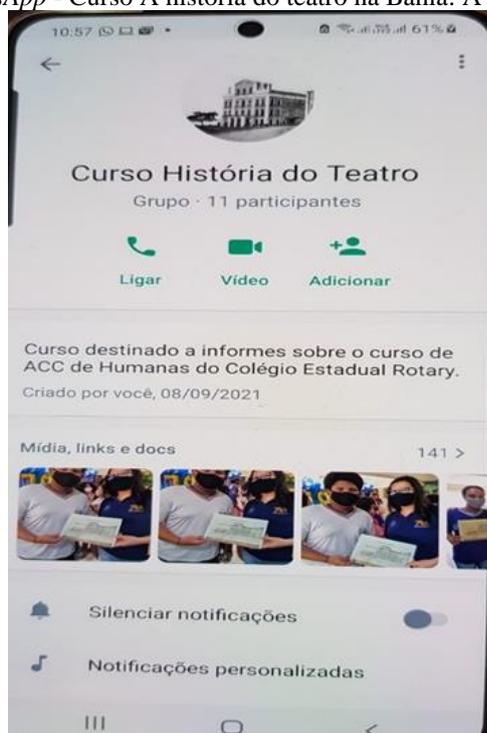
Figura 19- *Google Classroom* – Sala de aula virtual do Curso: A história do Teatro na Bahia: a história do teatro São João



Fonte: Acervo pessoal do autor (2021).

O *layout* da página de apresentação das atividades do curso no *Google Classroom* (figura 14) adotou a imagem do Teatro São João da representação postal. A ideia era já ambientar visualmente os alunos à arquitetura do Teatro São João, acostumando o seu olhar ao processo imaginativo de ir além da ausência do prédio na praça na atualidade. Para o avatar do Grupo *Whatsapp* do curso (figura 20), também foi selecionada a imagem do Teatro São João supracitada.

Figura 20- Grupo *WhatsApp* - Curso A história do teatro na Bahia: A história do teatro São João



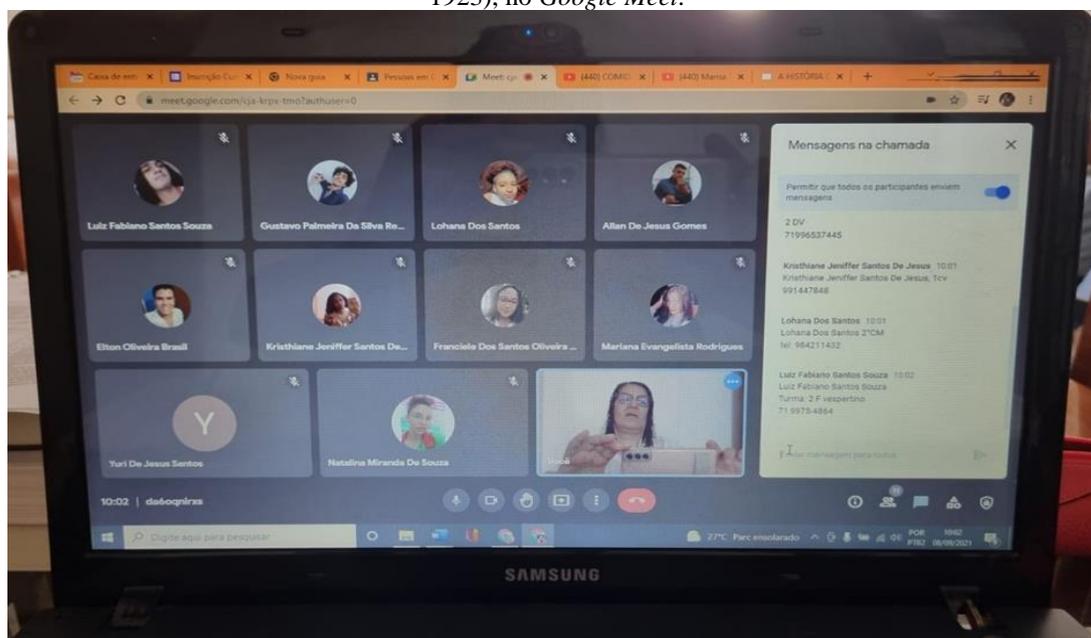
Fonte: Acervo pessoal, 2022

As aulas do Curso foram realizadas no período de 08 de setembro de 2021 até dia 31 de novembro de 2021. No tocante à carga horária de 30 horas, esta foi distribuída da seguinte forma: 10 horas via *Google Meet*: aulas-conteúdo do curso; 5 horas *Google Meet* e no aplicativo *WhatsApp*: Orientação do trabalho final do curso com os alunos, a criação do *site*; 10 horas: tarefas de aprofundamento do curso – casa; 3 horas: Produção do conteúdo do produto final; 2 horas Exposição do trabalho final de forma presencial.

Iniciamos as aulas do Curso “A História do teatro na Bahia: A história do teatro São João”, no dia 08 de setembro de 2021, às 9h, de forma remota, via plataforma digital. O *link* para o acesso da aula foi enviado pelo *Google Classroom*, a sala de aula criada e pelo grupo de *WhatsApp* da turma. O *Workshop* da História do teatro na Bahia: a história do teatro São João foi dividido em três partes: na primeira e na segunda parte trabalhamos com dois eixos temáticos: A história do teatro na Bahia e a História do teatro São João, respectivamente. Cada eixo era composto por 5 sequências didáticas, com temas relacionados à História da Bahia e do teatro.

Na sala digital, os alunos usavam o áudio e a câmera, além do *Chat*, para interagir com perguntas e compartilhamento de suas ideias e reflexões sobre as aulas dialogadas (figura 21), tornando o processo mais dinâmico e participativo. Alguns alunos apresentaram problemas quanto à utilização da câmera, tendo em vista que o celular estava com a câmera quebrada. Outros trabalhavam no horário da aula e só tinham a permissão de ouvir a aula, de maneira que não podiam se expressar oralmente e a comunicação se dava pelo *chat*.

Figura 21- Primeiro dia de aula do Curso a História do Teatro na Bahia – A História do teatro São João (1812-1923), no *Google Meet*.



Fonte: Acervo pessoal, 2021

Foram elaborados 09 *slides* (figura 22) para as apresentações dos primeiros temas, abordando a Sequência didática 1 – Os primeiros teatros da Bahia do século XVI ao Século XIX (Tema: As origens do teatro no Brasil e na Bahia – A influência do Jesuítas - Parte I) intercalando explicações, vídeos e músicas (áudio, vídeo e letra).

Iniciamos as aulas com a apresentação da proposta do *workshop* para os alunos. Posteriormente, fizemos a sensibilização, utilizando músicas para dar início ao estudo de nosso primeiro tema. Em todas as aulas do *workshop*, procurei utilizar músicas, pois o objetivo era tornar a aula mais leve, lúdica, levantar discussões/reflexões, debates, e apresentar também cantores, estilos musicais da MPB para que os alunos pudessem conhecer e despertar um gosto musical mais amplo, visto que muitos alunos em seu cotidiano não costumam ter esse contato. Nessa primeira aula apresentei o videoclipe da música “Comida”, da banda de rock brasileiro, Titãs. Discutimos sobre o que eles entenderam da música, levantando a questão das necessidades humanas, destacando que as pessoas também necessitam de “diversão e arte”. Depois, trabalhamos com algumas imagens de Salvador antiga, procurando fazer com que os alunos imaginassem como as pessoas da cidade nesse período se divertiam.

Nos outros encontros, falamos das origens do teatro na Bahia e no Brasil, abordando o papel dos jesuítas nesse processo. Para as apresentações do segundo tema, utilizei 17 *slides*, tratando “As origens do teatro no Brasil e na Bahia – A influência do Jesuítas - Parte II”, tendo como suportes textos, vídeos, fotografias, gravuras e aquarelas, solicitando aos alunos que deixassem comentários no mural do *Google Classroom*.

Nesses encontros, continuamos a falar da influência dos jesuítas em nosso teatro, usando os autos, bem como apresentei os teatros da cidade de Salvador do século XVI ao século XIX, identificando onde estavam localizados, observando como esses espaços estão na atualidade e verificando as mudanças e permanências ao longo do tempo.

Quanto à aula que versou sobre o tema “Os teatros na Bahia do Século XVI ao Século XIX”, foram criados 22 *slides*, imiscuindo textos e vídeos.

Já na aula que abordou “A Província da Bahia no Século XIX” foram utilizados 06 *slides*, vídeos com clipes de músicas, letras de músicas, vídeos históricos sobre o tema, indicação de textos, organização e execução de trabalhos em grupo.

Ao adentrar na Sequência 2 – A História do Teatro São João da Bahia e no tema “O Patrimônio Histórico”, foram utilizados 16 *slides*, imagens antigas da cidade; textos e trechos de documentos relacionados à história local; mapa da cidade; *Datashow* e *notebook*; música, vídeos do *Youtube* do Museu Virtual do Teatro São João. Houve, ainda, o acesso ao site do IPHAN e o uso do *Google Earth*.

A aula dialogou com “O Teatro São João da Bahia”, em que lançou mão de 11 *slides*, músicas, vídeos e dentre eles o vídeo do Museu Virtual do Teatro São João. Fizemos um tour por esse museu virtual, em que exploramos os recursos nele existentes, passeamos pelas ruas próximas ao teatro, visualizamos os tipos humanos presentes, entramos no teatro, onde pudemos ouvir trechos da ópera Rigoletto, conhecer a plateia e seus frequentadores.

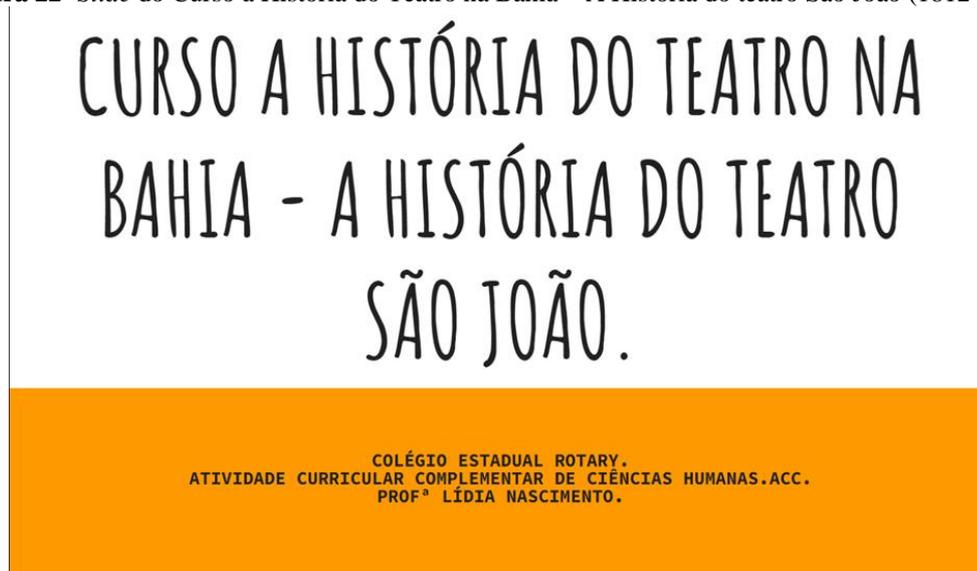
Em relação à aula com Tema “O Teatro São João da Bahia: Sua música e seus artistas”, houve o uso de músicas, vídeos e letras de músicas. Nesse encontro, fizemos um passeio por alguns ritmos apresentados no Teatro São João, como o lundu, a modinha e o maxixe. Apresentamos, ademais, alguns artistas baianos e do cenário nacional que se destacaram no século XIX.

Ao abordarmos o tema “A presença do negro no Teatro São João e o Movimento Abolicionista na Bahia”, foram utilizados 06 *slides*, vídeos e letras de música.

Nas duas aulas “O teatro São João e os teatros na Bahia: elaboração do produto-*Site*”, foi realizado um laboratório prático para apresentação do protótipo do *site* combinado com os alunos como produto do curso, havendo compartilhamento de vídeos como proposta de uso.

O nosso último encontro ocorreu no dia 30 de novembro de 2021, de forma presencial para a apresentação do *site*, troca de relatos de experiência e entrega dos certificados.

Figura 22- Slide do Curso a História do Teatro na Bahia – A História do teatro São João (1812-1923).



Fonte: Acervo pessoal, 2021.

A terceira parte configurou a orientação com os alunos para a elaboração do produto do curso escolhido por eles, que consistiu na produção de um *site* sobre a história do teatro São João e alguns temas da história da Bahia, dentre os que mais gostaram de estudar durante o curso, valorizando as escolhas e a autonomia dos estudantes participantes.

Foi escolhida a plataforma do *Google Sites* (figura 23) pela facilidade de manejo e acondicionamento de dados, tendo a arquitetura do *site* compreendido dez interfaces:

- **Início:** abordado o surgimento do teatro na Bahia e o contexto do teatro São João, com textos e fotografias;
- **Parcerias:** dois jornais digitais sobre o Teatro São João e um poema;
- **Estilos Musicais:** apresentando o lundu, a modinha e o maxixe, com textos, imagens e vídeos.
- **Artistas Destaque:** apresentação de personalidades como Xisto Bahia, Francisco Manoel da Silva, Laurindo Rabelo, Chiquinha Gonzaga, Domingos Caldas, Cândido Inácio da Silva, Carlos Gomes, Castro Alves, cujas obras foram representativas para a história do teatro no Brasil e na Bahia.
- **Patrimônios:** contêm uma seleção de patrimônios históricos materiais de Salvador, na Bahia. Compõem as cenas urbanas dos centros históricos.
- **Abolição na Bahia:** o papel do teatro no Movimento Abolicionista.
- **Curiosidades da Época:** curiosidades sobre a cidade em torno do teatro São João, de costumes a descobertas arqueológicas.
- **Referências:** sugestões de leituras sobre o tema.
- **Contato:** e-mail dos organizadores.
- **Créditos Finais:** Participantes da pesquisa, criação do site e coordenação do projeto⁷.

⁷ O *site*, com todas as suas informações, está disponível em: <<https://sites.google.com/view/saojoaohistoriateatrobahia/in%C3%ADcio?authuser=0>>.

Figura 23- Interfaces do site História do Teatro na Bahia



Fonte: Screenshot do site em aparelho celular, 2022.

Para o *site* foi escolhida a cor de fundo branca em razão da inserção de várias imagens, evitando confusão visual e distração do usuário. O *site* pode ser acessado tanto em computador *desktop*, *notebook* ou *tablet*, quanto em aparelho celular sem prejuízo da visualização. No *site*, ainda, é possível encontrar textos, vídeos e outros recursos que tornam sua visita mais dinâmica e interativa.

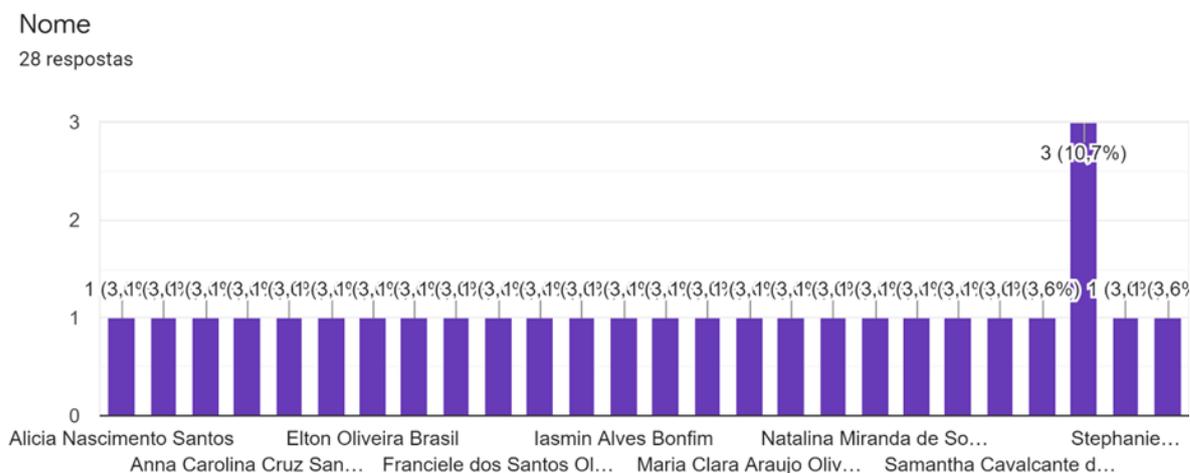
3.2.3 Análise do questionário de avaliação do Curso: A História do teatro na Bahia – A história do teatro São João (1812-1923)

Após a conclusão do curso: A história do teatro na Bahia – A história do teatro São João (1812-1923), aplicamos um questionário de avaliação junto aos alunos, respondido via *Google Forms*. O *link* foi disponibilizado no *Google Classroom* e no grupo do aplicativo *WhatsApp* do curso, no período de 17 a 30 de novembro de 2021.

O objetivo desse questionário foi obter um *feedback* com as impressões dos alunos sobre o curso e se conseguimos alcançar o nosso objetivo em promover o interesse dos alunos pelo estudo da História local, a História da Bahia.

A primeira pergunta se referiu ao nome dos alunos, de forma que obtivemos 28 respostas, sendo uma em duplicidade.

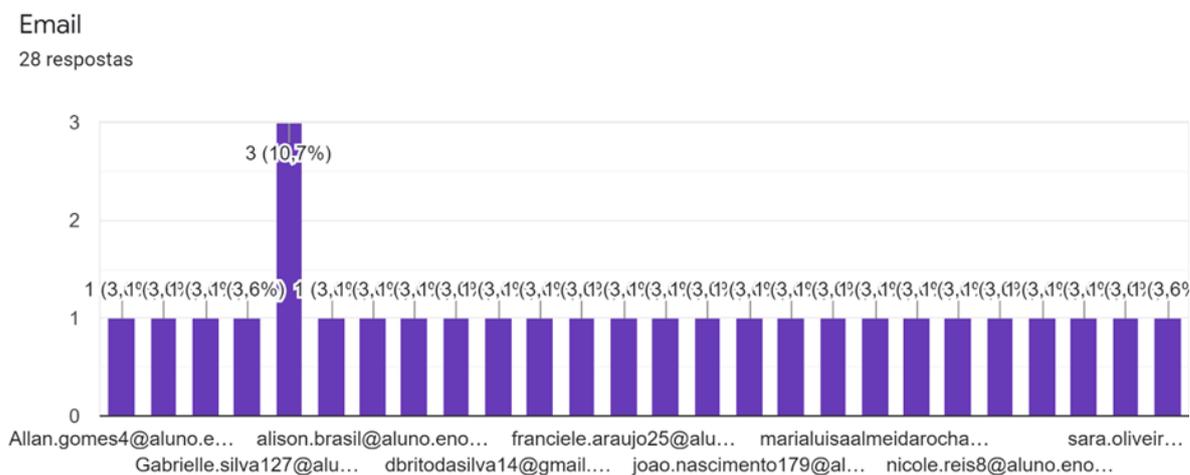
Gráfico 24 - Nome



Fonte: Elaboração própria, 2021.

A segunda pergunta solicitou a confirmação dos *e-mails* dos alunos.

Gráfico 25- E-mail

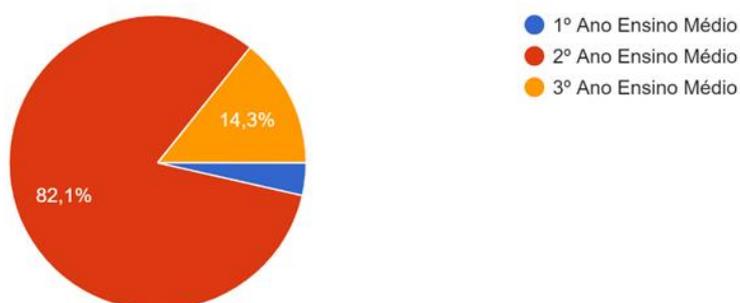


Fonte: Elaboração própria, 2021.

A terceira pergunta tem relação com a série e aproximadamente 82% dos alunos pertenciam à 2ª série do Ensino Médio; 14,3% estavam na 3ª série do Ensino Médio; e 3,6% correspondiam à 1ª série do Ensino Médio.

Gráfico 26– Série.

Série
28 respostas

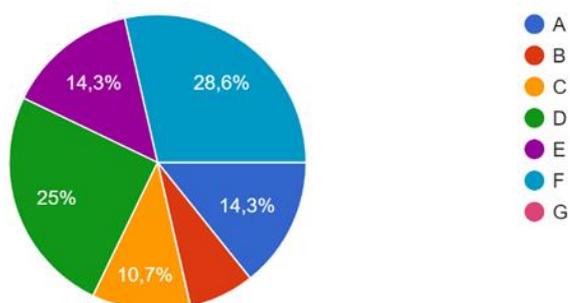


Fonte: Elaboração própria, 2021.

A distribuição das turmas com o percentual dos alunos que responderam ao questionário foi a seguinte:

Gráfico 27- Turma

Turma
28 respostas

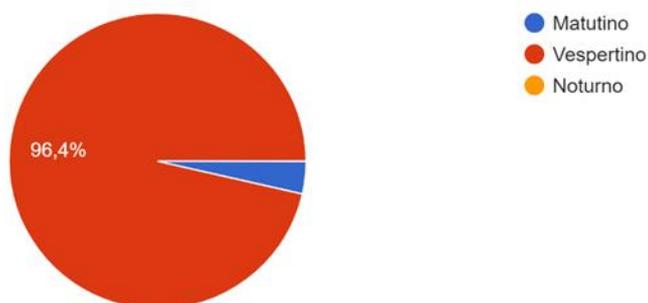


Fonte: Elaboração própria, 2021.

O turno predominante dos alunos que responderam ao questionário avaliativo foi o turno vespertino, com 96,4%; o turno matutino obteve 3,6%. Além disso, não houve respostas do turno noturno.

Gráfico 28 – Turno

Turno
28 respostas

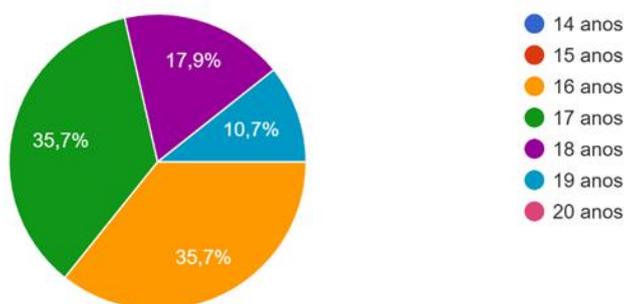


Fonte: Elaboração própria, 2021.

A idade dos alunos que responderam ao questionário avaliativo variou dos 16 anos aos 19 anos. Tivemos um empate de 35,7% nas idades de 16 e 17 anos; seguidos de 17,9% dos alunos com 18 anos e 10,7% dos alunos com 19 anos.

Gráfico 29- Idade

Qual a sua idade?
28 respostas



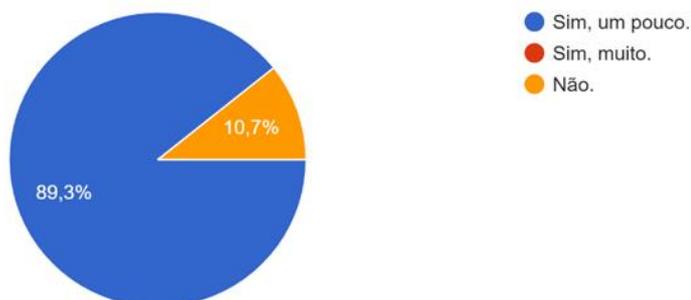
Fonte: Elaboração própria, 2021.

Ao indagarmos sobre o nível de conhecimento dos alunos a respeito da história da cidade de Salvador ou da Bahia, obtivemos as seguintes respostas: 89,3% dos alunos afirmaram que conheciam um pouco da história da cidade de Salvador ou da Bahia e 10,7% dos alunos responderam que não conheciam a história de Salvador ou da Bahia.

Gráfico 30– Conhecimento dos alunos sobre a história da cidade de Salvador ou da Bahia.

Você conhecia a história de Salvador ou da Bahia ?

28 respostas



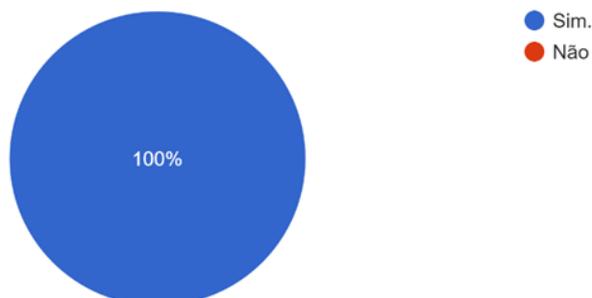
Fonte: Elaboração própria, 2021.

Perguntamos aos alunos se eles acharam importante conhecer mais sobre a história de Salvador ou da Bahia durante as aulas do curso: A história do teatro na Bahia – A história do teatro São João (1812-1923) e a resposta foi unânime: todos responderam que sim.

Gráfico 31 – A importância das aulas durante o curso para o conhecimento da história de Salvador ou da Bahia.

Você achou importante conhecer mais sobre a história de Salvador ou da Bahia, durante as aulas do Curso A História do teatro na Bahia: A história do teatro São João?

28 respostas



Fonte: Elaboração própria, 2021.

Na pergunta seguinte, pedimos as justificativas, caso respondessem que sim. Seguem as justificativas com menor grau de elaboração e maior teor de desenvolvimento.

Quadro 4- Justificativas dos alunos sobre a importância das aulas do curso

Respostas Simplificadas	Respostas Complexas
Achei muito importante e útil.	Eu gostei muito porque eu conhecia mais ou menos a historia salvador mais não conhecia o teatro sao João, teatro da bahia . Na aquela época. Então foi muito gratificante participar desse curso é saber como era ,e lindo a historia da nossa cidade
Sim, pq nos fica sabendo de várias coisa de salvador ou da Bahia, e muito bom conhece coisas novas.	Porque é interessante entender o contexto das coisas, saber os acontecimentos que levaram o nome dos lugares a ser quais são, porque é daquela maneira. Como é o exemplo da Praça Castro Alves, e de outras ruas e teatros da Bahia.
Sim, pq isso ajuda muito	Sim,pois consegui aprender um pouco de várias coisas mesmo estando corrido deu pra entender.
Achei muito legal, aprimorou mais ainda os meus conhecimentos. É sempre bom aprender coisas novas.	A história do teatro são joao se difundi com a história da Bahia como um todo e aprender sobre o estado que moro é muito bom porque só entendemos o que somos hoje se estudarmos nosso passado.
Saber um pouco de como surgiu em Salvador.	Acho importante para o desenvolvimento intelectual e para obter mais conhecimento sobre a cidade em que nasci e moro.
É importante saber a história de Salvador	A história nos ligou ao passado da nossa cidade , e aprendi coisas que eu não sabia sobre ela , achei a história do teatro bem interessante .
Questão de saber da própria cultura.	Antes de entrar nesse curso eu não tinha ideia da existência do teatro São João, também não sabia que a a atual Praça Castro Alves era só uma pracinha com uma arvore no meio, aprender sobre essas a história do teatro na Bahia me mostrou diversas coisas que eu não fazia ideia de que existiram ou como surgiram.
É muito importante e divertido aprender mais sobre o local que moro a tanto tempo e que é rica em sabedoria e cultura de modo geral.	Sim pois e importante manter a história na cabeça de seus descendentes para que ela não morra
Apreendi mais sobre Salvador e da Bahia	Porque é sempre bom conhecer como começou e seu desenvolvimento ao passar do tempo, sobre a história do teatro São João.

É sempre bom adquirirmos mais conhecimento, independente do assunto.	Eu achei importante por que saber a história do local onde nascemos é de extrema importância, para sabermos quem estava aqui antes de nós, quem fez história na nossa cidade e estado, quem foi importante para isso acontecer e quem fez parte da evolução da nossa cidade e do nosso estado
Com certeza, é importante ter conhecimento sobre a história do seu estado e capital, esse curso foi uma oportunidade e tanto para eu conhecer e saber das curiosidades e dos fatos mais importantes que aconteceram.	Porque é o nosso legado. Todas as lutas foram muito importantes e devemos manter as suas lembranças vivas
Pois é bom conhecer o lugar em que vivemos.	O Teatro São João era um patrimônio onde pisou vários artistas famosos da Bahia e foi lugar de espetáculos conhecidos durante a história.
Sim pq ajuda mais a nos sobre o assunto e é muito bom entende um pouco sobre as coisas de Salvador ou da Bahia	Sim, pois podemos saber as origens de nossa cultura e costumes.
Achei bastante importante conhecer mais sobre a história da Bahia, pois tinha alguma coisa que não sabia e tinha muita curiosidade de saber mais e com o curso foi possível fechar todas essas lacunas.	Pois pude aprender mais sobre a história dos meus ancestrais.

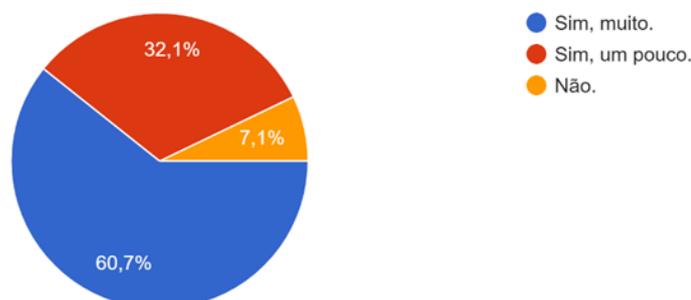
Fonte: Elaboração própria, 2022.

Perguntamos, também, se os temas estudados no curso despertaram o interesse dos alunos em conhecer mais sobre a história de Salvador ou da Bahia, o que nos possibilitou as seguintes respostas: 60,7% dos alunos responderam que “sim, muito”; 32,1% responderam “sim, um pouco”; e 7,1% dos alunos responderam que “não”.

Gráfico 32 – O interesse em conhecer mais sobre a história de Salvador ou da Bahia provocado pelos temas estudados durante o curso: A história do teatro na Bahia – A história do teatro São João (1812- 1923).

Os temas trabalhados no Curso : A história do teatro na Bahia: A história do teatro São João, despertaram o seu interesse em conhecer mais sobre a história de Salvador ou da Bahia?

28 respostas



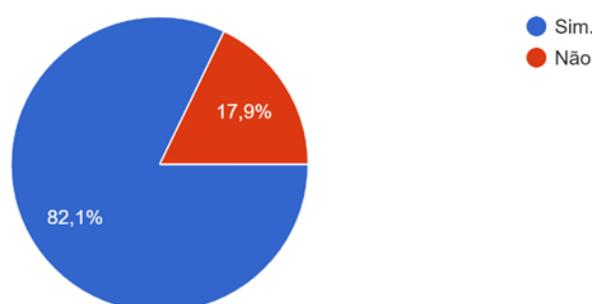
Fonte: Elaboração própria, 2021.

Além disso, questionamos se os alunos gostariam de continuar estudando sobre os temas referentes à história da cidade de Salvador ou da Bahia, na disciplina História. As respostas foram as seguintes: 82,1% dos alunos responderam que sim e 17,9% responderam que não.

Gráfico 33– Você gostaria de continuar estudando temas sobre a história de Salvador ou da Bahia, na disciplina História?

Você gostaria de continuar estudando temas referentes a História de Salvador ou da Bahia na disciplina História?

28 respostas



Fonte: Elaboração própria, 2021.

Outra indagação correspondeu aos alunos que responderam sim à pergunta anterior, a fim de entendermos em qual modalidade de ensino eles gostariam de estudar essas temáticas de História Local. Com isso, obtivemos tais respostas: 42,9% dos alunos preferem as aulas presenciais; 25% preferem cursos via plataformas digitais: *Google Meet* e *Classroom*; 14,3% dos alunos preferem de forma híbrida, utilizando as duas modalidades: aulas presenciais e aulas

utilizando as plataformas digitais *Google Meet* e *Classroom*; 14,3% responderam que não se aplica; e 3,6 % dos alunos responderam não.

Gráfico 34 – Modalidade de ensino que os alunos gostariam de estudar temáticas de história local.

Se você respondeu sim a pergunta anterior, em que modalidade de ensino você gostaria de estudar essas temáticas de história local?

28 respostas



Fonte: Elaboração própria, 2021.

Perguntamos aos alunos, no questionário avaliativo do curso, “Quais temas da história de Salvador ou da Bahia gostariam de estudar em suas aulas da disciplina de História?”, de modo que tivemos as seguintes respostas⁸:

Teatros de novo concerteza eu amei conhece todos eles

Sobre os povos indígenas que aqui viveram, a origem dos nomes das ruas e outras cidades
História dos pontos turísticos

Nomes importantes,lugares,datas,momentos e muito mais.

Os lugares turísticos

O desenvolvimento da Bahia

Ir mais a fundo sobre a evolução do centro histórico.

pontos turísticos

Como Salvador se tornou a primeira Capital do Brasil!!!

Os patrimônios históricos

Foram feitas ainda as seguintes perguntas: Como era Salvador na época em que era Colônia de Portugal? Existem registros? Como eram as ruas da Bahia a 50, 60 anos atrás? Qual a retrospectiva política da

⁸ Deve-se salientar que mantive a escrita dos alunos, de modo que não fiz correções.

Bahia ? Quem são as figuras que ajudaram na construção do estado? E da cidade? Qual a importância econômica do estado para mundo ?

Pelourinho

Infraestrutura das áreas pobres.

gostaria de aprender mais sobre os patrimônios desaparecidos da Bahia.

Origens, culturas, origem do nome Salvador e do nome Bahia

Se aprofundar na história do pelourinho e todo centro histórico.

A cultura

Sobre o surgimento de Salvador em si.

Não tenho nenhum em mente nesse momento.

Sobre o interior da Bahia e Salvador gostaria de estudar mais sobre seus bairros "recém-formados"

Sobre bairros

Um pouco sobre as coisas antigas de salvador ou da bahia

Eu gostaria de estudar mais sobre a história do teatro São João por que não tem muita coisa sobre ele no Google,sobre as pessoas que estiveram aqui antes e a importância que tiveram para a evolução da nossa cidade,as revoluções que tiveram para que essa mudança tivesse acontecido,entre outros

Gostaria de estudar tudo sobre salvador, da Bahia seria interessante destacar os primeiros povos, período imperial, colonização europeia e administração colonial portuguesa.

Gostaria de aprender mais sobre os patrimônios históricos

Conhece outro lugares, tbm podia fala sobre as coisas que tem em salvador

Outros temas que ainda não conhecemos.

Sobre as lendas de Itapuã

Perguntamos aos alunos se eles tiveram alguma dificuldade para acompanhar o curso supracitado. Sendo assim, as respostas foram estas: 46,4% dos alunos apresentaram alguma dificuldade para acompanhar o curso; 35,7% dos alunos não tiveram dificuldades em acompanhar o curso; 3,6% justificaram as dificuldades por causa do trabalho; 3,6% dos alunos afirmaram que a internet às vezes não ajudava muito; 3,6% dos alunos responderam a opção 3; 3,6% dos alunos responderam que, no início, tiveram dificuldades em acompanhar as aulas, pois estavam sem *internet*; 3,6% responderam que na maioria das vezes não tiveram dificuldade.

Gráfico 35– Você teve alguma dificuldade em acompanhar o curso?

Você teve alguma dificuldade para acompanhar o curso?

28 respostas



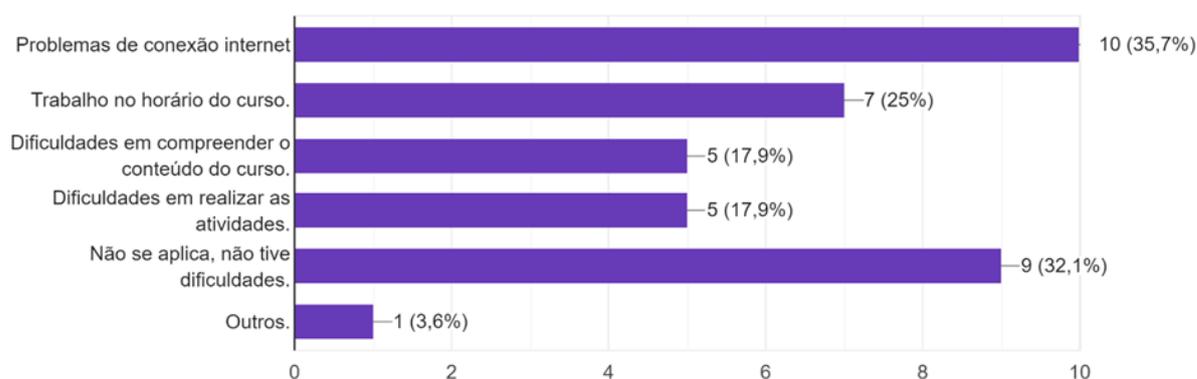
Fonte: Elaboração própria, 2021

Pedimos que os alunos assinalassem a(s) dificuldade(s) que ele enfrentou durante o curso. As respostas foram: 35,7% dos alunos tiveram problemas de conexão na *internet*; 25% dos alunos trabalhavam durante o curso; 17,9% dos alunos apresentaram dificuldades em compreender o conteúdo do curso; 17,9% dos alunos apresentaram dificuldades em realizar as atividades do curso; 32,1% dos alunos responderam que não se aplicava, pois, não tiveram dificuldades e 3,6% dos alunos respondeu “outros”, sem detalhamento.

Gráfico 36 – Dificuldades apresentadas pelos alunos durante o curso.

Assinale a (s) dificuldade (s) que você apresentou durante o curso.

28 respostas

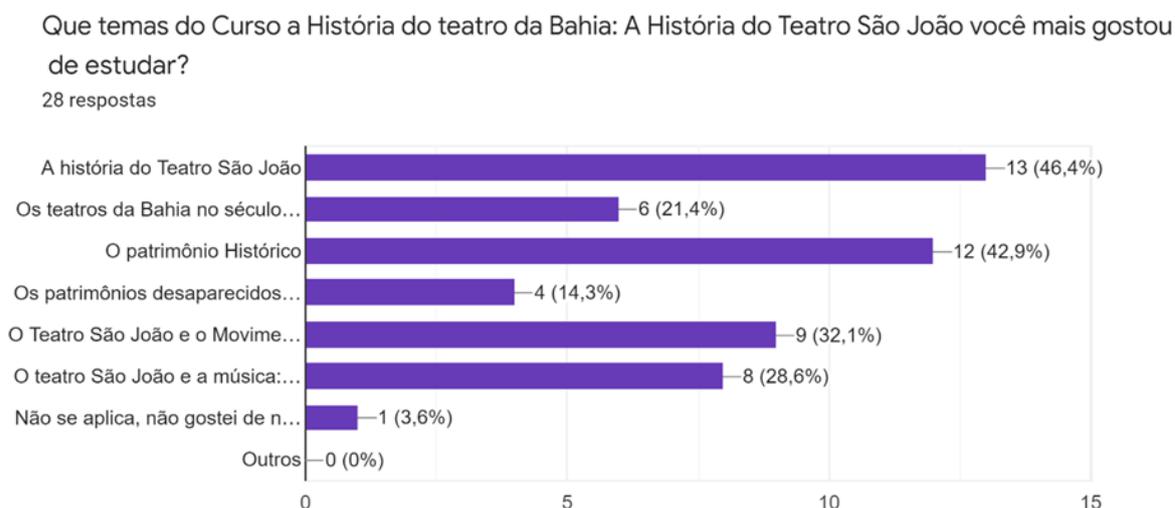


Fonte: Elaboração própria, 2021.

Ademais, foi questionado aos alunos “Que temas do curso: A História do teatro na Bahia – A História do Teatro São João (1812-1923) você mais gostou de estudar?”, o que rendeu tais

respostas: A história do Teatro São João com 46,4% das respostas dos alunos; o patrimônio histórico com 42,9%; o Teatro São João e o Movimento Abolicionista, com 32,1%; o Teatro São João e a música: o lundu e o maxixe com 28,6%; os teatros na Bahia dos séculos XVI ao XIX, com 21,4%; Os patrimônios desaparecidos com 14,3% e 3,6% não se aplicava, pois não gostaram de nenhum dos temas.

Gráfico 37– Temas que você mais gostou de estudar no curso: A história do teatro na Bahia – A história do teatro São João (1812-1923).



Fonte: Elaboração própria, 2021

Em seguida, interpelamos “Que atividades você mais gostou de realizar durante o curso?”, solicitando que os alunos justificassem as suas respostas. Diante disso, as respostas foram as seguintes⁹:

Eu gostei de tá conhecendo nossa bahia

A criação do site e o seminário

Todas

A primeira e oitava

A do patrimônio histórico, porque tirou muitas dúvidas minha.

Diário de bordo, de falar da aula como foi, oque entendeu etc..

Sem dúvidas a dinâmica do jornal porque foi algo novo.

A do teatro são João e a música e o movimento histórico

⁹ Deve-se salientar que mantive a escrita dos alunos, de modo que não fiz correções.

O jornal. Sobre os teatros da bahia

Os patrimônios históricos

Gostei do diário de bordo, pois podíamos colocar nossas compreensões e questionamentos , assim poderíamos ser mais participativos e também estimula a prestar atenção nas aulas.

Os resumos

O fato de falar da nossa história

A atividade 6: A História do Teatro São João.

A apresentação com slides e o site

Sobre as imagens de Salvador

O teatro São João me chamou atenção por que parecia ser bem legal, gostei de saber sobre a história do lugar, e os patrimônios desaparecidos foi bom pra saber como era a nossa cidade antigamente antes da modernização da cidade.

Saber sobre algumas curiosidades do teatro São João. Eu sou bem curioso e saber sobre os detalhes das coisas é bem gratificante pra mim.

Uma das primeiras atividades que foi sobre os Autos, que foi passado o auto morte e vida Severina, eu gostei muito, sobre os patrimônios também, e sobre os estilos músicas.

As atividades de lundu, modinhas e maxixe pois não tinha escultado antes

A pesquisa sobre lundu, modinhas e maxixe, pois eu pude aprender mais pesquisando e amei.

Quase todas as atividades principalmente as do teatros

A de procurar sobre as músicas e as histórias dos teatros

Adorei fazer a atividade sobre os patrimônios históricos, pois pude apreciar os bens materiais e imateriais de Salvador.

A história do Teatro de São João. Eu descobri, Jesuítas não haviam forçado os nativos a abandonar sua cultura. Isso me ajudou a compreender um pouco mais sobre história do nosso país.

Gostei mais do que falou do teatro São João e o movimento abolicionista na bahia

Gostei muito do teatro São João e o movimento abolicionista na bahia.

Das músicas porque era a partir alegrava meu dia.

Perguntamos “Quais atividades você não gostou de fazer?” Solicitando que os alunos justificassem as suas respostas.

As respostas foram as seguintes:

Nenhuma

Gostei de todas.

Site e o jornal porque deu um pouco de trabalho

Gostei de todas, no entanto algumas me agradam

A terceira

Dos teatros, porque não sou muito interessada.

Relatório das aulas, por mais que você preste atenção na aula é complicado relatar como foi.

Gostei de todas

Não sei

Acho que nenhuma.

As comparações do teatro são João

Todas

A atividade 9: O movimento Abolicionista na Bahia

Não

A elaboração do produto final

Gostei de fazer todas, meu único problema foi ter tempo suficiente para concluir rápido.

Todas eu achei legal de serem feitas, porém em questão de cansaço e esforço, eu diria que foi o site. Nem uma pois gosto de história.

Gostei de todas, só fiquei bastante sobrecarregada.

A atividade do teatro São João e o movimento abolicionista na Bahia

Nenhuma

Não gostei de fazer a atividade com os teatros da Bahia no século XVI ao século XIX, pois foi um pouco difícil encontrar imagens antigas e atuais de alguns teatros.

Morte e vida Severina. Só de pensar naquele vídeo, me dá arrepios

Algumas eram complicadas

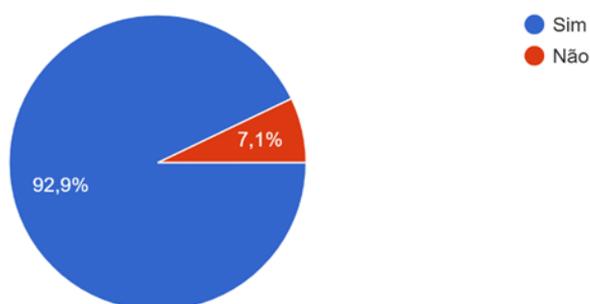
Amei muitas atividades, principalmente as que tinham o teatro de São João.

De entrar no Museu virtual porque eu não conseguia entrar

Com isso, perguntamos aos alunos se este curso atendeu as expectativas deles. As respostas foram as seguintes: 92,9% dos alunos responderam que o curso atendeu as expectativas deles e 7,1% dos alunos responderam que o curso não atendeu as suas expectativas.

Gráfico 38– As expectativas dos alunos com o curso: A história do teatro na Bahia – A história do teatro São João (1812-1923) foram atendidas?

O Curso a História do teatro na Bahia: A História do teatro São João atendeu as suas expectativas?
28 respostas



Fonte: Elaboração própria, 2021.

Pedimos que os alunos justificassem a resposta anterior. Eis as respostas¹⁰:

Foi uma experiência muito legal

A gente acaba achando que sabemos sobre certos assuntos com base, mas ao longo do curso percebi que a história do Teatro, tem muito mais contexto e fatos do que eu podia imaginar.

Eu não tinha expectativa

Pois aprimorei os meus conhecimentos

Pensei q n iria gostar,gostei porém foi difícil porque era muita atividades e n consegui acompanhar.

Com passar do tempo nos aprofundamos sobre o conteúdo e gostei muito.

Na verdade superou minhas expectativas pois a relação com a história do desenvolvimento do Brasil estava envolvida com a história desse teatro.

Bem melhor do que eu esperava, achei tudo muito interessante.

Aprendi sobre suas histórias e origens

Falou exatamente só o tempo, que era a história do teatro

¹⁰ Deve-se salientar que mantive a escrita dos alunos, de modo que não fiz correções.

Eu esperava conhecer como o teatro foi construído, o porquê ele foi construído, quem frequentava e qual era a importância dele na época e qual o papel dele no desenvolvimento que temos hoje, e tudo isso foi explicado no curso.

Foi bom

Nem sabia da existência dele.

Atendeu as minhas expectativas e foi bem divertido aprender com a professora Lídia.

Pude aprender sobre o teatro, que eu nunca tinha ouvido falar

A minha expectativa era completar a carga horária em acc

Sim, a professora fez uma visita virtual e foi bem legal saber cada detalhe e seus acontecimentos.

Eu pensei que seria que nem alguns cursos que já tive, onde assistia a aula e pronto, mas foi bem interativo, informativo e divertido.

Sim, pois como eu disse, esse curso permitiu que os participantes se aprofundassem na história, sobre nossa localidade, e também sobre o teatro São João que foi tão importante.

Sim pois agora tenho um conhecimento muito maior sobre minha cidade Natal

Sim, pois eu consegui aprender e descobrir coisas que eu nem imaginava que existia.

Sim, até pq ajuda demais.

Atendeu todas as minhas expectativas, porém eu gostaria de saber mais sobre ele

Sim, o curso foi perfeito! No começo fiquei receosa de entrar no curso, pois pensei que seria chato ou que não ia aprender nada mas o curso preencheu minhas expectativas.

Comecei as atividades do curso com a intenção de aprender um pouco mais. Só que descobri, bem mais porque realmente eu buscava.

Sim, pq eu não sabia muita coisa sobre esse teatro e me fez entender um pouco

Sim, muito eu não conhecia não sobre o teatro, e amei fazer parte desse curso.

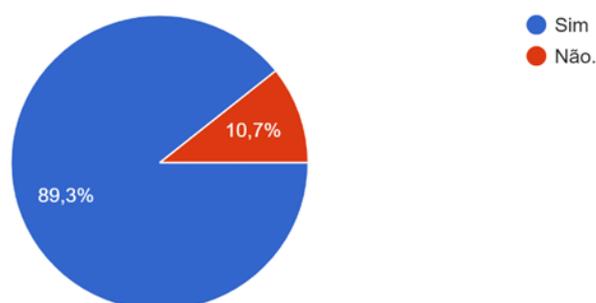
Sim

Questionamos aos alunos, também, se o curso contribuiu para o entendimento deles da disciplina História, de maneira que as respostas foram: 89,3% dos alunos responderam que sim, o curso contribuiu para o entendimento deles da disciplina História e 10,7% dos alunos responderam que não, o curso não contribuiu para o entendimento deles da disciplina História.

Gráfico 39– O curso contribuiu para o entendimento dos alunos da disciplina História

Esse Curso contribuiu para seu entendimento da disciplina História ?

28 respostas



Fonte: Elaboração própria, 2021.

A seguir, foi pedido que os discentes justificassem a resposta da questão anterior. Dito isto, obtivemos as respostas a seguir¹¹:

Sim. Porque além de aprende várias coisas agente ser divertiu muito durante esse tempo

Normalmente em aulas de história se tem o foco de todo o Brasil e o curso trouxe conhecimento sobre a história do estado e cidade em que nasci e vivo

Contribuiu muito para meu currículo mental

Sim pois pude entender melhor alguns assuntos como revolução industrial.

Aprende um pouco de tudo

Contribuiu muito, agora sei de conteúdos que n entendia muito na disciplina de historia.

Muito pois ajuda a entender mais como foi que a cultura portuguesa se difundiu com outras culturas aqui na Bahia e conseqüentemente para o Brasil.

Com toda certeza, pois eram assuntos que eu jamais tinha pensado estudar e acabei gostando
Sim, acrescentar nos estudos da historia da Bahia

Conhecer mais os patrimônios, a fundação do teatro.

Para estudar o teatro tivemos que pesquisar época e quem eram as pessoas que viviam e como viviam em Salvador, então isso ajuda na compreensão de alguns assuntos.

Eu aprendi várias coisas sobre o teatro são joão

Não prestes atenção

Consegue ser bem mais divertido aprender história quando se falar de um lugar familiar, como é o caso da cidade de Salvador.

¹¹ Deve-se salientar que manteve a escrita dos alunos, de modo que não fiz correções.

Foi um curso onde, meus conhecimentos se expandiu.

Não mudou no meu entendendimento na matéria.

Aprendi coisas que eu não sabia ,e com certeza acrescentou no meu conhecimento.

Saber sobre a história é sempre bom, admito que não é a minha matéria favorita, mas sei reconhecer que é de extrema importância saber da história das coisas para poder te um entendimento evoluído e melhorado para/com o presente e futuro.

Com certeza, pois oque foi passado no curso tambem se relaciona muito com o que estudamos na disciplina, então nos ajuda a reforçar o entendimento.

Sim pois tmb engloba a história do Brasil e o um dos temas que mais vimos no passado

Com certeza, eu não tinha noção de nada que aprendi, pois nunca gostei muito de história.

Sim, é bom aprende um pouco né

Contribuiu muito pois eu consegui adquirir muito mais conhecimento sobre o meu estado e cidade e sobre coisas que tinham aqui porém não tem mais como a história do teatro São João

Sim, com o curso me interessei mais para estudar os assuntos de história e passei a gostar mais da disciplina.

Acho que não. As atividades feitas, me fez compreender mais sobre a cidade e o estado em que hábito, sobre as lutas feitas aqui e sua importância.

Sim, ajudou muito aprendi várias coisas que não sabia

Sim, contribui muitas vez

Conhecer as historia do estado onde morra é uma das coisas que muitos que fizeram o curso queriam aprender .

Perguntei se os alunos gostaram da elaboração do produto do curso e que eles fizessem o relato da sua experiência na elaboração do produto final do curso. A seguir, apresentamos algumas das respostas¹²:

Sim .através que foi um pouco difícil mais foi legal

Sim, o site é uma forma interessante de passar o conehecimento que adquirimos no curso adiante e de forma prática.

Mais ou menos

Sim,gostei muito pois foi super divertido,mesmo que um pouco puxado.

Sim

¹² Deve-se salientar que mantive a escrita dos alunos, de modo que não fiz correções.

Fazer o site e nos aprofundar ainda mais no conteúdo fazendo que falássemos com nossas próprias palavras foi bem legal.

Foi uma experiência totalmente nova para mim pois nunca tinha feito um jornal parte da pesquisa foi comum como outras pesquisas que a gente faz porém a criação do jornal foi algo novo e que com essa criação ajudou até interagir com alunos de outras salas.

Gostei, acho que foi todo mundo colaborativo e criativo.

Sim. Poderemos apresentar todo nosso aprendizado

Sim, falei sobre os estilos de música e danças que era feita no teatro.

Sim. Eu pesquisei sobre uma das artistas da época e foi bem legal , gostei muito da ideia do site , tá bem criativo.

Sim, eu ajudei na parte da pesquisa sobre o teatro hoje em dia

Não tive nenhum interesse em aprender

minha experiência com esse curso foi uma das melhores, pois, eu consegui desenvolver um olhar mais "histórico" sem que saio na rua

Sim. Um materia que poderemos apresentar todo nosso conhecimento durante o curso

Achei muito complexo

Gostei para saber oque cada aluno achou do curso.

Achei divertido. Nunca achei que iria fazer um site, mas eu fiz kkkk. Com a ajuda das pessoas isso foi fácil, porém, ainda foi cansativo. Se me pedissem pra fazer de novo, eu iria pensar duas vezes, porque requer muito tempo e esforço, talvez se não fosse pela pandemia que complicou a vida no colégio, fazer o site seria menos cansativo, assim acredito.

Apesar de estar sendo bastante corrido e cansativo, estamos produzindo, meu grupo organizou as história dos artistas destaques, e eu também ajudei na confecção de outro tema relacionado às curiosidades da época, todos então se empenhando bastante apesar do tão pouco tempo, principalmente o grupo que organizou o site.

Sim gostei muito do site . Contribuí com 2 pesquisas feitas por mim

Amei. Não sei como relatar essa experiência, mas foi mais fácil do que eu imaginava.

Sim, amei muito e espero q tenham mais no próximo ano.

Eu gostei muito,por que a gente pode contribuir para que outros adolescentes aprendam também e adquiram conhecimento da mesma forma que eu consegui adquirir e que eles passem esse conhecimento também para mais outras pessoas. A minha experiência foi muito boa eu gostei muito de participar, como eu disse antes eu adquiri bastante conhecimento

Sim, meu grupo ficou responsável para fazer um jornal digital sobre o teatro São João e ajudar no que fosse preciso na organização do site. Não tive problemas na elaboração do produto, todos foram bem participativos.

Foi interessante. Aprendi muitas coisas que eu não fazia ideia que existia e descobri um pouco mais sobre coisas que já sabia, teve um momento que foi bem que agoniante (morte e vida Severina, sério aquele vídeo me fez passa mal, por algum motivo). Tirando isso, a minha experiência foi ótimo

Sim mereceu muito e também ajudou muito gostei demais.

Sim, um curso ótimo, e ajuda alguns alunos como eu a conhece mais um pouco sobre os teatro de Salvador ou da bahia

Sim , principal mente das músicas dos artistas destaques pois vi partituras que despertaram o meu interesse

Essa imersão nas respostas dos alunos, através dos diagnósticos de cenário, realidade e avaliação, acompanhando o antes (questionário inicial, marco zero), o durante (questionário aplicado aos cursistas, marco 1.0) e o depois (questionário avaliativo das atividades) possibilitou compreender o universo de interesse dos alunos nos temas de ensino-aprendizado, de forma contextualizada, além de trazer para o texto acadêmico as “vozes” deles expressas em suas respostas.

A adaptação às novas cartografias perpassa não apenas a questão das transformações na geografia do patrimônio cultural, mas também as vidas dos alunos, seus contextos, entendendo assim como estes desenvolvem os seus olhares sobre o mundo a partir de suas bagagens culturais, sociais e econômicas.

A região de moradia dos alunos, as desigualdades no processo de ocupação urbana em Salvador e Itapuã, o IDH dos bairros que refletem a precarização das condições da vida de muitos, com destaque para os altos índices de pobreza e desenvolvimento nos bairros de Nova Brasília (mensuração de pobreza em 2000 - 54,38% e em 2010 - 29,12%) e São Cristóvão (mensuração de pobreza em 2000 - 48,08% e em 2010 - 27,07%) (Barreto; Santos; Carvalho, 2018) explica em parte os problemas com os acessos tecnológicos durante a pandemia.

Em uma região pouco assistida por equipamentos culturais (teatro e museus), de costumes massificados (*shoppings*, cinemas - *blockbusters* e restaurantes), quando a frequência ao teatro não se dá em edificações de abrigo das Artes Cênicas, o acesso é limitado e a experiência não assume a integralidade de seu sentido arquitetura/história/dramatização, as possibilidades de conceber o patrimônio cultural como parte da formação sensível que impacte na leitura de mundo fica comprometida.

A articulação, mobilização e ação dos alunos em torno de um projeto de descoberta pela informação e formação, pela sensibilização audiovisual, pela humanização da necessidade de cultura ao lado das demais necessidades cidadãs de direito, foram processos de construção coletiva orientados pela atividade docente. Tentamos, com essas ações, dar consistência ao que Áurea Pinheiro, inspirada em Morin, afirmou ser a mediação educacional na atribuição de sentidos aos patrimônios, isto é, “processos de conhecimento, um conhecimento pertinente, que

enseje a identificação, compreensão, incerteza, percepção de nossa condição planetária e responsabilidade uns para com os outros” (Pinheiro, 2015, p. 57).

A pouca ou quase nenhuma relação inicial da história/História com os equipamentos culturais e o próprio conceito de patrimônio cultural, que eles reportavam inicialmente como pertencente à área do Turismo, faz com que alguns alunos não vejam relação entre sua educação escolar (pensada enquanto passado) e a cultura que o cerca no tempo presente.

A Educação Patrimonial no Ensino de História na Educação Básica buscou tornar a escola um espaço de reflexão e prática dos debates em torno da salvaguarda do patrimônio cultura baiano, problematizando-o através da investigação, argumentação e organização do pensamento histórico. Afinal, corrobora com a ideia de que

A consciência histórica não é idêntica à lembrança. Só se pode falar de consciência histórica quando, para interpretar experiências atuais do tempo, é necessário mobilizar a lembrança de determinada maneira: ela é transportada para o processo de tornar presente o passado mediante o movimento da narrativa (Rusen, 2001, p. 63).

Verificar algumas das visões se modificarem a partir da Educação Patrimonial desenvolvida sobre a História do Teatro na Bahia, vê-los relacionar o patrimônio cultural à história e campo da História, nos textos e na produção do *site*, durante o desenvolvimento das atividades, demonstra o quanto o interesse pode ser desperto, o quanto as noções de identidade cultural (pertencimento) precisam ser descortinadas e motivadas ao “encontro”, ao abraço de si a partir da contextualização. Nessa perspectiva, fica comprova que

não somente os objetos ou as coisas, mas suas representações imagéticas e simbólicas circulam nas entranhas das memórias dos sujeitos sociais, em meio a sentimentos e vivências que resistem ao ocaso e se mantém devotadas a sustentar vínculos com os seus lugares de pertencimento, historicamente construídos (Pelegrini, 2007, p. 91).

O desenvolvimento do projeto de Educação Patrimonial com os alunos do Ensino Médio do Colégio Rotary também possibilitou a intermediação tradição/pós-modernidade ao trabalhar com a história do passado baiano, das edificações patrimoniais, dos costumes e do legado da cultura imaterial (músicas e poesias) com os acessos tecnológicos via *Google Earth* e criação do espaço virtual para a História do Teatro da Bahia no *Google Sites*.

Com todos os problemas de acesso aos equipamentos e conectividade *online*, a necessidade da emergência sanitária, obrigou a superação dos entraves por parte dos participantes do *Workshop*, fosse na assistência às aulas via *Google Meet* e *Google Classroom*, fosse no manejo das ferramentas digitais do *Google Earth*, *Youtube*, *Whatsapp*, *Google Sites* e Museu virtual.

As memórias coletivas repensadas, reconectadas pela História Local e a vida da comunidade das pessoas que residem e transitam pelos espaços de patrimônio cultural sem deles usufruir, buscando sua melhoria e exercício cidadão foi fortalecendo a autoestima de muitos alunos, cuja desenvoltura nas atividades sugeria novas ideias, novas estratégias de preservação e fruição daquele espaço e sentidos atribuídos pelos vieses da subjetividade afetiva e do auto encontro com as suas raízes.

Dessa maneira, por meio desse amadurecimento nas tarefas e diálogos, o desdobramento das ações de informação, criatividade, conservação, cooperação, partilha, inclusão, sensibilidade e solidariedade se consolidou no Diário de Bordo e no *site* produzido coletivamente.

Por isso, este trabalho entrega dois produtos:

1) O **Manual de Educação Patrimonial. *Workshop* a História do teatro na Bahia: a História do Teatro São João (1812-1923)**, organizado a partir das sequências didáticas, *slides*, indicações de referências bibliográficas, de vídeos, músicas e imagens, além do uso de ferramentas digitais como o *Google Earth*, sendo possível atender aos requisitos formativos preconizados pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no que diz respeito ao desenvolvimento de habilidades e competências dos educandos.

O Manual aqui apresentado contém o passo a passo para a replicação das atividades por outros professores de História que atuem no estado da Bahia, mas também pode ser adaptado para outros estados e regiões com realidade semelhante.

Foi criado e diagramado em arquivo Word da Microsoft, tornado PDF (*Portable Document Format*) para evitar a desconfiguração e facilitar o acesso aos *links* interativos. Foi escolhida a cor verde clara, dentro da Teoria/Psicologia das Cores, tendo em vista o seu significado de associação à natureza e ao crescimento, assim como foi aplicado no Ensino de História e está relacionado à capacidade de contextualização, conforme afirma Johnny Pereira Gomes (2023, p. 10).

2) O **Diário de Bordo do *Workshop* a História do teatro na Bahia: a História do Teatro São João (1812-1923)**, no qual é possível encontrar de modo mais detalhado as atividades feitas pelos alunos, assim como os seus desempenhos e expressões durante o processo de ensino-aprendizagem.

Os dados colhidos apresentam a evolução do envolvimento dos alunos nas atividades, compondo um instrumento pedagógico que, por seus registros, passa a integrar o patrimônio escolar do Colégio Rotary Itapuã, em Salvador (BA).

Assim, entende-se que esse material realizado através do desenvolvimento da Educação Patrimonial na comunidade escolar atuou na produção de fontes para pesquisas futuras, contribuindo para o desenvolvimento da produção historiográfica da educação e continuação da formação e iniciação de estudantes da Educação Básica na pesquisa científica e divulgação científica (criação do *site*). Ademais, tratando-se ainda do aprimoramento das atividades de educação patrimonial escolar (Conceição; Monteiro; Melo, 2018, p.391). Para o *layout* do material também foi escolhido o arquivo Word, tornado PDF, mantendo a padronização dos suportes dos produtos. Foi escolhida a cor azul claro para a estética do Diário de Bordo, tendo em vista esta cor estar voltada para o pensamento analítico, sendo associada à calma, confiança e racionalidade (Gomes, 2023, p. 9).

FECHANDO O PANO DE BOCA (Considerações Finais)

No primeiro ato, inquietava-me a desmotivação dos alunos em relação aos conteúdos da história local e o desconhecimento do patrimônio cultural baiano, principalmente do Teatro São João, em Salvador, cuja descoberta através da literatura de Sílio Boccanera Jr. me encantara enquanto professora de História e baiana. Apesar de ter nascido em São Luís do Maranhão, cheguei em Salvador (Bahia) com 2 anos de idade e me considero a ludovicense mais soteropolitana que existe.

O desafio de despertar o interesse dos alunos não somente nos conteúdos programáticos das aulas para o Enem, mas fazê-los abraçar uma outra perspectiva de mundo um encontro de si mesmos, de suas raízes, de seus antepassados, de suas ancestralidades pelo viés da história, corporificados em patrimônios culturais que pudessem ser lidos como parte de sua experiência afetiva e cidadã, embora, ao mesmo tempo, desse fundamentação ao desenvolvimento de habilidades e competências criativas, solidárias, responsáveis, inovadoras e protagonistas.

Sobre esse enredo, ainda, recaía o peso da ausência física do Teatro São João, a destruição, o esquecimento e a necessidade de acessar recursos imagéticos, audiovisuais e virtuais para um exercício de abstração e de imaginação, capazes de realizar a conexão entre presente e passado.

Em tempos tão difíceis como o da emergência sanitária da Covid-19, a imposição das tecnologias digitais como única possibilidade de evitar a paralisação total das atividades educacionais impôs novos desafios: gerar o interesse nos estudantes atrás de uma tela, em meio ao caos de saúde (quando alunos e professores estavam fragilizados pelo medo, pela perda e pela falta de horizontes futuros), lidar com os problemas de acesso online, quer pela falta de equipamentos e conexão, quer pelas demandas de estágios e trabalho dos alunos. Em suma, em tempos tão conturbados, perder as fontes de renda para sobrevivência não era uma opção.

No segundo ato, a realização dos questionários de diagnóstico em três etapas – antes, durante e depois – configuraram os três tempos da Educação Patrimonial, de modo que permitiram compreender de forma mais aproximada a realidade dos alunos. Em outros termos, suas vivências socioeconômicas, suas formas de ver e processar o mundo que se apresentava diante deles e de suas famílias, suas relações com a cultura e a fruição dos equipamentos culturais, principalmente no que diz respeito aos teatros.

Quanto à pesquisa do IDH dos bairros, à verificação da situação de precariedade ao mapeamento dos espaços teatrais na região do colégio, em Itapuã e nos bairros adjacentes, de residência dos alunos, visualizando a pouca oferta desses equipamentos culturais e de museus

também, tendo os *shoppings centers* proliferado como “cultura” e entretenimento possível e disponível, pode-se explicar muito da angústia que senti primeiro quanto aos acessos ao curso, depois sobre a dissociação entre história e patrimônio cultural, história e teatro, cultura e cidadania.

A percepção de que, para os alunos, o espaço da cultura era atribuído ao turismo, à escola e ao componente curricular da História, as generalizações sobre a ideia de um aprendizado de história global irrealizável e distante de suas emoções e vidas, ou a concepção de que a História era um tribunal de julgamento das ações humanas para que alertasse sobre às punições àqueles que cometessem os erros do passado. Esta visão maniqueísta da História ensinada me deixou bastante preocupada.

Mesmo assim, no terceiro ato, enfrentando tais adversidades e outras (desmotivação, resistências, tentativas de “enrolar a professora”, evasão, respostas enviesadas, não cumprimento de tarefas por alguns alunos), o grupo que aderiu à proposta o fez com dedicação e afeto. Diante disso, estes alunos cresceram nos processos de construção textual, nas identificações com a cultura, nos espaços baianos, na vinculação do patrimônio cultural às suas histórias de vida e engajamento em atividades práticas que geraram produtos, um deles, tecnológico: o *site*, com as suas várias interfaces e conteúdo.

No quarto ato, ao receber a avaliação dos alunos sobre o processo de construção coletiva das atividades, os frutos da Educação Patrimonial desenvolvida com base no afeto, na dinâmica dialógica e protagonista dos educandos, e perceber que muitos começaram a se descobrir nos espaços da história local, aguçando a curiosidade, o desejo de conhecer mais, aprofundar os usos individuais, com amigos e familiares, foi possível ter a sensação de ofício cumprido. Afinal, como não se emocionar com passagens assim:

“Antes de entrar nesse curso eu não tinha ideia da existência do teatro São João, também não sabia que a atual Praça Castro Alves era só uma pracinha com uma árvore no meio, aprender sobre essas a história do teatro na Bahia me mostrou diversas coisas que eu não fazia ideia de que existiram ou como surgiram” (relato de aluno).

“É muito importante e divertido aprender mais sobre o local que moro a tanto tempo e que é rica em sabedoria e cultura de modo geral” (relato de aluno).

“Porque é o nosso legado. Todas as lutas foram muito importantes e devemos manter as suas lembranças vivas” (relato de aluno).

“Pois pude aprender mais sobre a história dos meus ancestrais” (relato de aluno).

“Professora, consegui um emprego quando falei e mostrei que havia feito o site para o projeto” (relato de aluno).

Houve problemas? Sim. Mas no contexto de 2020-2021, os percalços vivenciados servem como bússolas para aperfeiçoar o *Workshop* ao ofertá-lo para as próximas turmas do Colégio Rotary Itapuã, uma vez que a Educação Patrimonial não deve ser algo episódico, mas deve possibilitar uma continuidade. Assim, agora, livres da pandemia, com a possibilidade de visitação presencial ao espaço, com aulas em que risos, emoções e partilhas podem ocorrer no “chão da sala”, com o olho no olho e esperança em um porvir melhor para todos.

No quinto ato, a organização do material em dois produtos: o “Manual de Educação Patrimonial. *Workshop* a História do teatro na Bahia: a História do Teatro São João (1812-1923)”, que espero servir como um norte para outros professores de História da Bahia, que podem replicar e aperfeiçoar a experiência, conforme o diagnóstico de suas próprias comunidades escolares. Ademais, a partilha do “Diário de Bordo do *Workshop* a História do teatro na Bahia: a História do Teatro São João (1812-1923)” apresenta o quão demasiadamente humanos somos, professores e alunos, e o quanto caminhamos e somos capazes de construir registros históricos de nossa própria passagem no tempo. Material este que se torna documentação para o patrimônio escolar do Colégio Rotary e inscreve a trajetória dos alunos em sua história institucional.

Encerrada a peça, “sem quebrar nenhuma perna”, agradeço aos convivas e aguardo as flores da aprovação!

Referências

- ANÚNCIOS. **Correio Mercantil**: Folha Oficial de Commercio e de Literatura (1848-1849). Bahia. [Salvador, 13 out. 1848, p. 3]
- ARAGÃO, Rosângela Monteiro. **O ensino de História Local como instrumento para a construção da identidade e o exercício da cidadania**. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História). Natal: UFRN, 2019.
- ARAÚJO, Fábio José Reis de. Políticas de Gentrification e o processo de permeabilidade socioespacial no pelourinho. In: LEITE, Rogério Proença; SOUZA, Eder Cláudio Malta (Org.) **Cidades e Patrimônios Culturais**. Investigações para a Iniciação à pesquisa. São Cristóvão: EDUFS, 2013, p.305-327.
- BARBOSA, Helena Cristina Dias de Oliveira. **Desafios da história ensinada**: construção das memórias sobre a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial. Dissertação (Mestrado Profissional). Rio de Janeiro: ProfHistória/UFRJ, 2016.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Edição revisada e ampliada. São Paulo: Editora 70, 2011.
- BARRETO, Ricardo Candéa Sá; SANTOS, Eli Izidro dos; CARVALHO, Ícaro Célio Santos de. Pobreza Espacial em Salvador: uma análise dos setores censitários do PNUD para 2000 e 2010. **RES - Revista de Estudos Sociais**, vol. 20, n° 40, 2018, p. 192-225. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/res/article/view/6344/html>, acesso em: 23 maio. 2023.
- BARROS, Carlos Henrique Farias de. **Ensino de História, Memória e História Local**. Paraná: Secretaria de Estado da Educação, 2013, p. 1-27. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/junho2013/historia_artigos/barros.pdf, acesso em: 24 jan. 2023.
- BITTENCOURT, C. Identidade nacional e ensino de história do Brasil. In: KARNAL, Leandro (Org.). **História na sala de aula**: conceitos, práticas e propostas. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 185-204.
- BOCCANERA JR., Sílio. **O centenário do Theatro São João na Bahia**: Conferências [s.n.], Bahia, s/e, 1914.
- BOCCANERA, Júnior Sílio. **O teatro na Bahia: da colônia à República (1800-1923)**. Salvador: EDUFBA/EDUNEB, 2008.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: 1988.
- CHOAY, Françoise. **Alegoria do Patrimônio**. Lisboa: Edições 70, 2008.
- CHUVA, Márcia. Preservação do Patrimônio Cultural no Brasil: uma perspectiva histórica, ética e política. In: CHUVA, Márcia; NOGUEIRA, Antonio Gilberto Ramos (Org.) **Patrimônio Cultural**. Políticas e perspectivas de preservação no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad, 2012, p.67-78.

COELHO, Márcia Azevedo. Teatro na escola: uma possibilidade de educação efetiva. **Polêm!ca**, Vol. 13, n° 2, Rio de Janeiro, UERJ, 2014. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/10617/8513>, acesso em: 25 mar. 2023.

CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares da; MONTEIRO, Rísia Rodrigues Silva; MELO, Rafaela Cravo de. Produção de documentação oral e preservação da memória do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe. **Rev. Iberoam. Patrim. Histórico-Educativo**, Campinas (SP), v. 4, n. 2, p. 379-395, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/ridphe/article/view/9668/5157>, acesso em: 24 mai. 2023.

CORDEIRO, Ana Gomes. **Os percursos, os fatos e os lugares**: contribuição para memória urbana da cidade do Salvador. Dissertação em Arquitetura e Urbanismo. Salvador: UFBA, 2003. 96p.

CORRÊA, Denise Avelino. **Alegoria da República**: O pano de boca da sala de espetáculos do Theatro da Paz (1890) e a representação da nação paraense republicana. Dissertação de Mestrado em História da Arte. Guarulhos: FFLCH/UNIFESP, 2017. 162p.

DICIO DICIONÁRIO *On Line* de Português. **Verbetes “Interesse”**. Porto: 7 Graus, 2023. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/interesses/>, acesso em: 04 jul. 2023.

ESCOLA DE TEATRO JULIANA LEITE. **Termos Técnicos de Teatro**. 11 dez. 2019. Disponível em: <https://teatrolimeira.com.br/2019/12/11/termos-tecnicos-de-teatro/#:~:text=PANO%20DE%20BOCA%20%E2%80%93%20Cortina%20que,encobre%20da%20vista%20do%20p%C3%BAblico.>, acesso em: 28 mai. 2023.

FARIA, Anália Rodrigues. **O desenvolvimento da criança e do adolescente segundo Piaget**. 2ª edição. São Paulo: Ática, 1993.

FAVA, Inayá Lobo; MARTINS, Patrícia Cristina Statella; LARA, Camila de Brito Quadros. Educação Patrimonial: estudo de caso em uma escola municipal de Dourados/MS. In: **Anais do VIII Congresso Internacional de História e XXII Semana de História**. Maringá: UEM, 2017, p. 2856 – 2863. Disponível em: <http://www.cih.uem.br/anais/2017/trabalhos/3526.pdf>, acesso em: 20 nov. 2020.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e história oral. **Topoi**, Rio de Janeiro, dezembro 2002, pp. 314-332.

FERRINI, Juliana Esperança. **O encontro entre o ensino de História e patrimônio cultural**: Uma proposta a partir da educação de jovens e adultos. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História). São Paulo: ProfHistória/UNIFESP, 2019.

FLEXOR, Maria Helena Ochi. Sinopse informativa (contracapa) In: NEVES, Maria Helena Franca. **De la traviata ao maxixe**. Variações estéticas da prática do São João. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia; Empresa Gráfica da Bahia, 2000.

FRANCO, Aninha. **O teatro na Bahia através da imprensa século XX**. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1994.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio**: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

GOMES, Johnny Pereira. **Produtos Educacionais no Ensino de História: a influência das cores no design gráfico à luz da Teoria das Cores**. Maringá: Labtempo/UEM, 2023 (*no prelo*).

GOMES, Maria Antônia Lima. **Museu virtual para o antigo Teatro São João da Bahia, através de uma abordagem socioconstrutivista**. Tese (Doutorado). Salvador: Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEDUC/Universidade do Estado da Bahia, 2017.

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA. **Colégio Estadual Rotary de Itapua completa 70 anos de fundação com homenagem da comunidade escolar**. 26 jun. 2021. Disponível em: <http://escolas.educacao.ba.gov.br/noticias/colégio-estadual-rotary-de-itapua-completa-70-anos-de-fundacao-com-homenagem-da-comunidade-#:~:text=Sobre%20o%20Rotary%20E2%80%93%20Em%201951,surgiu%20a%20Escola%20Estadual%20Rotary.,> acesso em: 25 jan. 2023.

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA. Instrução Normativa n°03/2021 In: **Diário Oficial da Bahia**, 09 de junho de 2021.

HISOUR – Arte, Cultura e Exposição. **Estilo Luís XVI**. Disponível em: <https://www.hisour.com/pt/louis-xvi-style-29327/>, acesso em: 25 mar. 2023.

HORTA, M. L. P.; GRUNBERG, E.; MONTEIRO, A. Q. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: IPHAN/Museu Imperial, 1999.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Educação Patrimonial**. Histórico, conceitos e processos. Brasília, DF: IPHAN; MinC, 2014.

JESUS, Mateus Mozart Dórea de; ROCHA, Sheila Marta Carregosa. O IDH da cidade do Salvador: uma visão sociológica tendo em vista alguns aspectos que ferem os direitos humanos na cidade do Salvador. In: **Anais da 21ª SEMOC – Alteridade, Direitos Fundamentais e Educação**, Salvador, UCSAL, p. 1-12, 2018. Disponível em: <http://ri.ucsal.br:8080/jspui/bitstream/prefix/1216/1/O%20IDH%20da%20cidade%20do%20Salvador.pdf>, acesso em: 28 mar. 2023.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: _____. **História e Memória**. 2º vol. (Memória). Lisboa: Edições 70, 2000, p.103-115.

LEITE, Andréia; MENEZES, Márcio; GORINI, Décio. **Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. Artes. DF, Brasília: Ed. Elabore, 2022.

LENOIR, Carolina. Entenda como funciona e amadurece o cérebro dos adolescentes. **Estado de Minas**, Tecnologia. 11 dez. 2012. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/tecnologia/2012/10/11/interna_tecnologia,322925/entenda-como-funciona-e-amadurece-o-cerebro-dos-adolescentes.shtml#google_vignette, acesso em: 26 abr. 2023.

MARCO, Anita Di; REIS, Vanessa C.T. **Saber Ver**. Teatro Capitólio, patrimônio cultural. Rio de Janeiro: Rio Books, 2021.

MATTOSO, Kátia M. de Queiroz. **Bahia Século XIX**. Uma província no Império. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

MELLO, Janaina Cardoso; ZARBATO, Jaqueline Aparecida Martins. Memória, patrimônio cultural e processos educativos: diálogos e reflexões históricas. **Saeculum**, Revista de História, v. 27, n. 46, João Pessoa, p. 212-221, jan./jun. 2022.

MOREL, Marco. **As transformações dos espaços públicos**. Imprensa, atores políticos e sociabilidades na cidade Imperial (1820-1840). São Paulo: Hucitec, 2005.

NEVES, Maria Helena Franca. **De La Traviata ao maxixe**. Variações estéticas da prática do São João. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia; Empresa Gráfica da Bahia, 2000.

PALMEIRA, Roseanny Gomes Santos. **O Espetáculo da Evolução**: A Arquitetura do Teatro no Nordeste do Brasil, 1850-1930. TCC de e Graduação em Arquitetura e Urbanismo. João Pessoa: UFPB, 2017.

PELEGRINI, Sandra C. A. O Patrimônio Cultural e a materialização das memórias individuais e coletivas. **Revista Patrimônio e Memória**, UNESP, FCLAs, CEDAP, v.3, n.1, 2007 p. 87-100.

_____. Cultura e natureza: os desafios das práticas preservacionistas na esfera do patrimônio cultural e ambiental. **Revista Brasileira de História**. São Paulo 2006, v. 26, nº 51, p. 115-140.

PINHEIRO, Áurea da Paz. Patrimônio cultural e museus: por uma educação dos sentidos. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 58, p. 55-67, out./dez. 2015.

_____. Memória, ensino de história e patrimônio cultural. In: PINHEIRO, Áurea da Paz; PELEGRINI, Sandra C. A. (Org.) **Tempo, Memória e Patrimônio Cultural**. Teresina: EDUFPI, 2010, p. 29-54.

POLLAK, Michel. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

QUADROS, Adriana de Souza. **A minha escola também tem história**: uma proposta de ensino de história através do patrimônio com turmas do 6º ano do ensino fundamental final da Escola Estadual de Educação Básica Fernando Gomes (Porto Alegre/RS). Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História). Porto Alegre: ProfHistória, UFRGS, 2016.

RAMOS, Thiago Lisboa. **Para além dos museus**: Por um ensino de História Patrimonial a partir do Palácio dos Rio Negro. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) ProfHistória, UFRJ, 2020.

RAUSCH, Rita Buzzi. Professor-pesquisador: concepções e práticas de mestres que atuam na educação básica. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 12, n. 37, p. 701-717, set./dez. 2012. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/de/v12n37/v12n37a05.pdf>, acesso em: 08 out. 2020.

REBOUÇAS, Maria Vitória Alvares. Teatro Guarany: um parâmetro para a Educação Patrimonial. **Revista Ceciliana**, Número Especial: Patrimônio Cultural – Memória e Preservação, São Paulo, maio. 2012, p. 1-9. Disponível em: https://sites.unisantabr.br/revistaceciliana/educacao_especial_museus/TEXT013.pdf, acesso em: 20 fev. 2023.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: EDUNICAMP, 2007.

ROBATTO, Lucas; RODRIGUES, Clara Costa; SAMPAIO, Marcos da Silva. **Os primórdios do Teatro São João desta cidade da Bahia (1806-1821)**. 2003. Disponível em: <https://marcos.sampaio.me/files/robato-ea2003-primordios.pdf>, acesso em: 25 set. 2020.

RODRIGUES, Simone de Melo. **Arquitetura Art Déco, Cinema e Teatro**: Resgate da história e fomento da cultura e lazer em Bicas-MG. TCC do Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo. Juiz de Fora, MG: Faculdade Doctum de Juiz de Fora, 2020. 168p.

ROMANO, Dayane Busato. **História Local e Patrimônio industrial**: visitando e aprendendo com a Estação Serícola de Barbacena. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História). Rio de Janeiro: ProfHistória/UNIRIO, 2019.

ROSA, Aline Machado de Farias; SOUZA, Gabriel Barros Gonçalves de; CAVALCANTE, Marília Moreira. A urbanização do bairro de Itapuã, Salvador (BA). Baru – **Revista Brasileira de Assuntos Regionais e Urbanos**, Goiânia, 2022, e12657, vol. 8, p. 1-23. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/baru/article/view/12657/5756>, acesso em: 28 mar. 2023.

RUSEN, Jorn. Conscientização histórica frente à pós-modernidade: a história na era da “nova transparência”. **Revista História, questões e debates**, Curitiba, Departamento de História, UFPR, Ano 12, n. 20-21, 1997.

RUSEN, Jorn. **Razão Histórica**. Brasília: Editora Unb, 2001.

RUY, Affonso. **Boêmios e seresteiros baianos do passado**. Salvador: Progresso, 1959.

_____. **História do Teatro na Bahia**: séculos XVI-XIX. Salvador: Progresso, 1959.

SASS, Odair; LIBA, Flavia Roberta Torezin. Interesse e a Educação: Conceito de junção entre a Psicologia e a Pedagogia. **Imagens da Educação**, v. 1, n. 2, p. 35-45, 2011.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2010 (Pensamento e ação na sala de aula).

SHAKESPEARE, William. Uma peça como você gosta (*As you like it*). Trad. e adap. Geraldo Carneiro. **Cadernos de Teatro**. Rio de Janeiro, O Tablado, 1985.

SILVA, Aletícia, Rocha da. **Educação Patrimonial no Ensino de História**: Feira livre como espaço de aprendizagem histórica em Colinas de Tocantins. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História). Araguaína: Universidade Federal de Tocantins, 2018.

SILVA, Cássio Geovani da; GONÇALVES, Regina Célia. Subindo a ladeira: Educação Patrimonial e Ensino de História através da Arte. **Anais do 7º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária**. Ouro Preto: UFOP, 2016, p. 1-11.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2009.

SILVA, Maria Beatriz Nizza. **A Primeira Gazeta da Bahia** - Idade D'Ouro do Brazil. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia. 2005, 2ª edição.

_____. A vida cotidiana. In: _____. **A Primeira Gazeta da Bahia** - Idade D'Ouro do Brazil. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia. 2005, 2ª edição. p. 179-202.

SILVA, Neemias Oliveira da. Patrimônio e Corpo: o Cine Teatro São Joaquim como paisagem das emoções na cidade de Goiás. **Travessias**, Cascavel, v. 17, n. 1, p. 1-11, jan./abr. 2023.

SOUSA, Bruna Baccti. **Narrar é resistir**. Usos do patrimônio, memória e teatro na cidade de São Paulo. TCC de Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo. São Paulo: FAU/USP, 2021. 205p. Disponível em: https://issuu.com/bruna_bacetti/docs/2021_brunabacettisousa_reduzido, acesso em: 20 jan. 2023.

SOUZA, Ana Carla Marostica de; SIQUEIRA, Aline Cardoso; KUJAWA, Israel; PATIAS, Naiana Dapieve. Motivação para aprender em adolescentes do Ensino Médio de uma escola pública militar. **Psico**, Porto Alegre, 2019; 50 (1): e25895, p. 1-8. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/25895/pdf>, acesso em: 20 jan. 2023.

SOUZA, Cláudio Roberto de. Entre a Praça e o Teatro: o Ensino de História Local a partir do Patrimônio Histórico em Timbaúba/PE. **Anais do 30º Simpósio Nacional de História** - ANPUH, Recife/PE, 2019, p. 1-16.

SOUZA, José Clécio Silva de. Ensino de História: uma reflexão sobre materiais e métodos de ensino. **Revista Educação Pública**, v. 20, nº 37, 29 de setembro de 2020. Disponível em: https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/37/joseph-ensino-de-historia-uma-reflexao-sobre-materiais-e-metodos-de-ensino_, acesso em: 22 dez. 2020.

TAVARES, Luís Henrique Dias. Evolução da economia agrária, voltada para a exportação e baseada no trabalho escravo. In: _____. **História da Bahia**. 12 ed. (rev e ampl.). – Salvador: EDUFBA; São Paulo: UNESP, 2019, p. 289-299.

TAVARES, Luís Henrique Dias. Evolução social e política. In: _____. **História da Bahia**. 12 ed. (rev e ampl.). Salvador: EDUFBA; São Paulo: UNESP, 2019. p. 277-287.

TAVARES, Luís Henrique Dias. **História da Bahia**. 12 ed. (rev e ampl.). Salvador: EDUFBA; São Paulo: UNESP, 2019.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e Linguagem**. Edição eletrônica: Ridendo Castigat Mores, setembro, 2001.

ZARBATO, Jaqueline; SCHOSSLER, Joana Carolina; CARVALHO, Aline Vieira. Educação patrimonial, História pública e ensino: análise e possibilidades para a História **Fronteiras: Revista de História**, vol. 21, núm. 38, 2019, p. 54-64.

Sites consultados (Imagens do teatro)

Enciclopédia Itaú Cultural. Teatro São João e Largo do Teatro. Disponível em: <<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra28593/teatro-sao-joao-e-largo-do-teatro>>. Acesso em 20 de jan. de 2023.

Guia Geográfico Salvador Bahia. **Theatro São João**. Disponível em: <<http://www.bahia-turismo.com/salvador/teatros/sao-joao.htm>> Acesso em 20 de jan de 2023.

_____. **Antigo Largo do Theatro**. Disponível em: <<http://www.bahia-turismo.com/salvador/antiga/fotos/largo-theatro.htm>>. Acesso em 20 de jan de 2023.

_____. **Theatro Bahia**. Disponível em: <<http://www.bahia-turismo.com/imagens/theatro-bahia.jpg>>. Acesso em 20 de jan. de 2023.

_____. **Imagens antigas da Praça Castro Alves**. Disponível em: <<http://www.bahia-turismo.com/salvador/teatros/sao-joao-antigas.htm>>. Acesso em 20 de jan. de 2023.

_____. **Os panos de Boca do Theatro São João**. Disponível em: <<http://www.bahia-turismo.com/salvador/teatros/panos-boca.htm>>. Acesso em 20 de jan. de 2023.

ANEXOS

Questionário nº 1

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA**

Caros:

Sou Lídia Ramos do Nascimento, mestranda em Ensino de História pela Universidade Federal de Sergipe e desenvolvo pesquisa na área de Ensino de História Local sob a orientação do Prof. Itamar Freitas (<http://lattes.cnpq.br/5606084251637102>). Gostaria da sua colaboração no sentido de fornecer algumas informações que possam auxiliar no desenvolvimento do meu trabalho de dissertação.

Agradeço por colaborar

Lídia Ramos do Nascimento. (<http://lattes.cnpq.br/6601512618917137>).

Questionário

I - Identificação

1. Nome: _____

2. Idade: _____

3. Naturalidade: _____

4. Série: _____

Turma: _____

Turno: _____

5. Bairro você mora: _____

6. Marque um X em locais que você e sua família costumam frequentar:

Clube () Igreja () Teatro () Cinema () Praia () Show de música ()

Estádio de futebol () Museu () Restaurante () Shopping Center ()

Outros () Qual (is) : _____

II - Sobre a relação Ensino de História e História Local

1. Do que você mais gosta de aprender na disciplina História?

2. Do que você menos gosta de aprender na disciplina História?

3. Você acha importante estudar História?

() Sim

() Não

Se marcar “Sim”, por favor, justifique a resposta.

4. Já estudou histórias de Salvador ou da Bahia dentro da escola?

() Sim

() Não

Se marcar “Sim”, por favor, informe:

em qual série/ano você estudou;

quais assuntos estudou.

5. Já leu ou ouviu ou assistiu histórias de Salvador ou da Bahia fora da escola?

() Sim

() Não

Se marcar “Sim”, por favor, informe:

onde leu, ou viu ou assistiu;

quais assuntos leu, ou viu ou assistiu.

6. Você gostaria de estudar histórias de Salvador ou da Bahia nas suas aulas de História?

Sim

Não

Se marcar “Sim”, por favor, informe:

Que assuntos você gostaria de estudar?

Por que gostaria de estudar esses assuntos?

7. Com qual frequência você assiste peças ao teatro?

Uma vez por ano

Mais de uma vez por ano

Nunca assisti peças de teatro

Se marcar que já assistiu peças de teatro, por favor, informe: onde assistiu?

na escola

no Teatro

em outros espaços _____

8. Você conhece o Teatro São João da Bahia?

Sim

Não

Se marcar “Sim”, por favor, informe:

O que você sabe sobre o Teatro São João da Bahia?

Onde aprendeu?

Obrigada pela sua participação!

Atividade de ACC - Atividade Curricular Complementar de Ciências Humanas. Colégio Estadual Rotary.

Prof.^a Lídia Nascimento.

Horário do evento: 8 de setembro a 10 de novembro de 2021. Toda quarta-feira das 9:00 h às 10:00 H.

Aulas assíncronas via plataforma google meet e google classroom.

Carga horária: 20 horas.

Nome: _____

E-mail: _____

Série: () 1º Ano () 2º Ano () 3º Ano () 3º Ano 20

Turno: () Matutino () Vespertino () Noturno

Turma: ____

Qual sua idade? _____

Em que bairro você mora? _____

Você gosta de História? () Sim () Não

Por quê?

Você já ouviu falar ou estudou sobre o teatro São João? () Sim () Não

Onde você ouviu falar sobre o teatro São João?

() Colégio () Livros () Revistas () Jornal () Internet () Redes Sociais (whats zap; Instagram. facebook; tweeter) () Televisão

O que lhe motivou a fazer a inscrição nesse curso? O que você espera dele

Questionário Avaliativo do Curso: A história do teatro na Bahia – A história do teatro São João (1812-1923)

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA**

Caros:

Sou Lídia Ramos do Nascimento, mestranda em Ensino de História pela Universidade Federal de Sergipe e desenvolvo pesquisa na área de Ensino de História Local sob a orientação do Prof. Itamar Freitas (<http://lattes.cnpq.br/5606084251637102>).

Gostaria da sua colaboração no sentido de fornecer algumas informações que possam auxiliar no desenvolvimento do meu trabalho de dissertação.

Agradeço por colaborar

Lídia Ramos do Nascimento. (<http://lattes.cnpq.br/6601512618917137>).

Queridos:

Chegamos ao final de nosso curso, agora queremos saber a sua opinião sobre ele. Obrigada pela sua colaboração!

Profª Lídia Nascimento.

Questionário

I - Identificação

1. Nome: _____

2. Email: _____

2. Idade: _____

3. Série: _____

4. Turma: _____

5. Turno: _____

II - Sobre a relação Ensino de História e História Local

1. Você conhecia a história de Salvador ou da Bahia?

() Sim, um pouco.

() Sim, muito.

() Não.

2. Você achou importante conhecer mais sobre a história de Salvador ou da Bahia, durante as aulas do Curso A História do teatro na Bahia: A história do teatro São João?

() Sim.

() Não

3. Se você respondeu sim à pergunta anterior, justifique a sua resposta.

4. Os temas trabalhados no Curso: A história do teatro na Bahia: A história do teatro São João, despertaram o seu interesse em conhecer mais sobre a história de Salvador ou da Bahia?

() Sim, muito.

() Sim, um pouco.

() Não.

5. Você gostaria de continuar estudando temas referentes a História de Salvador ou da Bahia na disciplina História?

Sim.

Não

Tanto faz.

6. Se você respondeu sim à pergunta anterior, em que modalidade de ensino você gostaria de estudar essas temáticas de história local?

Aulas de História presenciais.

Cursos via plataformas digitais: google meet, Classroom

De forma híbrida, utilizando as duas modalidades , aulas presenciais e aulas utilizando as plataformas digitais: google meet, e classroom,

7. Que temas da história de Salvador ou da Bahia você gostaria de estudar em suas aulas da disciplina História?

8. Assinale a (s) dificuldade (s) que você apresentou durante o curso.

Problemas de conexão internet

Trabalho no horário do curso.

Dificuldades em compreender o conteúdo do curso.

Dificuldades em realizar as atividades.

Não se aplica, não tive dificuldades.

Outros.

9. Que temas do Curso a História do teatro da Bahia: A História do Teatro São João você mais gostou de estudar?

A história do Teatro São João

Os teatros da Bahia no século XVI ao século XIX

O patrimônio Histórico

Os patrimônios desaparecidos na Bahia

O Teatro São João e o Movimento abolicionista na Bahia

O teatro São João e a música: lundu, modinhas e maxixe.

Não se aplica, não gostei de nenhum desses temas.

Outros.

10. Como você acha que as aulas de História se tornariam mais interessantes?

11. O Curso a História do teatro na Bahia: A História do teatro São João atendeu as suas expectativas?

Sim

Não

12. Justifique a sua resposta da pergunta anterior.

Obrigada pela sua participação!

LARGO DO TEATRO - TEATRO SÃO JOÃO- CARNAVAL 1910

ANÔNIMO (1910- CIRCA)

LARGO DO TEATRO - TEATRO SÃO JOÃO E O KURSAAL - BAIANO 1921

Vista da Praça Castro Alves com teatro Kursaal-Bahiano à direita.

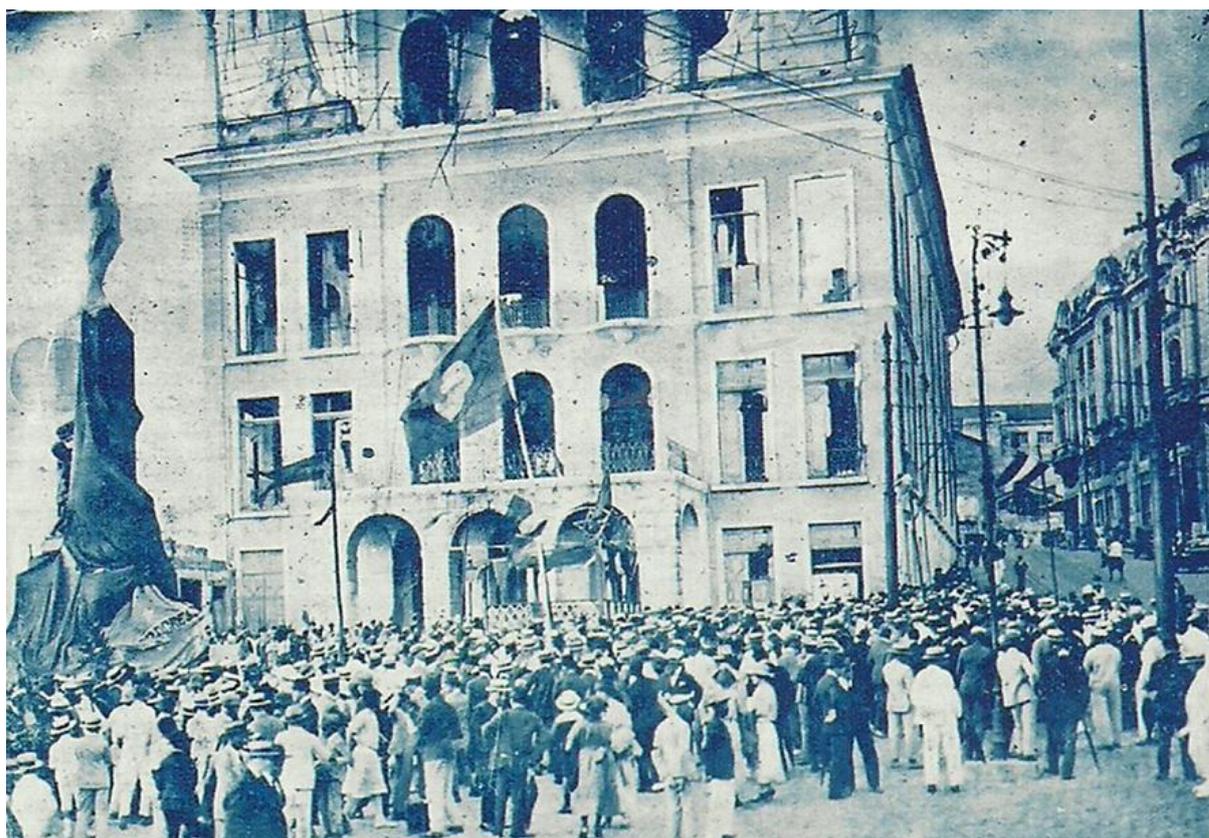


Fonte: Bahia Illustrada, 1921, n. 35, s/p.

1923 INAUGURAÇÃO DA ESTÁTUA DE CASTRO ALVES EM FRENTE AO TEATRO SÃO JOÃO FUNDO

Aqui o teatro já estava em ruínas, depois do incêndio, do dia 06 de junho de 1923.

Em placa de mármore numa das faces da base se lê: “A Bahia a Castro Alves”. O monumento é de autoria do escultor Pasquale de Chirico, foi inaugurado em 6 de julho de 1823 e está localizado na Praça Castro Alves.



Disponível em: <https://blogs.ibahia.com/a/blogs/memoriasdabahia/2012/07/31/a-inauguracao-da-estatua-de-castro-alves/>

Obras da Praça castro Alves



Foto: Cleber Sandes/Folhapress 27/12/2019

RUÍNAS DO TEATRO SÃO JOÃO ENCONTRADAS EM 2019

